

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Daniela Alexandre Ferreira

“Quem trança uma vez não deixa de trançar nunca mais”: raça, gênero e
sociabilidades em um salão afro

Juiz de Fora
2024

Daniela Alexandre Ferreira

“Quem trança uma vez não deixa de trançar nunca mais”: raça, gênero e sociabilidades em um salão afro

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a Obtenção do título de doutorado.

Orientador: Prof. Raphael Bispo dos Santos

Coorientadora: Prof.^a Denise Cruz Costa Ferreira

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pela autora

Ferreira, Daniela Alexandre. Quem trança uma vez não deixa de trançar nunca mais: raça, gênero e sociabilidades em um salão afro / Daniela Alexandre Ferreira. -- 2024.

123 f. : il.

Orientador: Raphael Bispo dos Santos
Coorientadora: Denise Cruz Costa
Ferreira

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, 2024.

1. Estética negra. 2. penteados trançados. 3. cultura afro-brasileira. 4. autoestima. 5. projetos sociais. I. Santos , Raphael Bispo dos , orient. II. Ferreira , Denise Cruz Costa , coorient. III. Título.

Daniela Alexandre Ferreira

“Quem trança uma vez não deixa de trançar nunca mais”: raça, gênero e sociabilidades em um salão afro

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a Obtenção do título de doutorado.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Raphael Bispo dos Santos
Orientador

Prof.^a Denise Cruz Costa Ferreira
Coorientadora

Prof.^a Carolina dos Santos Bezerra Perez
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Rogéria Campos de Almeida Dutra
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.^a Lorena Mochel Reis
Museu Nacional - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Luane Bento dos Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho aos meus pais!

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente aos meus professores e amigos pelo seu importante apoio no desenvolvimento deste trabalho. A espiritualidade, a Oxóssi e a Iemanjá que me ajudaram crucialmente nesta etapa, e estou grato por isso. Agradeço também à CAPES pelo privilégio concedido. A Joelma e à Hevelliny, que, gentilmente, abriram as portas do salão para a realização da pesquisa. Deixo a minha sincera gratidão ao meu orientador Raphael Bispo dos Santos e à minha orientadora Denise Ferreira da Costa Cruz pelo apoio e orientação ao longo desta jornada. A minha família, que esteve presente durante os quatro anos de doutorado e durante toda a minha trajetória acadêmica. No mais, agradeço a todos aqueles que estiveram presentes e contribuíram para o meu crescimento e sucesso neste período.

“Filha do guerreiro de uma flecha só”

RESUMO

Esta tese investiga o *Salão Afro Tranças* em Santos Dumont, Minas Gerais, como um espaço multifacetado que integra estética negra, sociabilidade e projetos sociais. Localizado no centro da cidade, o salão é um ponto de encontro para a realização e discussão de penteados trançados, além de servir como um espaço de valorização da cultura afro-brasileira e da autoestima das mulheres negras. A pesquisa destaca como o salão, idealizado para promover a escuta e a valorização da estética negra, também atua como um agente de transformação social através da realização de eventos e projetos que visam a valorização da estética negra. Observasse que as trancistas desempenham um papel fundamental na criação de laços duradouros com as clientes, reforçando a importância cultural dos penteados trançados e a influência desse vínculo na autoestima e identidade das mulheres negras. A compreensão de que os cabelos mais crespos se beneficiam dos penteados trançados é uma característica marcante das clientes do salão.

Palavras-chave: Estética negra, penteados trançados, cultura afro-brasileira, autoestima, sociabilidade, projetos sociais.

ABSTRACT

This thesis investigates the *Afro Braids Salon* in Santos Dumont, Minas Gerais, as a multifaceted space that integrates Black aesthetics, sociability, and social projects. Located in the city center, the salon serves as a meeting point for creating and discussing braided hairstyles, as well as a space for promoting Afro-Brazilian culture and the self-esteem of Black women. The research highlights how the salon, designed to foster listening and appreciation of Black aesthetics, also acts as an agent of social transformation through events and projects aimed at enhancing Black aesthetics. It is observed that braiders play a crucial role in forming lasting bonds with clients, reinforcing the cultural significance of braided hairstyles and their impact on the self-esteem and identity of Black women. The understanding that coarser hair benefits from braided hairstyles is a notable characteristic among the salon's clients.

Keywords: Black aesthetics, braided hairstyles, Afro-Brazilian culture, self-esteem, sociability, social projects.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	A réplica da Torre Eiffel no centro da cidade de Santos Dumont..	16
FIGURA 2	A estátua de Santos Dumont.....	17
FIGURA 3	A inauguração do Salão Afro Tranças.....	20
FIGURA 4	Os quadros que decoram o Salão Afro Tranças.....	21
FIGURA 5	O Shopping Campos Henriques.....	22
FIGURA 6	A porta de entrada para o Salão Afro Tranças.....	23
FIGURA 7	O primeiro andar do Shopping Campos Henriques.....	24
FIGURA 8	No interior do salão onde penteados são realizados.....	31
FIGURA 9	Tabela de preços dos penteados afros do Salão Afro Tranças....	36
FIGURA 10	Joelma trançando os meus cabelos em casa.....	50
FIGURA 11	Caroline usando tranças nagôs.....	54
FIGURA 12	Danúbia usando o penteado trançado box braids.....	55
FIGURA 13	Danúbia com box braids pretas.....	56
FIGURA 14	Danúbia com as box braids e baby hair.....	57
FIGURA 15	Os pacotes de jumbos expostos no Salão Afro Tranças.....	59
FIGURA 16	Caroline usando o penteado trançado gipsy braids.....	62
FIGURA 17	O trançado da trança nagô.....	64
FIGURA 18	As tranças soltas.....	65

FIGURA 19 Joelma e Hevelliny no Desfile da Beleza Negra de 2021.....109

FIGURA 20 Evento Ela é Preta Ela é linda na Praça Cesário Alvim.....110

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O SALÃO AFRO TRANÇAS: “A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ ALISADA”	14
1.1 O SALÃO NO CONTEXTO DA CIDADE DE SANTOS DUMONT	16
1.2 SOU TRANCISTA OU CABELEIREIRA? OS DESAFIOS ENFRENTADOS NA ATUAÇÃO LABORAL	25
1.3 “A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ ALISADA”	36
2 AS PERCEPÇÕES SOBRE OS PENTEADOS TRANÇADOS NO SALÃO AFRO TRANÇAS	46
2.1 FAZENDO CAMPO E TRANÇANDO OS CABELOS: “UMA CLIENTE QUE VIROU AMIGA”	46
2.2 AS PRÁTICAS CORRIQUEIRAS DOS PENTEADOS TRANÇADOS NO CONTEXTO DO SALÃO AFRO TRANÇAS: “VAMOS FAZER UMA BASE DE NAGÔ”	51
2.3 AS PERCEPÇÕES SOBRE OS TIPOS DE CABELO E SUAS MANIPULAÇÕES: NO COTIDIANO DO SALÃO:	63
2.4 “PESSOAS BRANCAS DEVEM FAZER O CABELO DE PESSOAS BRANCAS E PESSOAS NEGRAS DEVEM FAZER O CABELO DE PESSOAS NEGRAS”	77
2.5 “O DESEJO POR MUDANÇAS CAPILARES	82
3 O SALÃO: “UM ESPAÇO “ACONCHEGANTE”	91
3.1 O COTIDIANO DO SALÃO AFRO TRANÇAS	91
3.2 AS SOCIABILIDADES NO SALÃO AFRO TRANÇAS	93
3.3 O SALÃO E O QUILOMBISMO	101
3.4 A CONSTRUÇÃO DE REDES E O MOVIMENTO DANDARA	103
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	114

1 INTRODUÇÃO

Ingressei na Universidade Federal de Juiz de Fora em 2011, no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Nesse curso descobri meu interesse pela Antropologia Urbana. Comecei a realizar etnografias muito cedo, mesmo com pouca experiência. A cidade de Santos Dumont em Minas Gerais é a minha cidade natal. Até o mestrado, todos os meus trabalhos de campo foram realizados ali. Escolhi observar os moradores do meu bairro: o bairro Nossa Senhora Aparecida, também conhecido como bairro do "Ó". Alcinha recebeu devido ao trajeto percorrido pelo trem no formato da letra O. Para a conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Humanas, realizei uma etnografia no Salão da Grace Kelly. O trabalho foi intitulado "Estética e Sociabilidade: O Salão de Beleza como Ponto de Encontro". O salão investigado demonstrou ser um local de diversos usos sociais para as frequentadoras, extrapolando o uso meramente estético.

Em sequência, a monografia apresentada para concluir o curso de Bacharelado em Ciências Sociais foi fruto da etnografia realizada na "Bica", uma mina de água considerada espaço de memória e sociabilidade no Bairro Nossa Senhora Aparecida. O título escolhido foi "Bica do Bairro do Ó: Construção do Espaço, Memória e Sociabilidade na Cidade de Santos Dumont". Na pesquisa de mestrado, acompanhei o movimento eclesial das Mulheres do Terço de Santa Mônica, no bairro Nossa Senhora Aparecida. As mulheres do Terço agiam motivadas por dois objetivos: a "ajuda" e a sociabilidade. Na construção do projeto de doutorado, senti a necessidade de produzir algo que refletisse minhas vivências como mulher preta.

Na vida adulta, decidi abandonar os alisamentos químicos após assistir a uma série de vídeos no *YouTube* sobre a temática. Usar henê aos sábados era um ritual praticado pelas mulheres da minha família. Comecei a alisar o cabelo na infância e nunca conheci de fato a textura do meu cabelo. Nilma Gomes (2002) afirmou que a maioria das mulheres negras que alisam os cabelos sofreu na infância com problemas de autoestima e dificuldades para cuidar dos cabelos. Édila Matos (2015) compreendeu que o alisamentos capilares são uma tentativa de camuflar o estigma que afeta o corpo negro, porque o cabelo crespo possui um juízo de valor na sociedade brasileira, remanescente da escravidão e da tentativa de embranquecer a população no início do século XX (Matos, 2015). Em 2014, resolvi abandonar os alisamentos químicos e passar pelo processo de "transição capilar". O conceito de

“transição capilar”. Segundo Larisse Gomes (2014) a transição capilar é um processo que ocorre quando as pessoas deixam de realizar procedimentos químicos, tais como relaxamentos, alisamentos e/ou escovas "inteligentes", com o objetivo de modificar o formato do fio. Um processo de mudança, que implica em transformações, adaptação e saída de um lugar-comum para outro. Dessa forma, a aceitação é um elemento que se forma ao longo do processo (Gomes,2014).¹

Através das minhas vivências, adquiri um interesse acadêmico pelo tema. Sendo assim, depois da aprovação no doutorado, decidi realizar uma etnografia num salão de beleza “afro” na minha cidade de Santos Dumont, MG, que sempre serviu de pesquisa de campo para meus projetos acadêmicos e visando a concretização de meus interesses de pesquisa no campo das relações étnico-raciais. Essa ideia surgiu devido a minha presença constante no salão de Joelma, a proprietária do *Salão Afro Tranças*. Conheci seu trabalho após lecionar sociologia para sua sobrinha em 2019. Foi nessa época que comecei a experimentar os penteados trançados feitos por ela.

Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada visou compreender os significados e as dinâmicas de um salão “afro” no contexto de uma cidade interiorana de Minas Gerais, através das perspectivas da proprietária, suas funcionárias e as pessoas que frequentam aquele espaço. Evidencia-se ao longo das páginas desta tese as histórias vividas e a sociabilidade naquele local, ressaltando as vivências sobre cabelo, autoestima e afetividade das mulheres negras. Além disso, destacam-se também neste trabalho os papéis políticos que o espaço do salão pode proporcionar para a comunidade negra a partir das trajetórias de Joelma e Hevelliny, bem como as tensões envolvidas entre os termos “cabeleireira” e “trancista” no universo estudado. Por fim, pretende-se elucidar também os significados que os penteados trançados possuem para as frequentadoras do salão. Compreendendo que o cabelo da mulher negra pode ser compreendido como um mecanismo de identidade, pois fornece a oportunidade de entender como a naturalidade da estética negra pode servir para marcar a identidade (Carvalho, 2015). O cabelo transporta múltiplos campos acadêmicos, sendo um dos elementos corporais mais expressivos que possuímos. Ele é um

¹ Em sua tese de doutorado, Luane Santos (2022) afirmou que o trabalho das trancistas não é reconhecido como uma profissão. Ele pode ser entendido como um ofício. Para apresentar esse trabalho como profissão, é necessário o reconhecimento dos direitos pelo Estado, pois não existe uma categoria profissional regulamentada para a atividade de trancista. Nesse sentido, a categoria trancista é uma forma de afirmação de identidade devido as condições históricas e de resistência dos penteados trançados, em que as técnicas muitas das vezes é aprendida no ambiente doméstico. Diferentemente dos aprendizados das cabelereiras que são institucionalizados por meio dos cursos profissionalizante.

aspecto cultural importante no estudo das dinâmicas de segregação e inclusão de uma sociedade (Quintao, 2013).

Destaco que, antropologicamente, isso foi ressaltado com êxito no trabalho pioneiro de Edmund Leach (1983). Nilma Gomes (2019) apontou que no Brasil a construção das identidades negras passou por processos historicamente complexos, desde a escravidão até as formas explícitas de racismo, a constituição da miscigenação racial e cultural. Nesse sentido, o corpo negro é considerado um veículo de resistência. As pesquisas sobre salões “afros” e “étnicos” de Nilma Gomes (2019) demonstraram como esses espaços estéticos e de identidade ajudam a refletir sobre as dinâmicas de conflitos na construção da identidade negra. A autora constatou que estudar os salões “afros” não é investigar apenas sobre cabelos, pois a representação dos mesmos se dá no seio das relações sociais e raciais. Eliane Carvalho (2015), por sua vez, mostrou que existe uma relação entre a construção da identidade negra e o gênero, visando perceber os signos do corpo negro, principalmente das mulheres negras, partindo desse entendimento para compreender as relações étnico-raciais no Brasil. Além disso, como mulher negra, deixo de lado “outsiders within” (Collins, 2016). Para Patrícia Collins (2016) as mulheres negras intelectuais têm o papel de produzir teorias sobre a experiência de mulheres negras que vão definir a perspectiva de mulheres negras para mulheres negras.

A investigação se baseou na metodologia qualitativa, com a realização de trabalho de campo no *Salão Afro Tranças* e entrevistas semiestruturadas com os frequentadores do espaço e as trabalhadoras. Os dados coletados para a produção do texto do exame de qualificação foram obtidos durante a pandemia do coronavírus. O campo iniciou-se em junho de 2021 e se estendeu até 2023. Vale ressaltar que continuei frequentando o espaço e mantenho uma relação de proximidade com Joelma mesmo após o término da pesquisa de campo. Dessa maneira, a coleta de dados não se resume ao período delimitado acima. Saliento que tal delimitação é necessária para fins de organização da pesquisa. Assumo a fidelidade e o distanciamento necessários para constituir uma etnografia satisfatória.

Utilizei fotografias como artifício metodológico para captar cenas através das imagens, que nem mesmo a descrição mais densa (Geertz, 2015) é capaz de transmitir. Acredito que, se as fotos estiverem integradas ao texto, é possível obter uma etnografia panorâmica. Humberto Martins (2013) destacou a importância das imagens na pesquisa etnográfica, servindo como reveladoras dos encontros entre

observados e observadores e na construção continuada e circunstanciada do conhecimento e das representações produzidas durante e após o trabalho de campo. Os objetivos gerais serão descritos por meio de três capítulos.

O primeiro capítulo dimensionou o salão na cidade. Expondo os mecanismos para manutenção financeira do salão, representada pelas mudanças de locais, para situá-lo. Assim, situo as particularidades do Salão *Tranças Afro*, debatendo também sobre os entendimentos que as trancistas, ao se afirmarem como mulheres negras, enfrentam trajetórias demarcadas pelas diversas opressões no mercado de trabalho. O segundo capítulo teve como objetivo compartilhar as vivências e entendimentos em torno da produção corporal, por meio dos penteados trançados das interlocutoras que ao frequentarem o espaço expressam suas subjetividades e percepções sobre seus corpos e suas belezas,

O terceiro capítulo visou compreender o salão como espaço que ao recebe os encontros, onde são negociadas identidades, política, estéticas negras, mas também sociabilidades pode demonstrar como o salão afro pesquisado pode ser compreendido como um “Quilombo Urbano” conceituado por Abdias Nascimento na obra: “O quilombismo: Documentos de uma militância Pan-Africanista” na década de 1980. Além disso, foi ressaltado como as trancistas buscaram efetivar ações em prol da valorização de uma beleza negra, além de eventos que visam a luta antirracista além do espaço do salão.

Em suma, essa tese de doutorado pretende destacar as relações construídas entre uma pesquisadora preta que estuda cabelos crespos em um salão afro onde trabalham e frequentam outras mulheres negras. Ela teve como objetivo explicitar as perspectivas sobre penteados, trançados, cabelos crespos e vivências no salão afro. Através dessa etnografia, pudemos explicitar relações raciais presentes no dia a dia do salão. Além disso, procuro aqui demonstrar que o salão “afro” por mim pesquisado possui um projeto político, presente no discurso das trancistas e interlocutoras sobre as manipulações capilares, diante dos entendimentos que o cabelo, na sociedade brasileira, como foi mostrado por Nilma Gomes (2019), é um signo de procedência étnico-racial. Nesse sentido, defendo nesta tese que o uso de tranças de forma “compulsória” (Cruz, 2018) apresenta significados sobre o entendimento das relações étnico-raciais no Brasil. Compreendendo que a beleza é associada subjetivamente ao sujeito branco (Vainer, 2016), como também é marcada por um racismo generificado (Kilomba, 2020).

2 O SALÃO AFRO TRANÇAS: “A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ ALISADA”

Este capítulo visa compreender os significados e as dinâmicas de um salão “afro” no contexto da cidade de Santos Dumont, situada no interior do Estado de Minas Gerais. A discussão proposta aqui se baseará nos entendimentos das interlocutoras que frequentam e trabalham no espaço. Buscando evidenciar os enredos do cotidiano, discorridos nas narrativas sobre cabelos, autoestima e afetividades. Essas pontuações são atravessadas por relações políticas, sociais, de gênero, raça e classe e destacam os papéis sociais que o salão afro proporciona para a comunidade negra através do trabalho das trancistas.

Socialmente, os salões de beleza podem ser entendidos como espaços voltados para cuidados corporais. Sendo assim, é possível encontrar uma infinidade de salões com diversas especialidades, tamanhos e tipos que se estruturam dependendo da região situada, ou da clientela atendida. Os salões de beleza possuem um caráter heterogêneo, exatamente por se apresentarem de diversas formas:

barbearias, salões “afros”, especializados em cabelos orientais etc. (Bouzón, 2010).

Há uma negociação dos termos salão e barbearia que estabelecem onde homens cortam cabelos ou não demonstrando uma generificação dos espaços. É importante dimensionar como certas formas estéticas têm se tornado também masculinas (Diniz, 2016). Nesse sentido, os significados culturais estabelecidos aos serviços prestados nos espaços de barbearia demonstram os tipos de sujeitos que circulam nesse ambiente. Vale ressaltar que nos salões unissex, a vaidade masculina precisa ser disfarçada e na barbearia, ela pode ser exposta (Santos et. al, 2010). No contexto urbano, os salões destacam-se pela singularidade dos encontros que promovem e pela qualidade das relações construídas naquele espaço. Eles são a materialização típica de um modo de vida metropolitano (Bouzón, 2010).

Segundo Ponte (2018) as crianças também são protagonistas na construção da imagem corporal nos espaços dos salões, ali são propagados que todos os corpos devem ser expostos, vividos e experimentados. Os salões de beleza movimentam esse convite. Sendo assim, sentados nas cadeiras, os corpos de crianças e adultos podem ser manipulados e modificados. A complexidade dos salões de beleza advém da invenção cotidiana que os sujeitos fazem a partir do uso dos espaços em

sociedade. Ele é utilizado como espaço para cuidar da beleza, como palco dos momentos importantes daqueles que passam por ali (Pupa, 2012).

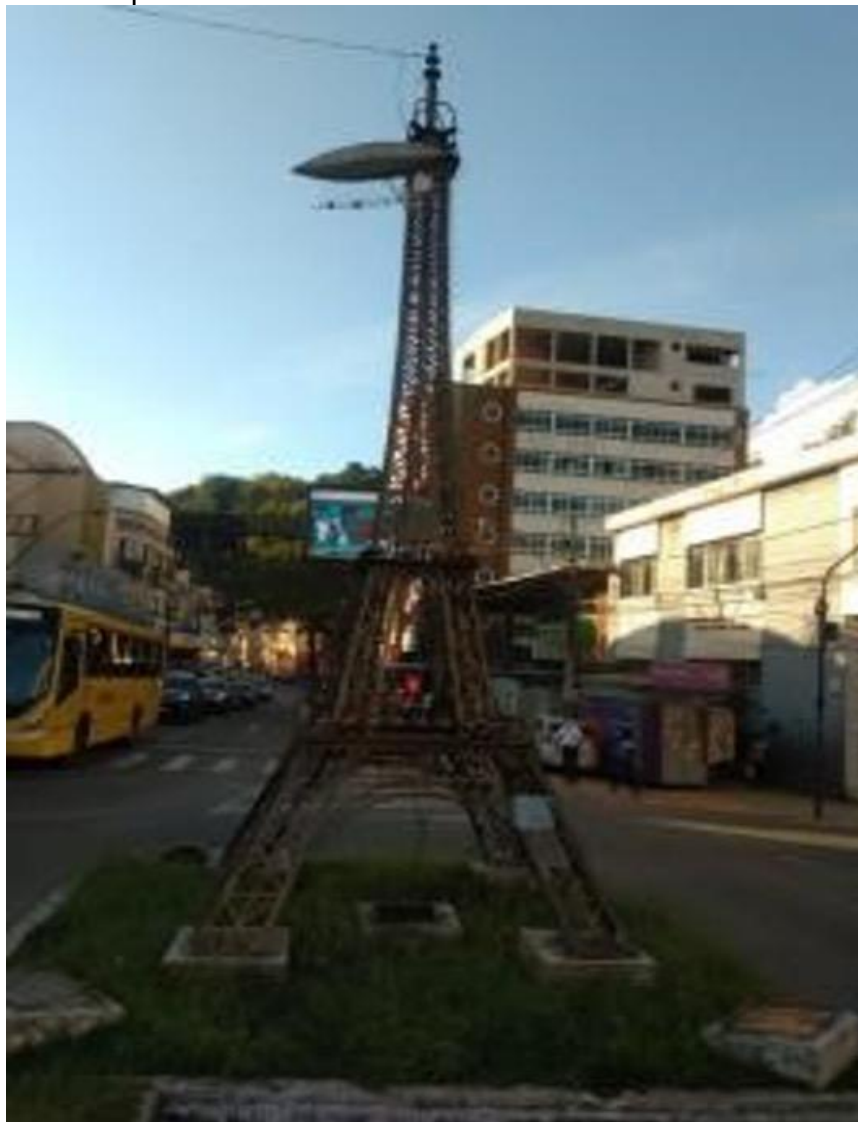
O que torna o estudo das formas de sociabilidade mais valioso nesse contexto de pesquisa é pensar as trocas que compreendem e os tipos de associação que se dão no ambiente dos salões. São trocados não apenas serviços de beleza, mas informações, experiências de vida, presentes, contatos corporais e afetos, entre muitas outras coisas. A troca, neste sentido, deve ser vista enquanto o *nexus* das relações, justamente por ser na atuação, na troca, na relação, que os sujeitos se constroem (Bouzón, 2010). Ao produzir uma etnografia num salão “popular”, um salão de “elite” e um salão de “classe média”, Bouzón (2010) também concluiu que no espaço do salão de beleza a troca deve ser o *nexus* das relações, pois ali não acontece apenas trocas de serviços estéticos, mas de afetos, experiências de vidas, contatos corporais, presentes etc.

Os salões de beleza étnicos ou afros diferem-se dos outros tipos de salões, porque possuem um uso político. Segundo Jocélio Santos (2000) o salão de beleza étnico possui um uso mais político-estético: “mais que cabelo”, ali se faz “a cabeça”. Esse é o espaço mediador da tomada de consciência. É um espaço de sociabilidade e de marcação de *status*. Para Jocélio Santos, (2000, p: 02) “os salões de beleza étnicos permitem a produção de imagens diacríticas”, por produzirem signos voltados à criação de uma estética “alternativa”. Além disso, eles expressam intertextualidade em relação às imagens preponderantes na estética ocidental (Santos, 2000). Para o autor, essas reflexões são relevantes para compreender como foram criadas as imagens hierarquizadas das representações dominantes nas sociedades ocidentais. Essas imagens podem ser entendidas através da investigação do discurso de uma iconografia negra gerada nos salões de beleza étnicos.

Para Nilma Gomes (2019) o termo salão de beleza “étnico” ou “afro” é usado para destacar a especificidade racial dos clientes atendidos: negros e mestiços, assim como o pertencimento étnico racial do proprietário. No universo dos salões de beleza esses conceitos são atravessados pelos interesses do mercado e manipulação das identidades. Vale mencionar que esses termos perpassam o trajeto histórico da população negra brasileira e a formação da sua identidade nas incongruências de um país miscigenado que vive sobre um racismo ambíguo (Gomes, 2019).

1.1 O SALÃO NO CONTEXTO DA CIDADE DE SANTOS DUMONT

Figura 1 — A réplica da Torre Eiffel no centro da cidade de Santos Dumont



Fonte: O autor (2024).

Figura 2 — A estátua de Santos Dumont



Fonte: O autor (2024).

Essa pesquisa foi realizada no *Salão Afro Tranças*, na cidade de Santos Dumont, Minas Gerais. Segundo o IBGE (2010), o município de Santos Dumont possui 46.357 mil habitantes e é localizado na Zona da Mata mineira. No site da Prefeitura, encontram-se informações que suas terras foram adquiridas via sesmarias por João Gomes Velho, em 1728. Passou do Distrito de João Gomes Velho para o município de Palmyra em 1889. Contudo, para homenagear Alberto Santos Dumont, nascido na Fazenda Cabangu, em 1873, a cidade recebeu o seu nome em 1932.

A cidade de Santos Dumont passou a ser conhecida como “Terra do Pai da Aviação”. Ao acessar o local através da BR-040, visualizamos a réplica do avião 14bis, rememorado como o primeiro avião do mundo, que foi idealizado por Alberto Santos Dumont. Na Avenida Getúlio Vargas encontramos a réplica da *Torre Eiffel*, que simboliza o voo com o balão dirigível no ano de 1901, realizado por Alberto Santos Dumont. Vale destacar que a Avenida Getúlio Vargas está situada no centro da cidade. As suas ruas paralelas compõem, portanto, a região central do município. Nesse espaço estão concentrados comércios, bancos, lojas, supermercados, restaurantes, bares etc. O acesso ao Calçadão da Antônio Ladeira, as farmácias, papelarias, óticas, loja de roupas etc. No seu entorno, temos a Praça Cesário Alvim, onde está localizado o Santuário de São Miguel e Almas, o santo padroeiro da cidade. O Santuário fica próximo do prédio da Prefeitura Municipal de Santos Dumont. Num

banco da praça está fixada a estátua de Santos Dumont com as pernas cruzadas. O artifício desse patrimônio cultural material proporciona um elemento de pertencimento para as vivências comunitárias de sociabilidade na praça.

Em suma, a relação entre a cidade de Santos Dumont e o salão afro pesquisado é conceituada pela trancista como uma “cidade embranquecida”. “Aqui as pessoas negras não são vereadoras e muito menos prefeitas, ou seja, não assumem cargos de poder”. (Joelma, relato coletado no diário de campo, maio de 2022). Sendo assim, percebi no trabalho de campo uma narrativa que aqueles que conseguem ultrapassar as dificuldades impostas pelas barreiras raciais numa sociedade racista devem ser contemplados. Como é o caso de Joelma que conseguiu abrir um salão “afro” no centro da cidade de Santos Dumont, um município que ao ser observado percebe-se que não há políticas públicas antirracistas e não reconhece as demandas da população negra sandumonense.

No trabalho de campo compreendi que Santos Dumont como a “cidade embranquecida” é percebida como aquela que não oferece oportunidades de manutenção e ampliação do acesso ao mercado de trabalho para população negra. Inserido nesse contexto observei as dificuldades financeiras enfrentadas pelo *Salão Afro Tranças*. Numa das visitas ao salão, em julho de 2020, observei duas moças vasculhando uma sacola preta com lingerie. Joelma aproveitava a circulação de pessoas e oferecia as mercadorias como pulseiras, anéis, maquiagens e brincos. A trancista afirmou que: “Acredita que oferecer diversas opções para as clientes no salão é uma forma de atraí-las, manter-se por mais tempo no mercado”.

O *Salão Afro Tranças* foi inaugurado em novembro de 2020 na Galeria Geovanes, Avenida Getúlio Vargas, Centro, Santos Dumont. A festa de comemoração foi restrita devido às restrições sanitárias geradas pela pandemia coronavírus. Éramos cinco mulheres. Chegamos ao local por volta das 15 horas de um domingo de verão. Desci na rodoviária Hermínia Chaves Pedro, pois a Galeria Geovanes fica próxima à mesma, ao lado das Lojas Americanas. Estava chegando do município de Juiz de Fora. Era verão e preferi usar um vestido longo florido. O meu cabelo estava trançado com linhas de crochê rosa.

Os cabelos das mulheres estavam impecáveis. Os penteados foram feitos por Joelma. Ela convidou as clientes que eram “mais chegadas”, ou seja, aquelas que extrapolam as relações sociais além do ambiente do salão. São as mulheres que, de certa forma, compartilharam as conquistas enquanto trançam os cabelos, intercalando

temas do cotidiano como beleza, redes sociais, racismo, relacionamentos amorosos etc. Joelma vestia um vestido preto com bolinhas brancas e tênis. A proprietária se locomovia registrando o acontecimento com celular. Uma caixa de som tocava *hip hop* da década de 2000. As comidas eram variadas entre doces e salgadas. A diversão foi pautada na conversa e na brincadeira. A foto da inauguração encontra-se fixada na parede do salão para recordar o momento especial.

Em março de 2022, o salão passou a funcionar no *Shopping Campos Henriques*, pois a Galeria Geovanes fica numa região mais afastada, mesmo estando localizada na mesma avenida. Além disso, havia um interesse por parte da proprietária para se estabelecer num local mais movimentado, no intuito de dar mais visibilidade ao salão e facilitar o seu acesso. O *Shopping Campos Henriques* fica situado na Avenida Getúlio Vargas, 377, Centro. A maioria dos comércios como bancos, lojas e supermercados ficam concentrados nessa região. Além de ser o único *shopping* do município também funciona como prédio residencial. A sua estrutura comercial possui dois andares (numerados de pisos) e não há uma praça de alimentação. No primeiro piso, encontramos apenas o Lolla Café, o único estabelecimento voltado para o ramo alimentício. Através das escadas convencionais, ou escada rolante, é possível ter acesso ao segundo piso com variados tipos de lojas.

No ramo da beleza, por exemplo, temos: O *Centro de Estética Hair*, O *Espaço Kátia Reis*, o *Salão da Rosa Mary*, o *Salão da Ana Angélica* e o *Salão Afro Tranças* (o único salão “afro” localizado naquele espaço). O *Salão Afro Tranças* fica localizado no segundo piso do *Shopping Campos Henriques* numa loja que possui dois andares.

No primeiro andar do *Salão Afro Tranças* encontramos uma cadeira preta giratória para a preparação dos penteados, um sofá preto, um bebedouro, uma bancada preta com cartões e lembranças para as clientes e uma boneca para treino de penteados. Na parede atrás da bancada ficam pendurados os cabelos sintéticos (jumbos) e cabelos orgânicos, vendidos para as clientes para a elaboração dos penteados. Foi reservado também um pequeno espaço, onde foi montado uma *bomboniere*. Os clientes podem comprar doces, pipocas e chocolates para consumirem no salão. Numa parede ficam pregados quatro quadros: um com pente garfo, um com quatro mulheres com tranças nagô, um com uma mulher negra de turbante escrito *black* entre os olhos e um quadro com a frase: “A revolução não será alisada”. Em suma, as paredes do salão são pintadas de branco com detalhes cor de rosa.

O segundo andar foi dedicado aos materiais de uso da manicure. Esse tipo de serviço foi oferecido no salão por Duda entre de 2020 a 2021. Já a Aline, a segunda manicure começou a trabalhar no salão em 2022. O atendimento acontecia às terças, quartas, sextas e sábados. Ela também fornecia os serviços de unha em gel. No mais, o seus serviços foi encerrado no mesmo ano devido à baixa procura.

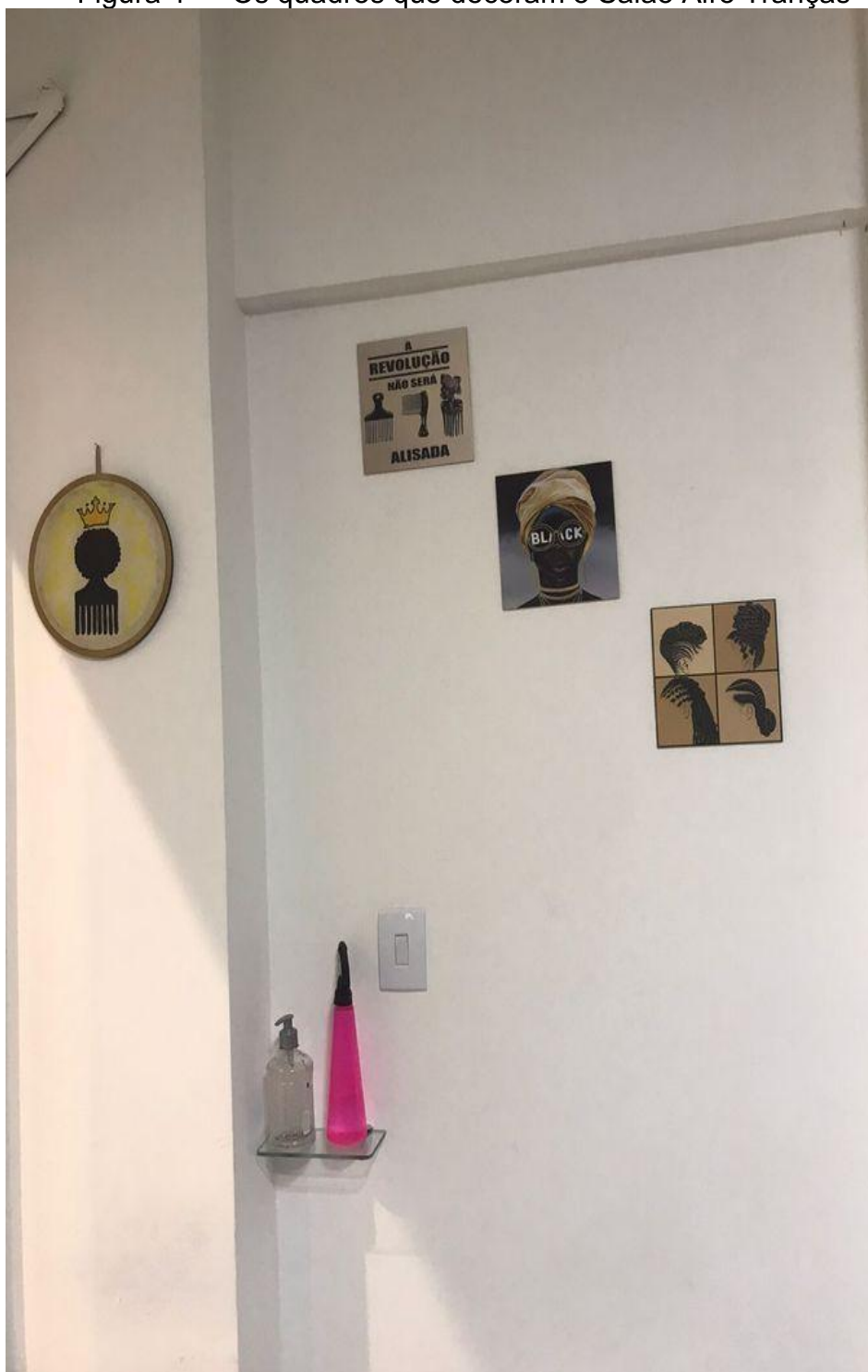
O *Salão Afro Tranças* passou a funcionar na residência de Joelma, em 2023 deixando de funcionar no *Shopping Campos Henriques*. Ela alugou uma casa de dois andares, no Bairro São Miguel dedicando o segundo andar para o salão. Um dos motivos foram: economizar com o aluguel e ficar perto dos filhos. A entrada para o terraço possui dois banheiros e três cômodos. Uma cozinha, toda azulejada de branco, com um micro-ondas e um frigobar.

Figura 3 — A inauguração do Salão Afro Tranças



Fonte: O autor (2024).

Figura 4 — Os quadros que decoram o Salão Afro Tranças



Fonte: O autor (2024).

Figura 5 — O Shopping Campos Henriques



Fonte: O autor (2024).

Figura 6 — A porta de entrada para o Salão Afro Tranças



Fonte: O autor (2024).

Figura 7 — O primeiro andar do Shopping Campos Henriques



Fonte: O autor (2024).

1.2 SOU TRANCISTA OU CABELEIREIRA? OS DESAFIOS ENFRENTADOS NA ATUAÇÃO LABORAL

Comecei a realizar o trabalho de campo em 2021, após a primeira dose da vacina contra o coronavírus, uma experiência que ocasionou sentimentos de tensão e reflexões. Na pós-graduação encontrei a necessidade de realizar trabalhos de campo de longa duração, como no mestrado. Assim, foi preciso residir na casa dos meus pais, no município de Santos Dumont. No caso do doutorado vivenciei o momento delicado da pandemia do coronavírus. Realizei o campo com anseio e negociações familiares sobre as minhas saídas. Realizei uma pesquisa a partir da metodologia qualitativa, através do trabalho de campo e da produção etnográfica, no momento que o mundo enfrentava a pandemia do coronavírus. Não foi possível transitar com facilidade nesse ambiente. Dessa maneira, considerei o desafio etnográfico de pesquisar o salão que faço os meus penteados trançados situado na minha cidade natal no período em que a sociedade enfrentava problemas mundiais de saúde pública,

A minha presença não era questionada, sendo, na maioria das vezes, fundamentada no entendimento dos outros significados e finalidades que o salão possuía. Em primeiro lugar, há uma leitura visual de representatividade: sou uma mulher negra que usa penteados trançados, o que justificava a minha estadia num salão “afro”. O espaço era pequeno, o que me impediu de ficar por muitas horas no local por motivos de saúde pública. O salão recebia visitantes que o frequentavam apenas para conversar. Joelma disse-me que sua mãe estava preocupada, mas era preciso trabalhar. Com a porta do salão aberta as pessoas também se aglomeravam do lado de fora. Não era possível, como pesquisadora, acompanhar de forma regular o campo devido tais circunstâncias. Alguns comerciantes locais passavam vendendo doces ou salgados, alguns frequentadores solicitavam o uso do banheiro, incluindo conhecidos, ou deixam as sacolas pesadas guardadas enquanto resolviam outras demandas no centro da cidade. As trancistas, muitas vezes, saíam às nove da noite, sem intervalos para as refeições

A movimentação de pessoas no salão durante o expediente das trancistas, que aconteciam nos períodos da manhã e tarde evidenciaram a vulnerabilidade e a necessidade de proteção social como mostrou Luane Santos (2022). O salão investigado tentou seguir os regulamentos sanitários estabelecidos pela Prefeitura

Municipal de Santos Dumont. No entanto, em 2021, notei que o máximo de tempo que o salão permaneceu fechado foram três dias após o natal. Percebi que nas festividades de final de ano, carnaval, ou Dia dos Namorados, exemplos de datas comemorativas. A procura por penteados trançados é maior mesmo com as medidas de isolamento social condicionadas pela pandemia do coronavírus.

Joelma dividia a agenda em duas partes: manhã e tarde. Atendia uma cliente por um período, ou duas. O salão tem um público frequente. De segunda a sexta-feira, de segunda a sábado. Quando necessário a trancista abria o salão nos feriados e aos domingos. As trancistas sustentavam suas famílias e enfrentam a informalidade e ausência de direitos trabalhistas. Dessa maneira, as condições precárias refletem estereótipos e a falta de regulamentação profissional, como observado por Luane Santos (2022) sobre as desigualdades enfrentadas pelas trancistas, agravadas pela pandemia, fruto do racismo estrutural que desvaloriza a identidade afro e a atuação laboral.

Além de Joelma, há uma outra trancista no salão. Ambas não possuem o ensino médio completo e encontraram nessa atuação uma oportunidade para atuar no mercado de trabalho. Após a inauguração, Hevelliny tornou-se funcionária. Ela começou na área separando os materiais para otimizar a produção das tranças feitas por Joelma. Antes da abertura do espaço, os penteados trançados eram feitos nas residências das clientes. Hevelliny é natural de Santos Dumont, tem uma irmã por parte de mãe e três irmãos por parte de pai. É mãe e reside com a avó.

Antes da abertura do espaço, os penteados trançados eram feitos nas residências das clientes. Hevelliny é natural de Santos Dumont, tem uma irmã por parte de mãe e três irmãos por parte de pai. É mãe e reside com a avó. Joelma ministrou um curso para capacitá-la como trancista em 2021, consolidando os saberes aprendidos em ambientes informais e emitindo um certificado. Por uma semana, clientes-modelos foram escolhidas para aperfeiçoar os penteados, e a entrega do certificado foi registrada no salão com uniformes, institucionalizando esses saberes. O processo foi compartilhado nas redes sociais para que as clientes acompanhassem o desempenho e avaliassem simbolicamente o acontecimento. Luane Santos (2021) afirmou que as trancistas se diferenciam das cabeleireiras afro e tradicionais, pois não realizam procedimentos que transformam a estrutura permanente dos fios. Elas são habilitadas em penteados afros. Existem diversos penteados afros, como tranças, megahair, twister, intrelaice, dreadlocks etc. Uma das características da busca por

diferenciação é a tentativa de sair da invisibilidade causada pela falta de reconhecimento da profissão de trancista e a aproximação desse trabalho com o ofício de cabeleireira (Santos, 2021)

Discutindo sobre esses termos, Luane Santos (2021) observou que no seu trabalho o conceito de cabeleira-trancista de Consolação Lucinda (2004). Esse conceito define as profissionais que são cabeleireiras étnicas e aplicam produtos químicos que transformam a estrutura dos fios e traçam os cabelos. Contudo, ela afirmou que na atualidade a composição dos conceitos não é suficiente para retratar o grande número de mulheres especializadas em penteados afros. Devido à ascensão e fortalecimento das trancistas como um grupo de trabalhadoras, a terminologia cabeleireira não é suficiente para definir os seus serviços. Sendo assim, foi constatado uma compreensão de outro tipo de ocupação e política corporal realizado pelas trancistas, pois para que uma pessoa se torne cabeleireiro(a) é preciso realizar o curso profissionalizante (Santos, 2021).

Segundo Luane (2021) a terminologia trancistas ou trançadeiras é utilizada para nomear um ofício da cultura afro-brasileira. Os penteados afros que as trabalhadoras negras são especializadas exige uma habilidade artesanal pelo tempo de duração para confeccioná-lo, que pode variar de quatro até doze horas, evidenciando o fato que eles possuem suas singularidades, pois as cabeças que os recebem não são idênticas (Santos, 2021).

Ela é branca, mexe com alisamentos, ela é taxada como cabeleireira, se você procurar em profissões você vai achar cabeleireira, mas você não vai achar trancista, nós fazemos o mesmo tipo de coisa, mas de formas diferentes. Ela mexe com cabelo e eu mexo com cabelo, mas ela mexe com cabelos lisos, mas nós mexemos com cabelos de mulheres negras, nós não mexemos com alisamentos, nós mexemos com a naturalidade do cabelo, então, tem uma grande diferença ela é visada como profissional da área da beleza. Hoje eu sou conhecida, mas nós ainda não somos taxadas como profissão aos olhos de muitas pessoas, na sociedade nós não somos taxadas como profissões iguais elas são. Eu me considero uma profissional da beleza, por mexer com cabelo eu sou uma cabeleireira, só que eu me aperfeiçoei em tranças, cabelos afros, cabelos crespos e cacheados. Eu me encontro como trancista, mas pelo fato de mexer em cabelos eu sou cabeleireira, tranças é uma área que eu me aperfeiçoei (Joelma, 2022, relato coletado diário de campo).

Para Luane Santos (2022) o ofício de trancista para a profissão de cabeleireira são mascaradas diversas diferenças sobre os serviços prestados. Além de camuflar

as percepções ideológicas que cada uma dessas atividades pode exercer. Além disso, os certificados de cursos de trancistas só possuem valor social nos salões étnicos.

Eles não são pertinentes para a assinatura da carteira de trabalho, diferentemente dos diplomas das cabeleireiras(os). Para a autora, no campo da estética, o diploma da cabeleireira(o) é mais valorizado socialmente do que o da trancista.

Sobre a institucionalização dessas ocupações, Luane Santos (2022) afirmou que os diplomas de cabeleireiro garantem mais oportunidades no mercado de trabalho, ressaltando o caráter racista dessa hierarquização dos processos de embelezamento. Para a autora, o trabalho das trancistas não é reconhecido como profissão, mas como um ofício. Para que esse trabalho seja considerado uma profissão, é necessário o reconhecimento dos direitos pelo Estado, já que não existe uma categoria profissional regulamentada para a atividade de trancista (Santos, 2022).

Para Luane Santos (2022), assim como os barbeiros, o ofício das trancistas é assimilado e aperfeiçoado no cotidiano. Já os conhecimentos dos cabeleireiros(os) são adquiridos através das instituições formais e regulamentadas pelos Órgãos reconhecidos. Sendo assim, a produção de cursos para trancistas é uma oportunidade de o grupo buscar um reconhecimento da sua ocupação e iniciar um processo gradual de institucionalização da sua ocupação (Santos, 2022).

Além disso, Luane Santos (2013) mencionou que trançar cabelos é uma prática iniciada no ambiente doméstico pelas trançadeiras. Essa origem doméstica contribui para a desvalorização da prática, pois os conhecimentos não são formalmente legitimados, como ocorre com os cursos de cabeleireiro. A autora argumenta que a desvalorização das práticas das trancistas se baseia na percepção de que a aprendizagem dos penteados trançados é transmitida e gerações em gerações no ambiente doméstico, sem institucionalização.

A tese de Luane Santos (2022) também demonstrou os problemas enfrentados pelos trancistas no mercado de trabalho do Rio de Janeiro. Sobre o campo de atuação das trancistas, a autora, na tese de doutorado “Trancista não é cabeleira: identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza afro no Rio de Janeiro”, destacou que as condições de vulnerabilidade social e informalidade nas trancistas não são consequência apenas da pandemia do coronavírus, mas do aumento das desigualdades sociais e raciais que afetam a vida da população negra. A escritora

defende que a informalidade e a precarização do trabalho não podem ser compreendidas sem considerar a influência da raça na vida das pessoas negras na sociedade brasileira.

Joelma se queixava durante a pesquisa de campo às vezes sobre pequenos problemas de saúde, que só tiravam folgas no domingo. Na medida que adquirimos intimidade, perguntei sobre o pagamento da previdência social, o INSS (Instituto de Previdência Social). O nível de trabalho é calculado através da famosa frase de Rochelle: “Meu marido tem dois empregos”, personagem criado na série

estadunidense “Todo Mundo Odeia o Chris” por Chris Rock através das brincadeiras ao falarem sobre suas rotinas. Na verdade, Joelma busca refletir o oposto do que a personagem afirma, pois é ela quem precisa trabalhar em dois empregos. Sendo assim, questões como falta de tempo, saúde, seguridade social e outras não são resolvidas:

A oportunidade de entrar no mundo das tranças foi gratificante, porque eu não sabia o que eu estaria fazendo. A cidade é pequena e para uma pessoa negra é mais difícil ainda entrar para o mercado de trabalho. Ainda mais quando a pessoa não conhece outras pessoas que trabalham no comércio. Além de ser difícil, é muita “panelinha”. (Hevellinny, 2022, relato coletado no diário de campo). Existe uma dificuldade de as pessoas negras ocuparem os espaços de poder, não temos vereadoras negras, as mulheres negras não ganham premiações na minha cidade, trabalhei dia e noite e demorou dezoito anos até conseguir abrir o meu salão. A falta de apoio foi um dos mecanismos que fizeram com que eu não conseguisse abrir o salão mais cedo. (Joelma, 2023, relato coletado no diário de campo). Eu sei que preciso resolver isso, mas não tenho tempo, pode pegar no meu pé. Meu namorado abriu uma mercearia antes de mim e já resolveu essas coisas de MEI (microempreendedor individual). Eu tenho dois empregos, sou mãe de três filhos e Heveliny tem uma filha. “Quando você for mãe você vai ver. Eu sou mãe de três filhos e ainda tenho dois empregos. (Joelma, relato coletado no diário de campo, julho de 2023).

Primeiramente, nota-se que a realidade dessas duas mulheres, mães e trançistas, são demarcadas pela dupla jornada de trabalho, dedicadas à atuação como trançistas acarretadas por dificuldades. Ambas trabalham no *Salão Afro Tranças*, mas também se revezam como balconistas na mercearia do namorado de Joelma. Sendo assim, durante o trabalho de campo percebi uma necessidade de valorização do trabalho de uma mulher negra, de um salão afro no centro da cidade, como inspiração para a comunidade negra sandumonense.

Joelma é proprietária do *Salão Afro Tranças*, tem 33 anos, mãe solo de três filhos, nascida e criada na cidade de Santos Dumont, Minas Gerais. Na adolescência acompanhou a mãe nos serviços de faxineira e não conseguiu completar o ensino médio. Foi nessa época que começou a se interessar por cabelos. Aprendeu a escovar cabelos e colocação de *megahair* no ambiente doméstico arrumando o cabelo das suas primas e irmãs. Aos vinte anos começou a trabalhar como acompanhante, e passou por diversas ocupações como: doméstica, faxineira, atendente de loja, balconista de lanchonete, garçoneiro de lanchonete. Mesmo com outras ocupações, ela continuou trançando cabelos para complementar a renda. Aos poucos conseguiu se manter financeiramente trançando os cabelos. Joelma, por exemplo, teve que desempenhar outras atividades. Até conseguir o capital necessário para a abertura do seu negócio, ou seja, o salão afro.

A dupla jornada, portanto, aproxima Joelma e Hevelliny da realidade de muitas mulheres no Brasil. No texto “Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo”, Daniele Kergoat (2003) examinou como as relações de gênero moldam a divisão do trabalho. A autora investigou a segregação e a valorização diferenciada do trabalho com base no sexo, resultando em desigualdades persistentes na sociedade. Enfatizando a importância de compreender essas dinâmicas para abordar de maneira mais eficaz as questões de gênero e trabalho (Kergoat, 2003).

Hirata e Kergoat (2007) em “Novas configurações da divisão sexual do trabalho”, exploraram como as transformações econômicas, sociais e culturais afetam a distribuição de tarefas entre homens e mulheres, tanto no contexto doméstico quanto no mercado de trabalho. Apesar das novas configurações observadas, as autoras destacam que as desigualdades de gênero persistem e enfatizam a necessidade de políticas públicas que promovam a equidade de gênero.

Figura 8 — No interior do salão onde penteados são realizados



Fonte: O autor (2024).

Em “O trabalho, um conceito central para os estudos de gênero?”, Daniele Kergoat (2019) argumentou que o trabalho é essencial para compreender as relações de gênero. Para a autora, as diferentes formas de trabalho contribuem para a

construção das identidades de gênero e para a perpetuação das desigualdades. A autora ressalta, portanto, que uma análise do trabalho sob a perspectiva de gênero revela as estruturas de poder e dominação presentes na sociedade (Kergoat, 2019).

Abramo e Valenzuela (2006) em *Trabajo decente y equidad de género na América Latina* afirmaram que distribuição desigual do tempo dedicado ao trabalho remunerado e não remunerado na América Latina. Elas mostraram como as mulheres, apesar de participarem cada vez mais do mercado de trabalho, continuam assumindo a maior parte das responsabilidades domésticas e de cuidado, resultando em uma dupla jornada de trabalho. As autoras apontam que essa divisão desigual do tempo contribui para a perpetuação das desigualdades de gênero e ressaltam a necessidade de políticas públicas que promovam uma repartição mais equitativa das responsabilidades entre homens e mulheres (Abramo e Venezuela, 2006). Por fim, cito María Lugones (2020) que afirmou que nem todas as relações estruturais das disputas pelo controle da força de trabalho no capitalismo eurocêntrico e global se encaixam no modelo de relação capital/salário, ainda que esse seja o modelo hegemônico. Sendo assim, é necessário compreender o alcance da colonialidade do poder. Para a autora, a divisão do trabalho é racial e geograficamente diferenciada. Aqui, percebemos, portanto, a colonialidade do trabalho entre o cruzamento entre trabalho e raça.

No entendimento sobre mulheres negras, desigualdades e trabalho não podemos esquecer da contribuição da grandiosa Lélia Gonzalez. A autora se dedicou a romper o mito da “democracia racial.”² Em “Democracia racial, nada disso” (1981[2020]) e “Uma carta para Chacrinha” (1992 [2020]). Para a autora, as desigualdades sociais se comunicam com as desigualdades raciais. Lélia discutiu o racismo brasileiro através da compreensão que o mesmo assegura o privilégio racial, que superioriza pessoas brancas e inferioriza as pessoas negras.

“Por um feminismo latino-americano” (1988 [2020]) destacou a opressão sofrida pelas mulheres latino-americanas, que enfrentam um custo elevado por não serem brancas. Lélia Gonzalez propõe que façamos um feminismo que seja latino-americano, reivindicando esse lugar que é nosso, e um feminismo pensado a partir

² A obra de Gilberto Freyre ([1933]2019): “Casa Grande e Senzala” da década de 30. Propôs um ponto de vista que as relações raciais no Brasil eram harmônicas, ou seja, sem conflitos. Florestan Fernandes ([1972]2015) questionou a concepção de democracia racial e contribuiu, portanto, afirmando que a democracia racial era um mito.

das questões da América Latina. Retomando a discussão sobre a democracia racial solicitando que todos os brasileiros pertençam ao continente africano, uma vez que este continente nos define. *Amefricanidade* (1966[2020]) é uma categoria política e social, um valor metodológico que resgata uma unidade histórica.

Sueli Carneiro, em "Mulheres em Movimento" (2003), destacou a necessidade de criar uma agenda para combater as desigualdades. Ela argumenta que o racismo exacerba as questões de gênero, exemplificando com a representação desproporcional de mulheres loiras nas mídias sociais. Segundo Carneiro, o protagonismo das mulheres negras surgiu inicialmente do desejo de liberdade e recuperação da humanidade perdida durante a escravidão. Subsequentemente, surgiram organizações e articulações nacionais de mulheres negras, enfatizando a necessidade de incluir as trajetórias dessas mulheres no movimento feminista. Carneiro defende que o movimento das mulheres brasileiras se contrapõe ao liberalismo, buscando a implementação de políticas públicas afirmativas.

Luiza Barros, em "Nossos feminismos revisitados" (1995), discute a invisibilidade das mulheres negras na mídia e nos espaços sociais devido ao racismo. Ela destaca que a opressão sexista é interpretada de acordo com a perspectiva ideológica dominante do feminismo universal. Citando Patrícia Collins, Barros propõe que as mulheres negras possuem uma visão única sobre a elite branca que nem mesmo homens negros e brancos possuem. A autora também apontou que é esperado que trabalhadoras domésticas cuidem do bem-estar dos outros, apesar de serem economicamente exploradas e consideradas estranhas ao ambiente em que trabalham. Para Barros, essa marginalidade oferece uma perspectiva especial às mulheres negras, permitindo uma análise crítica das contradições nas ações ideológicas do grupo dominante.

Grada Kilomba (2020) descreve que o racismo genderizado, mostra que raça e gênero são inseparáveis. Para a autora, a vivência dessas mulheres envolve ambos, uma vez que as construções racistas se baseiam em papéis de gênero e vice-versa. Assim, a autora, pontua que é difícil, analiticamente, estabelecer um impacto específico, uma vez que ambos estão sempre entrelaçados. Portanto, para Grada Kilomba (2020) pode ser argumentado que o processo de racismo e sexismo são semelhantes, pois ambos criam o senso comum através das diferenças naturais e biológicas. Assim, o que Joelma encontrou em sua trajetória foram barreiras dadas pelo racismo e pelo sexismo na cidade onde ela mora.

Lia Vainer (2016) afirma que branquitude como um campo de estudo transnacional de intercâmbio entre os países que foram colônias e os colonizadores é resultado de uma cadeia de eventos históricos que se inicia com um projeto moderno de colonização, que resultou na escravidão, na colonização e na formação de novas nações e nações em toda a América. Dessa forma, é através desses processos históricos que a branquitude é construída como uma construção ideológica. Além disso, os brancos têm mais privilégios materiais do que os não-brancos, o acesso a habitação, oportunidade de emprego, é crucial a riqueza herdada entre outras gerações. A autora também aponta que na sociedade brasileira, os brasileiros são categorizados racialmente desde o nascimento. Os brancos, socialmente classificados como brancos, têm atributos positivos ligados à identidade racial, como beleza, educação e progresso.

Lia Vainer (2016) pontua que as diferenças sociais entre brancos e não-brancos são visíveis quanto ao acesso a bens materiais e valores religiosos. Através de uma hierarquia em que os homens brancos estão no topo. Assim o seu trabalho demonstrou que a branquitude acessa de formas diferentes homens e mulheres, no acesso aos bens simbólicos, como os relacionamentos amorosos e os bens materiais. Ela demonstrou que a brancura, na sua pesquisa, é mais desejada, portanto, entre as mulheres negras, principalmente nos envolvimento afetivos, em que ela se situa na última escala de desejo. Essa relação entre branquitude e acesso a oportunidades pode ser vista no relato de Joelma, já que ela diz que não conseguiu ter acesso a oportunidades por ser uma mulher negra.

Para Grada Kilomba (2020) O racismo é revelado no nível estrutural, pois as pessoas negras estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais, pois operam privilegiando os sujeitos brancos. Colocando membros de outros grupos raciais fora das estruturas dominantes. Patricia Collins (2019) afirmou que todas as afro-americanas experimentam através das vivências profissionais e familiares as opressões de gênero, classe e raça.

Bell Hooks (2018) em “O Feminismo é para todos: políticas arrebatadoras” escreveu que o feminismo tem como dever acabar com o sexismo, a exploração sexista e as ações sexistas. O objetivo não é apenas reivindicar os direitos das mulheres, mas sim para que todos os indivíduos que habitam essa estrutura de opressão (tanto homens quanto mulheres) possam refletir e tomar medidas para modificar suas próprias ações. A partir da obra, compreendemos que o feminismo é

para todos, pois é preciso que todos se enxerguem dentro dessas estruturas. Sendo assim, o verdadeiro feminismo é o que amplia a visão e o que transforma a estrutura.

A autora constatou que embora seja uma questão de gênero, precisamos compreender toda a estrutura sexista que nos rege, pois é necessário findar com o racismo, o elitismo e o imperialismo etc. Bell Hooks (2018) também apontou que uma revolução feminista isolada não será o bastante para enfrentar o racismo. Ela propõe uma crítica, em que movimento feminista não pode assumir necessidade de um grupo de mulheres como sendo necessidade de todas as mulheres, porque as questões de gênero, não podem ser apenas questões de gênero.

Em "Teoria feminista: das margens ao Centro". Bell Hooks (2020) propõem que o movimento feminista lute contra as injustiças, mas é preciso constituir um olhar para realidade e para as mulheres. Ela afirma que as mulheres negras estão no topo do mundo social. Precisamos ter um olhar diferenciado para as opressões de gênero, raça e classe. O feminismo negro não é abraçar o feminismo sem assumir uma postura crítica. "Em Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra". Bell Hooks (2019) descreve sobre o silenciamento, vivenciado por mulheres. Nesse sentido, erguer a voz é se assumir, posicionar, para ser ouvida. A autora Patrícia

Collins (2017) no artigo "O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e, além disso". Afirma que as tentativas de distinguir o feminismo negro do mulherismo demonstram a capacidade de promover diferentes tipos de lealdade. O mulherismo é ligado ao nacionalismo negro, que apoia uma superioridade moral negra sobre os brancos pelo sofrimento negro. Veem a necessidade de abordar questões feministas dentro das comunidades afro-americanas, uma reconciliação parcial dessas duas filosofias aparentemente incompatíveis (Collins, 2017 apud Walker, 1983).

O mulherismo oferece um distanciamento, nas quais mulheres negras não possuem interesse em trabalhar com mulheres brancas, busca -se uma união entre mulheres negras e homens negros. Patrícia Collins (2017) assume que o nacionalismo, pode isolar as mulheres dos temas globais. Contudo, o feminismo negro que está estritamente ligado as causas nacionais e globais, devido a sua ligação com a branquura, pode afastar aqueles, em que a sua proposta adequa. A autora considera a importância de ir além das nomenclaturas para analisar a centralidade do gênero na formação das mulheres nas comunidades americanas. A crítica que acredito ser relevante no artigo é o entendimento de que o feminismo negro/ mulherismo fazem parte de um debate de mulheres privilegiadas. Apesar de serem parecidas

fisicamente, as afro-americanas têm diferentes mundos. Em suma, De acordo com Patrícia Collins (2019), as afro-americanas vivenciam opressões interseccionais no trabalho e na vida familiar, sendo frequentemente associadas à imagem da mammy uma serviçal obediente, criada para justificar a exploração das escravas domésticas. Essa ideologia é central nas opressões interseccionais. Sob uma perspectiva interseccional, transistas como mulheres negras, mães e as provedoras enfrentam discriminações múltiplas, atuando em uma área desprovida de segurança social e direitos previdenciários. Kimberlé Crenshaw (2002) destacou a falta de inclusão das pautas e demandas das mulheres negras e a necessidade de sua participação na formulação de políticas públicas para combater a invisibilidade.

Patrícia Collins (2019) enfatizou a importância de criar coalizões para construir pautas comuns, aproximando mulheres negras de mulheres não negras. A construção do pensamento feminista negro é guiada por diversas mentes em sintonia, forjada tanto na academia quanto no movimento de mulheres sociais. Esses grupos sociais são protagonistas que colaboram como sujeitos sociais, contribuindo para a consolidação do pensamento feminista negro.

1.3 “A REVOLUÇÃO NÃO SERÁ ALISADA”

Figura 9 — Tabela de preços dos penteados afros do Salão Afro Tranças

JOO BRAIDS
 (32) 991990871 @joo.braids
TABELA DE PREÇOS

Boxeadora.....	R\$ 50,00
Nagô sem extensão.....	R\$ 50,00
Nagô com extensão.....	R\$ 70,00
Nagô de rabo.....	R\$ 80,00
Fulani braids.....	R\$ 150,00
Box braids Chanel.....	R\$ 120,00
Box braids cintura.....	R\$ 140,00
Box braids bumbum.....	R\$ 150,00
Mega hair meia cabeça.....	R\$ 120,00
Mega hair cabeça toda.....	R\$ 150,00
Twist manual.....	R\$150,00
Faux locs manual.....	R\$ 200,00
Entrelace cabeça toda.....	R\$120,00
Entrelace com nagô.....	R\$ 150,00

OBSERVAÇÃO: VALOR SOMENTE DA MÃO DE OBRA, NÃO INCLUI MATERIAL!

Fonte: O autor (2024).

Luane Santos (2013) observou que, no contexto do racismo, as trancistas desenvolvem métodos para promover a aceitação pessoal. As tranças representam uma forma de alcançar essa aceitação em meio aos conflitos étnico-raciais. Para a autora, no Brasil práticas e discursos racistas são prevalentes, tornando o ato de fazer tranças uma estratégia de sobrevivência laboral, mas também de afirmação da identidade. Sendo assim, oferecer penteados considerados inferiores aos cabelos lisos desafia as normas do mercado (Santos, 2013).

Luane Santos (2013) destacou que a “vocação política” das trancistas de realizar tranças não é apenas um serviço estético, mas também um recurso baseado em discussões políticas. Ao afirmar que o cabelo é uma imagem política e uma afirmação da identidade, as trançadeiras não apenas ensinam a técnica, mas também promovem a identidade expressa nessa prática. Embora essas ações possam não ser exercidas em seus trabalhos cotidianos, a vocação política de militância negra impede que elas se limitem a fazer penteados trançados. Elas promovem políticas de identidade negra, construindo novas imagens de beleza negra. No ambiente do salão, identificam-se algumas categorias weberianas que caracterizam um político vocacionado.

Sobre a atuação pautada por uma vocação e a identidade profissional das trancistas, abordada pela pesquisadora Luane dos Santos, relato uma situação ocorrida durante um dia de campo em 2022. Estava sentada na cadeira do salão e preparava meu cabelo para um novo penteado. De repente, duas mulheres se aproximaram pela porta de vidro, aparentando ser mãe e filha. A filha, que parecia ter cerca de trinta anos, desejava fazer uma trança nagô com rabo orgânico cacheado. Hevelliny explicou sobre o penteado e, após analisar o cabelo da cliente, Joelma determinou que seria necessário retirá-lo usando o *megahair*. A cliente ficou hesitante, preocupada com a queda de cabelo, o que tornaria impossível recolocar as tranças. Joelma sugeriu: "Um corte seria a solução, mas a utilização de qualquer produto que modificasse a estrutura dos fios poderia causar mais queda". Após o incidente, Joelma comentou: "Tenho quase certeza de que ela frequentou o salão de uma cabeleireira branca, pois sugeriram uma opção de alisamento químico. Depois que viu que não tinha mais solução, decidiu procurar um salão de pessoas negras". O *Salão Afro Tranças* é, completa Joelma:

Uma salvação, um refúgio. Ela não teria em um salão branco o que encontra aqui. Aqui, tratamos do cabelo dela, cuidamos, desenvolvemos, fazemos crescer novamente e paramos a queda. No salão da branca, o alisamento pode continuar causando queda e quebra. O alisamento é uma agressão; nossos métodos não são. Nossos métodos são o contrário do método da branca. Nós não queremos destruir o cabelo crespo, queremos recuperar sua naturalidade. O emocional dela está abalado porque frequenta salões de mulheres brancas que entendem de cabelo liso e não sabem cuidar de cabelo crespo. Depois que o cabelo é destruído, a pessoa fica abalada. Você a viu falando que não consegue manter nada no cabelo. Agora ela vai ter que cortar. Isso mexe na autoestima, porque agora ela está com a autoestima baixa. Colocando uma trança, fazendo algo no cabelo da cliente, já devolvemos a autoestima e o sorriso dela" (Joelma, 2022, relato coletado no diário de campo).

Nilma Gomes (2003) afirmou que o processo de escravidão retirou do negro a possibilidade de contemplar o seu cabelo como se fazia na África, contudo, na diáspora, esses lugares foram construídos para atender essas demandas. Para Luane Santos (2013), as tranças podem ser entendidas como recurso estético que possui múltiplos significados, mas é importante ressaltar que o seu uso é histórico. Socializado de geração em geração nos ambientes domésticos, encontrada nos salões de beleza e transformada em produto de trabalho e união com a prática de construção da autoestima das pessoas negras.

Podemos compreender, portanto, os salões étnicos como espaços de resistência. Sendo que os sujeitos que passam por ali precisam lidar com questões da construção da identidade negra (Gomes, 2019). De acordo com Luane Santos (2019), os salões de beleza afro podem ser categorizados como espaços de subversão aos valores e padrões hegemônicos de beleza brancos, disseminados agressivamente nas sociedades ocidentais. Os salões de beleza afro disponibilizam para seus usuários as aprendizagens de estéticas negras pautadas em ressignificações dos legados africanos. Neles a clientela pode experimentar usar diversos penteados afro ou passar por procedimentos químicos que alteram a estrutura capilar dos fios crespos.

Ao entramos no salão de Joelma nos deparamos com quatro quadros na parede: um com pente garfo, um com quatro mulheres com tranças nagôs, o outro com uma mulher negra de turbante escrito *black* entre os olhos e um quadro com a frase "A revolução não será alisada". Em um dia de trabalho de campo, surgiu uma discussão sobre os quadros que decoram o salão. A frase no quadro dizia "a revolução

não será alisada". O fundo apresentava a imagem de um pente garfo, usado para pentear cabelos crespos e criar o *Black Power*, um símbolo de resistência. O debate surgiu quando o filho adolescente de Joelma pediu à mãe que explicasse o conteúdo. Ele acrescentou: "Não entendi, meu primo é negro e alisa o cabelo." Joelma respondeu que "a revolução não será alisada" porque: "Atualmente temos mais liberdade para cuidar dos cabelos da forma que queremos. Antes disso, as únicas opções que tínhamos eram os alisamentos químicos. Nossos cabelos naturais começaram a ser aceitos, por isso a revolução contra o racismo não será alisada" (Joelma, relato retirado no diário de campo, junho de 2022).

Além disso, para Joelma o *Salão Afro Tranças* possui um papel que o de:

Devolver a naturalidade da mulher negra, ou seja, que ela volte às origens, é devolver o cabelo natural dela, é devolver a identidade dela [...] é mostrar que além dos alisamentos elas têm outras opções, elas têm outros caminhos, elas têm outras escolhas, o papel do meu salão é dar-lhes opções que deixem elas livres, porque antes nós éramos aprisionadas no alisamento [...] principalmente depois que surgiram os salões afros aqui em Santos Dumont depois que surgiram os salões afros aqui em Santos Dumont as mulheres escolhem se querem alisar o cabelo ou se elas querem ter a naturalidade delas de deixar o cabelo natural, crespos e cacheados ou se elas também têm a opção de trançar o cabelo, isso tudo é diversidade (Joelma, 2022, relato coletado no diário de campo).

A literatura sobre o tema é de suma importância para a compreensão do papel do cabelo crespo nas relações étnico raciais no Brasil. Nilma Gomes (2019) afirmou que no conjunto corporal, o cabelo não é neutro. Através da cultura ele pode ser modificado e representado numa marca de pertencimento étnico/racial. Para a autora, os salões étnicos possuem uma relevância na construção da identidade, da sua trajetória de vida, e encontram outro olhar sobre a cultura negra, o cabelo e o corpo. O salão de beleza, portanto, é como um espaço mediador na tomada de uma "consciência racial". Ele é simbolicamente um nicho irradiador da negritude *fashion* e tem o papel de contribuir para uma nova realidade social. Ir ao salão para fazer o cabelo significa ver aquele espaço como um espaço de sociabilidade e de marcação de *status*, e através de uma função simbólica bastante determinada – "o fazer à cabeça". Desse modo, o salão é "construído" com sentidos aproximativos do universo propriamente político e pela estratégia do que deve ser legitimado (Santos, 2000.p.14).

Nilma Gomes (2017) em “Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra” compreende que os salões étnicos são como espaços de resistência, pois os sujeitos que ali frequentam, precisam lidar com questões da construção da identidade negra.

Para a autora, o termo salão de beleza “étnico” ou “afro” é usado para destacar a especificidade racial dos clientes atendidos: negros e mestiços, o pertencimento étnico racial do proprietário. Para a autora, no universo dos salões de beleza esses conceitos são atravessados pelos interesses do mercado e manipulação das identidades.

Luane Santos (2019) afirmou que os salões de beleza afro podem ser categorizados como espaços de subversão aos valores e padrões hegemônicos de beleza brancos, disseminados agressivamente nas sociedades ocidentais. Para a autora, salões de beleza afro disponibilizam para seus usuários aprendizagens de estéticas negras pautadas em ressignificações dos legados africanos. Em suma, Luane Santos (2019) afirma que nesse espaço, é possível experimentar os diversos penteados afros e vivenciar o processo de ressignificação da aparência negra.

Para Nilma Gomes (2019) a palavra étnico é utilizada pelos pesquisados(as) e pelo mercado de cosméticos no Brasil e nos Estados Unidos como sinônimo da palavra negro. Assim, a autora adotou o termo étnico para se referir aos salões e aos profissionais. Para a autora, as categorias afro e étnico não se dão sem oscilações, porque os próprios cabeleireiros(as) confundem sobre qual termo será utilizado, essas transformações demonstraram uma tentativa de harmonia das marcas identitárias com as variações no campo das relações raciais, atentando para o fato que no universo dos salões de beleza elas estão atreladas às dependências do mercado.

No mais, Nilma Gomes (2019) pontuou que para ser étnico, um salão não pode oferecer apenas alisamentos químicos. É preciso oferecer penteados trançados, texturizações etc. Joelma, a proprietária e trancista do salão, se inscreveu num curso em 2021 que foi realizado na cidade de Juiz de Fora, no Espaço Negra atitude. Com intuito de aprender sobre cuidados com cabelos crespos e cacheados. Há uma pretensão de oferecer procedimentos químicos de “soltura dos cachos”. O método promete definir cachos nos cabelos crespos. Houve um interesse de minha parte sobre o procedimento. Joelma disse: “passar o produto no seu cabelo? Nem pensar”. Os fios dos meus cabelos são crespos com cachos. Além disso, percebi que no salão investigado são compartilhadas concepções que classificam os cabelos crespos que necessitam, ou não, de procedimentos químicos para serem considerados belos.

Nesse sentido, é importante destacar que no Brasil, vivenciamos um racismo ambíguo e velado que, de diversas formas — algumas diretas e outras mais sutis —, impõe padrões estéticos brancos e mestiços em detrimento dos negros, estabelecendo uma hierarquia estética que é interiorizada pelos próprios negros (Santos, 2018).

Assim, ao realizar pesquisas nos salões afros precisamos atentar para o que Nilma Gomes (2019) aponta, sobre a necessidade de compreender os códigos existentes sobre a manipulação dos cabelos crespos, que não são compreendidos facilmente por aqueles que não fazem parte desse grupo étnico racial.

No *Salão Afro Tranças*, por exemplo, vincula-se um discurso de “liberdade capilar”, que consiste no entendimento que todos os tipos de manipulações capilares podem ser acionados para ressaltar a estética negra. Possibilitando uma oportunidade de escolhas das mulheres, contudo, observei termos como cabelo “ruim” ou cabelo “duro” disseminados nas conversas informais. Segundo Nilma Gomes (2019), devido a importância do cabelo como mecanismo de procedência étnica, o movimento negro brasileiro utilizou o cabelo natural como símbolo de identidade. O modelo dominante do movimento jovem feminista negro no Brasil hoje é assumir uma identidade negra baseada na “autoaceitação”.

“Houve um aumento da conscientização de pessoas negras sobre as questões raciais que envolvem a manipulação dos cabelos crespos naturais”. (Joelma, julho de 2022, relato no diário de campo). Ela mencionou a categoria “cabelo natural”, dentro de um contexto, em que ela é mobilizada como instrumento político que implica reconhecer uma origem africana. Assim, diante da multiplicidade de escolhas para o cuidado do cabelo crespo, os alisamentos representam uma dissociação com as origens ancestrais.

Existe, portanto, um compartilhamento de ideias que propõem o uso da categoria “liberdade” como mecanismo de emancipação diante dos padrões estéticos eurocêntricos que associam a beleza aos cabelos lisos, loiros e escorridos. Joelma, nas muitas conversas que tivemos, como também com aqueles que estavam presentes no salão, afirmou que o “cabelo natural” é o retorno para as nossas “origens”. Percebe-se, pois, que a categoria é mobilizada como instrumento político que implica reconhecer uma origem africana. Assim, diante da multiplicidade de escolhas para o cuidado do cabelo crespo, os alisamentos representam uma dissociação com as origens ancestrais.

Nilma Gomes (2019) também enfatizou em sua pesquisa nos salões afros ou étnicos em Belo Horizonte os discursos compartilhados nesses espaços eles constataram uma coerência com o discurso da democracia racial. Demonstrando que nos salões étnicos, passamos por mudanças e tensões em torno da identidade negra étnico/racial. Segundo a autora, o corpo que é construído no espaço do salão possui códigos particulares de acordo com cada grupo social. Nesse sentido, não é possível generalizar todas as formas de expressão corporal para todos esses grupos. Em suma, para a autora, diante das diversas capacidades de interpretação que o corpo negro apresenta, o trato com o cabelo é aquele que possui a síntese do complexo e fragmentado processo de constituição da identidade étnico racial (Gomes, 2017).

Por meio dessa atuação, as trançistas buscam proporcionar no espaço do salão um local para a construção de novas identidades. A atuação das trançistas, portanto, é fundamental para mediar essas questões e fomentar a construção do salão como espaço de debate. Como foi discutido, há um entendimento da necessidade de ruptura com padrões estéticos de beleza brancos. Neusa Souza (2021) pontuou que a identidade negra redonda de um sofrimento para o sujeito. A “ferida” do corpo tornasse a “ferida” do pensamento. Ser negro é ser violentado constantemente, pois o negro vive no mundo embranquecido. É ter que lidar com o ideal branco, que solapa o corpo preto. Uma força psíquica é criada, em que o sujeito não possui relação de prazer com o próprio corpo. Devido fetiche pela brancura. O pensamento não representa a sua identidade real. Nesse sentido, ser negro é ser violentado: colocar pregadores de roupa para afinar o nariz, alisar os cabelos pelo ideal do embranquecimento, em que sujeito negro é forçado a esconder os sinais de cor do seu corpo (Santos, 2021).

Franz Fanon em “Peles Negras, Máscaras brancas” (2020) transmite nesse texto a sutileza, as relações e os adjetivos que atravessam o universo do negro e do branco.

Sou branco, quer dizer que tenho para mim a beleza e a virtude, que nunca foram negras. Eu sou da cor do dia...Sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma compreensão simpática com a terra, uma perda do meu eu no centro do cosmos: o branco, por mais inteligente que seja, não poderá compreender Armstrong e os cânticos do Congo. Se sou negro não é por causa de uma maldição, mas porque, tendo estendido minha pele, pude captar todos os flúvios cósmicos. Eu sou verdadeiramente uma gota de sol sob a terra...E avançamos num corpo a corpo com a própria negrura ou com a própria brancura, em pleno drama narcisista, cada um enclausurado na sua

particularidade, embora, de tempos em tempos, com alguns vislumbres, ameaçados, contudo, pelas origens (Fanon, 2008, p.56)

Lia Vainer (2016) evidencia que a estética da branquitude é valorizada, é instituída como a “verdade” do belo e que estabelece uma hierarquia entre os brancos e não-brancos. (Vainer, 2016.p.127, grifo do autor). Em suma, a autora, ao estudar a branquitude na cidade de São Paulo, compreende que fenótipo define a brancura, a ponto de constituir categorias para alocar, também, os níveis de brancura.

Por fim, complemento e finalizo essa discussão com Nilma Gomes (2019) que afirmou que o cotidiano dos salões de beleza afro é rodeado de interações onde os conflitos raciais são vividos por pessoas negras devido aos fundamentos racistas da sociedade brasileira. O *Salão Afro Tranças* se diferencia dos outros tipos de salões de beleza devido as práticas de sociabilidade e tratamentos estéticos estão voltados para a promoção de outros tipos de beleza, centrados na valorização da estética negra. Apesar dos conflitos e posicionamentos controversos sobre os fios de cabelo mais crespos, as trançistas do salão procuram evidenciar que este é um espaço negro, comprometido com a construção e afirmação de identidades afrodescendentes.

Nesse contexto, o salão atua como um local para trançar os cabelos, mas também como um ambiente de resistência cultural, onde se busca romper com os padrões de beleza eurocêntricos e criar paradigmas. O *Salão Afro Tranças* se estabelece como um espaço que utiliza a estética como mecanismo de construção de novas identidades e a promoção da autoestima.

Os trabalhos sobre a temática dos salões afros, como o de Nilma Gomes (2019), mostram que no espaço do salão "étnico" é possível discutir sobre a relação entre cabelo crespo e identidade negra. Não há uma imposição para a utilização de química no *Salão Afro Tranças*, pois como foi ressaltado, existe um apreço pela liberdade de escolha perante as manipulações capilares. Para Nilma Gomes (2019) a identidade é uma maneira de nos colocarmos no mundo assim como na relação com os outros. Através da identidade, também são construídas redes. As práticas culturais, assim, apresentam-se como um fator importante na criação das redes de relações. Contudo, a autora ressalta que a identidade não se compreende apenas no campo cultural. Para ela, a identidade é formada por questões complexas. Dessa maneira, quando acrescentamos adjetivos, como raça, gênero etc., a complexidade fortificasse. Nilma Gomes (2019) considera que no debate sobre a identidade negra, a partir da construção de olhar sobre si, mas também sobre o outro, caracterizando, portanto,

uma relação conflituosa para a autora, o corpo e o cabelo crespo são símbolos, que atuam no âmbito cultural, logo, não devem ser compreendidos somente como dados biológicos. Nilma Gomes (2019) conclui que a identidade negra no Brasil parte de uma construção histórica, em que o mito da democracia racial e o racismo ambíguo devem ser considerados. Demonstrando, portanto, que no Brasil, o cabelo e a cor da pele, portanto, são utilizados como critérios de classificação social.

Em “Alisando os nossos cabelos”, de Bell Hooks (2005), compreendemos como a discussão sobre cabelos e alisamentos devem ser considerados como uma pauta relevante, porque existe uma insistência em utilizar a nossa insegurança como mulheres negras para beneficiar a supremacia branca. Bell Hooks (2005) também afirmou que algumas mulheres lhe disseram que usar o cabelo alisado é uma estratégia de sobrevivência na sociedade. A autora acredita que mesmo quando optamos pela forma de usar o cabelo, fica óbvio que sofremos agressões racistas e sexistas e que isso abala a intensidade como nos sentimos capazes de cultivar o autoamor e de reiterar a nossa presença. Nesse sentido, ela certificou que o racismo e o sexismo juntamente com os meios de comunicação e a publicidade exibem que nós — as mulheres negras — não ficamos bonitas e atraentes se não modificarmos o nosso cabelo, logo é imprescindível que não concordemos com essas questões quando descobrimos que a supremacia branca atrapalha nossos empenhos para construir nossa identidade e nossa individualidade.

Nota-se que Joelma utiliza a palavra “naturalidade” através de uma relação entre os penteados trançados como mecanismos de resgate da autoestima das mulheres negras. Ângela Figueiredo (2018) apontou que na sociedade brasileira os alisamentos químicos não são compreendidos apenas como um exercício de beleza, mas também como uma forma de aumentar a classificação da cor, tornando-se menos preto. Grada Kilomba (2020) afirma que o conceito de racismo é uma construção através da diferença. A pessoa é considerada "outro" devido à sua origem racial ou religião, estas diferenças estão ligadas valores hierárquicos introduzidos socialmente, por um processo de naturalização, ou seja, como se não abarcasse uma construção social. O cabelo de pessoas negras representa o estigma da negritude. O cabelo tornou-se um dos artifícios de servidão durante o período da escravização. Após serem escravizados, os senhores brancos não aceitaram, os cabelos negros, que se tornou um símbolo de primitividade. (Kilomba, 2020).

Grada Kilomba (2020) afirma, portanto, que o cabelo expressa a consciência racial, pois são respostas contrárias aos padrões dominantes de beleza. São respostas contrárias aos mesmos. Nesse entendimento, a população negra foi pressionada a alisar com produtos químicos apropriados, que serviram para apagar os sinais repulsivos da negritude. Assim, a autora pontua que o cabelo se tornou um elemento mais relevante na consciência política entre os africanos, pois transmite uma mensagem política de fortalecimento racial. São políticos e moldam as posições das mulheres negras diante à raça, gênero e beleza e acionam a ansiedade branca de perder o controle sobre o corpo colonizado, pois expressa a sua consciência racial, tornar-se muito negro é associado à ideia de regredir à primitividade (Kilomba, 2020).

No livro “Sem perder a raiz”, Nilma Gomes (2020) cita como a raspagem das cabeças no período da escravização foi um mecanismo de dominação. Nesse sentido, para a autora, no conjunto corporal, o cabelo não pode ser considerado neutro, pois através da cultura ele foi modificado numa marca de pertencimento étnico/racial. Para a autora, nas diversas capacidades de interpretação que o corpo negro apresenta, o trato com o cabelo é aquele que possui como a síntese do complexo e fragmentado processo de constituição da identidade étnico racial.

Sendo assim, Nilma Gomes (2019) afirma que a relevância dos salões étnicos na construção da identidade não pode ser desconsiderada, porque no salão étnico as pessoas negras constroem a sua trajetória de vida diante de uma experiência social, e encontram outro olhar sobre a cultura negra, o cabelo e o corpo. Ao explicar a sentença: “a revolução não será alisada” Joelma pontuou que atualmente temos mais liberdade para cuidar dos cabelos da forma que queremos. Antes disso, ela explica, as únicas opções que tínhamos eram os alisamentos químicos. Por conseguinte, este quadro representa um entendimento: a forma de apresentar o cabelo socialmente e o tipo de interpretação atribuída pelo sujeito podem ser utilizadas para disfarçar o pertencimento étnico racial (Gomes, 2019).

2 AS PERCEPÇÕES SOBRE OS PENTEADOS TRANÇADOS NO SALÃO AFRO TRANÇAS

Esse capítulo pretende apresentar as percepções sobre os penteados trançados no contexto do *Salão Afro Tranças*. Para alcançar esta proposta, analisarei as relações que os interlocutores possuem com os seus cabelos. Esta abordagem foi crucial para compreender as dinâmicas de interação no salão situado na cidade de Santos Dumont, MG. Os encontros e desencontros traçaram os caminhos no percurso de minha pesquisa. Assim como a própria investigação atravessou o meu cotidiano, devido aos momentos em que estava no salão para "fazer o meu cabelo". Para cumprir essa proposta, destaquei frases nos subtítulos deste capítulo que escutei no campo na tentativa de apresentar as relações das mulheres com os penteados afros. A escolha desta estrutura, expressa ao longo deste texto, representa uma busca por um artefato de correlacionar didaticamente os temas que envolvem a construção dessa estética afro. Nesse sentido, ao dedicar um capítulo sobre penteados afros, num ambiente de um salão na cidade de Santos Dumont, mostrarei outras dinâmicas que foram observadas durante a pesquisa de campo.

2.1 FAZENDO CAMPO E TRANÇANDO OS CABELOS: "UMA CLIENTE QUE VIROU AMIGA"

As reflexões presentes nas linhas que seguem se iniciam antes mesmo de ser um trabalho de campo formalizado. Em 2019 conheci Sthephanny, e gostei muito do seu penteado com tranças. Ela era aluna do terceiro ano do ensino médio numa escola pública que lecionei sociologia. Perguntei a ela onde ela fazia esse penteado e ela me disse que trançava os cabelos com sua tia. Conheci Joelma por intermédio da Sthephanny. A partir daí comecei a trançar meus cabelos com muita frequência e a pensar que aqueles eventos possuíam aspectos que poderiam ser fotografados. Estabeleci uma rede de relações no salão. Preciso mencionar, portanto, que o fato de usar tranças, ajudou no processo de tramitação com as interlocutoras, e o acesso ao campo. Interessa-me recorrer um pouco à minha própria biografia uma vez que estou completamente implicada na pesquisa que realizo como cliente e amiga da interlocutora principal.

Quando eu era criança eu consumia referências brancas e aprendi o que Virgínia Bicudo chamou na década de 1940 de auto ódio. Esse auto ódio seria o ódio que pessoas negras apresentam sobre si mesmas diante do racismo a qual elas são vítimas. Dessa forma, o alisamento químico era compreendido como a única opção acessível e viável de cuidado com os cabelos quando eu era criança. Da adolescência até a vida adulta, busquei por fios alisados e sem volume, contudo, aos vinte e três anos, resolvi dar um fim nesse processo. Experimentei uma rotina de cuidados capilares até então, desconhecia a oportunidade de cuidar dos meus fios crespos.

Aos vinte nove anos comecei a refletir sobre a ausência de conhecimentos sobre outras formas de manipulação do cabelo crespo. Realizar uma pesquisa de campo sobre cabelos crespos com outras mulheres negras faz parte de um processo que comecei ao buscar autoaceitação e referências negras. A minha relação com as interlocutoras foi construída no decorrer do trabalho de campo. Houve encontros e desencontros. Assim como a própria pesquisa que atravessou o meu cotidiano, devido aos momentos em que estava no salão para fazer o meu cabelo, proporcionando reflexões da estética negra, como uma mulher preta, pesquisadora e sandumonense. A frequência das visitas ao salão fez com que as mulheres que retornavam estabelecessem vínculos, como adicionar nas redes sociais e cumprimentar na rua.

Joelma me chamava de “a cliente que virou amiga”, averiguando como as relações no salão são marcadas pela intimidade e sociabilidade. Compreendemos que conversar é um mecanismo puro de socialização, conforme demonstrado por Simmel (1985), e fornece o caminho para a construção de relações intensas no salão. As conversas durante o processo de trançar os cabelos envolvem todos os presentes. Falávamos sobre autoestima e as múltiplas possibilidades de cores e materiais para confeccioná-los. Conversávamos sobre relacionamentos amorosos, beleza, cuidados femininos, sobre as nossas vidas de modo geral. Se o cliente não se sente à vontade, fala-se apenas o essencial. Contudo, a cliente que não gosta de conversar não é bem-vista, pois não possibilita o desenvolvimento de intimidade. Percebo, portanto, que Joelma possui um potencial significativo para transformar clientes em amigas, desde que essas interações sejam possíveis e ambas as partes estejam dispostas. Existe, assim, uma proximidade entre essa categoria de cliente e a família.

“Como uma cliente que virou amiga” recebi o convite para chá de bebê da irmã de Joelma. A festa seria surpresa e aconteceu na casa da sua mãe. Quando a conheci, ela chamou-me “professorinha”, uma maneira carinhosa de reconhecer a

minha atuação na vida de Stephany, a sobrinha. Os nossos caminhos cruzaram-se, após atuar como a sua professora disciplina de Sociologia numa escola pública na cidade de Santos Dumont, em 2019.

Seguindo a dinâmica de festas "surpresas", fiquei escondida por meia hora num quarto com Hevelliny, a outra trancista do salão. A festa aconteceu na residência da mãe de Joelma. A chegada da gestante foi marcada por músicas evangélicas. Iniciaram o choro e uma sessão de fotos. Tiramos muitas fotos. A comida foi servida na sala. Outro cenário foi evidenciado, com as crianças e adolescentes começaram a dançar com passos coreografados de funk que estavam fazendo sucesso na rede social *Tik Tok*.

Observei a dinâmica pela varanda, enquanto conversava com Hevelliny. As adolescentes e as mulheres estavam com penteados afros, maquiadas, unhas pintadas e argolas. As crianças e adolescentes começaram a dançar coreografadas. Nesse dia, eu estava na pausa para o novo penteado trançado, ou seja, estava com o meu cabelo sem extensão. Senti, de certa forma, a falta das minhas tranças ao observar as gerações diferentes de mulheres. Com os seus penteados – feitos com antecedência por Joelma, ou por sua irmã, que também sabe trançar penteados trançados, mas não trabalha na área – para participar da festividade. Percebi a necessidade de compreender as manipulações capilares, através das narrativas e construções da subjetividade e coletividade, relacionadas com a identidade étnica racial no salão.

Em suma, ao considerar estudar o tema, eu já possuía um vínculo com o espaço a ser pesquisado. É importante destacar que o uso de tranças facilitou o processo de interação com as interlocutoras. Acredito que a dificuldade na escrita do meu trabalho, em alguns momentos, se deu principalmente pela demora em compreender as dinâmicas das relações que envolviam os penteados trançados, as trancistas e as clientes. Ademais, é necessário destacar minha própria relação com o cabelo, pois, à medida que a tese era desenvolvida, eu utilizava mais penteados afros. Notei, portanto, a presença da família naquele espaço, promovendo a troca de penteados e contribuindo para a socialidade do salão. Nesse sentido, destaco primeiramente a construção de relações que foram relevantes para a análise dos dados apresentados neste capítulo.

Percebi que estar presente nos locais externos ao salão permitiria compreender significados sobre a construção da estética negra, que nesse caso é transmitida no

seio familiar. Os penteados afros estavam na cabeça daquelas mulheres. Feitos por Joelma e Hevelliny, a preparação do cabelo da gestante foi feita no salão. Recordo que nesse dia fiquei mais ansiosa para trançar o cabelo, pois estava sem tranças no evento. Notei que, comemorar e escolher qual penteado. Dessa maneira, para pesquisar o *Salão Afro Tranças*, foi preciso compreender as relações de intimidade. No mais, a importância dessas relações no espaço do salão.

A família de Joelma estava no salão. O salão é da família, de certa forma de pessoas que querem estar perto de Hevelliny e Joelma. Ela aprendeu a trançar os cabelos com a irmã mais velha. Em casa, com as primas, o manuseio dos cabelos sintéticos acontecia na troca de favores, ou seja, uma arrumava o cabelo da outra.

Como "amiga que virou cliente", recebi outro convite, para o aniversário do filho mais velho de Joelma. Percebia a sua preocupação com a família, principalmente filhos pequenos — de sete e dez anos — desde o início do trabalho de campo. Algumas vezes, as crianças ficavam um tempo no salão após a escola, mas passavam a maioria do tempo com a sua mãe. Foi assim, que Joelma decidiu alugar uma casa maior para estabelecer o *Salão Afro Tranças* e a sua residência.

Nesse sentido, observei que quando o salão passou para a sua residência, interpreto que os seus filhos "ficavam à vontade" na minha presença quando eles subiam para o salão, ou seja, saem da sua casa e começam a correr no espaço que estamos fazendo o cabelo, ou aparecem para fazer alguma reclamação com a mãe sobre o irmão. "Eu já falei que eu não quero criança aqui no salão". Caso, ela precise chamar a atenção das crianças, com a voz alta. Em alguns casos, eles costumam estar no andar de baixo da casa e se comunicam dessa forma: "Ainda bem, que é a Dani que está aqui, ainda bem que hoje é o dia da Dani (Joelma, abril de 2023).

Não pude comparecer por motivos de saúde ao aniversário do filho mais velho da Joelma. Devido à ausência, comecei a questionar se a minha presença era crucial pela amizade que construí, ou pelo trabalho de campo. De fato, cogitei uma terceira via: os motivos se misturavam. Compreendo que as minhas relações foram estabelecidas ao longo do tempo. Na medida que o campo caminhava, estava presente para trançar o meu cabelo. Neste sentido, estar presente no salão estudado, para manipulá-los e compreender as relações familiares presentes entre as manipulações dos cabelos.

Figura 10 — Joelma trançando os meus cabelos em casa.



Fonte: O autor (2024).

2.2 AS PRÁTICAS CORRIQUEIRAS DOS PENTEADOS TRANÇADOS NO CONTEXTO DO SALÃO AFRO TRANÇAS: “VAMOS FAZER UMA BASE DE NAGÔ”

No *Salão Afro Tranças* são oferecidas *box braids*³ também conhecidas como tranças soltas. O tamanho das tranças fazem referências: a *Channel*⁴ cintura e bumbum. A partir disso, os preços do penteado são diferenciados conforme o seu comprimento. As tranças soltas cumpridas (bumbum e cintura) são as mais caras, pois demoram mais tempo. Devido ao trabalho artesanal, o tempo gasto é variável ao preço. A *box braids* que também é conhecida como tranças soltas é um penteado que divide o cabelo em quadrados destinados para cada trança. As tranças são executadas unindo os fios naturais com o cabelo sintético.

O jumbo é o material sintético utilizado no salão. Ele é dividido em quantidades exatas, pois a espessura da trança depende desta precisão. Pois bem, a espessura da trança definirá a quantidade de material que será utilizado. Assim como o tempo que será gasto com a confecção do mesmo. Quanto mais finas forem as tranças, mais tempo será gasto. As tranças longas são mais caras e esses modelos demoram mais para serem feitos. Por ser um trabalho artesanal, o tempo gasto estipula o preço.

Ao familiarizar-se com aquela cabeça, o cálculo de tempo gasto e a quantidade de material é mais certa. Posto isso, tais práticas aprimoram o olhar técnico das trançistas, recurso que auxilia inúmeras mulheres no cotidiano do salão. A etnomatemática está presente no cotidiano das trançadeiras, evidenciando o aspecto cultural de analisar a matemática aplicada no mundo social, como evidenciou Luane Santos (2013).

O tipo de fio e a quantidade de cabelo também influenciam o período destinado para cada trança. Primeiramente, grande parte dos penteados utilizam extensões capilares. Essas extensões são compreendidas como cabelos sintéticos, orgânicos e biofibra comprados para compor penteados que visam uma estrutura alongada. No caso das tranças, o jumbo é mais utilizado. Os seus objetivos principais são alimentar as tranças. “Alimentar” as tranças é um processo de inserir quantidades de jumbo suficientes para que as tranças possam ficar mais grossas e volumosas. Essa

³ Penteado trançado que consiste em trançar unindo o cabelo com o sintético, que se inicia com um pequeno nó.

⁴ Faz ao modelo de corte em que os fios ficam até a altura dos ombros. Inspirado na estilista francesa *Coco Chanel*. Um ícone da moda europeia no século XX e os dias atuais.

categoria também foi utilizada pelas trancistas na tese de doutorado de Luane Santos (2022).

O jumbo não é um tipo de material indicado para ser usado solto, ou seja, é preciso trocá-lo ou amarrá-lo. Isso acontece por terem disposição para embarçar rapidamente, por isso também que não é ideal reutilizá-lo. Em média, a maioria das pessoas precisa de dois pacotes de jumbo para fazer as tranças até a cintura. Caso o material não seja suficiente para finalizar o processo, instaura-se uma problemática. O preço do jumbo possui variação com o local da compra. Na cidade de Juiz de Fora, por exemplo, é possível encontrar os valores de R\$28,00 a 36,00. Na cidade de Santos Dumont está em torno de R\$39,90 a unidade. As clientes têm a opção de comprar o jumbo no Salão *Afro Joo Braids*. A rota de comércio dos cabelos sintéticos no centro da cidade é concentrada em dois espaços. Quando o produto não é comercializado no salão, Joelma indica a Loja Coisas Preta. Vale mencionar que alguns clientes preferem comprar no município de Juiz de Fora, ou virtualmente.

No salão de beleza, Joelma e Hevelinny dialogam com os números na “ponta da língua”. Demorei um tempo para compreender que os códigos presentes nas conversas mencionaram o domínio da relação, entre as cores e os numerais que ficam na embalagem dos jumbos para diferenciá-los.

Também são oferecidos como opção para as clientes os penteados de trança nagô. A trança nagô é um penteado em que as tranças ficam rentes no couro cabeludo, podem ser feitas alimentando com cabelos sintéticos, ou não. A base vai ser nagô?" Vamos fazer uma base de nagô". São frases usadas no cotidiano das trancistas para organizar a estrutura dos penteados trançados. Joelma também disponibiliza possibilidades estéticas de trança nagô para as clientes: com extensão e sem extensão.

Dessa maneira, a trança nagô é uma trança que fica grudada no couro cabeludo, por isso é compreendida como "base". Por essa razão, outros tipos de métodos dependem da mesma, como, por exemplo, o *crochet braids* e o *intralaice*.

"Para constituir o *crochet braids*⁵ é preciso traçar a "base" nagô. Para os clientes que possuem cabelos longos, é necessário amarrar as pontas para cima e costurar com uma linha. Após a conclusão da trança *nagô*, os fios ficam presos e

⁵ O *crochet braids* é uma técnica que os fios ao serem trançados com a trança nagô é ficam agarradinhos no couro cabeludo permitem que o cabelo orgânico o perpassa com a ajuda de uma agulha própria para o método.

alinhados. Dessa forma, é possível receber o biofibra⁶ ou cabelo orgânico⁷. Em suma, cada mecha de cabelo orgânico passa por uma agulha e fica rente ao couro cabeludo. Ao chegar ao salão o cabelo é desembaraçado (seco) e dividido em sincronia, com o auxílio da pomada para iniciar a trança. A nagô pode ser confeccionada nas tranças soltas. Quando o penteado é feito na parte de cima e finalizado com as denominadas de *fulani braids*.

Sobre os cabelos sintéticos, ou orgânicos que não os jumbos, é comum utilizar os “rabos de cavalo”. O “rabo de cavalo” orgânico tem sido bastante usado atualmente. Observei vários modelos nas lojas, ou na cabeça das mulheres. Basicamente, a estrutura dos rabos orgânicos é composta por uma rede, para prender e esconder o coque feito com o próprio cabelo. Alguns modelos possuem grampos para fixar com mais agilidade. Consumi-los é prático, e econômico, pois pode ser reutilizado. São adquiridos através de compras *online* ou na cidade onde a pesquisa foi realizada. Encontramos diversas texturas destes tipos como, lisas, cacheadas e onduladas, pretas, loiras, castanhas etc.

Além dos modelos de “rabos de cavalo” orgânicos longos, existe também aquele que remete *afro puff*. O *afro puff* é o nome dado a um penteado feito com cabelo crespo, que consiste em amarrá-lo para cima. Devido às particularidades da sua estrutura, os fios não descem, mas permanecem para cima. Dessa maneira, é possível que as mulheres transformem o visual rapidamente. Para ficar esteticamente “perfeito” é interessante juntar os fios com ajuda de cremes ou géis para prendê-los e formar um coque. Com os cabelos esticados e presos é possível prender o rabo orgânico. Produzindo, portanto, um novo penteado. Assim, possuem diversas texturas de rabos orgânicos vendidas no mercado: lisas, cacheadas e onduladas, pretas, loiras, castanhas etc.

⁶ O cabelo bio fibra é produzido com fibras vegetais, como milho e soja. A biofibra é uma fibra que tem duas fibras diferentes e é parecida com a pele humano, mas é mais macia e de qualidade superior à orgânica.

⁷ . O cabelo orgânico é um aplique feito com colágeno sintético. Esse material, presente em diversos suplementos alimentares, simula bem o colágeno endógeno que o corpo produz, os fios têm uma textura e aparência muito próximas do natural.

Figura 11 — Carolaine usando tranças nagôs



Fonte: O autor (2024).

Figura 12 — Danúbia usando o penteado trançado box braids



Fonte: Instagram

Figura 13 — Danúbia com box braids pretas



Fonte: Instagram.

Figura 14 — Danúbia com as box braids e baby hair



Fonte: Instagram.

Percebi que os penteados trançados com extensões com cores pretas são os penteados trançados mais usados no salão: “Eu prefiro a trança preta, é mais tradicional, principalmente para quem está trançando o cabelo pela primeira vez”. (Relato coletado no diário de campo, agosto de 2022). Observei na experiência das mulheres, que procuram o salão pela primeira vez a opção pelo jumbo preto. O trabalho ímpar da Consolação Lucinda (2004) apontou que, de certa forma, combinar a cor do cabelo com a cor da pele é obedecer a um padrão genético. Uma cliente, que estava trancando no salão, disse: “eu gosto dessa cor, pois combina com os meus olhos” (relato coletado do diário de campo, julho de 2022).

Após o crescimento dos fios, as tranças começam a descer, ou seja, o cabelo começa a crescer. Sendo assim, ao combinar o tom da raiz do cabelo com a cor do material sintético é possível driblar por mais tempo tais questões. Sobre os aspectos e durabilidade das tranças, há uma necessidade de evitar o *frizz* para manter a qualidade dos penteados que, dependendo do modelo, são utilizados durante dois meses. Os fios de cabelo que saem do meio das tranças com o passar do tempo são conhecidos como *frizz*. Não é bem-visto, continuar com as tranças após um considerável crescimento da raiz.

Após dois meses com o penteado trançado, as mulheres que frequentam o salão acreditam que o visual do mesmo fica desgastado, pois os fios de cabelo começam a sair pelas tranças e fica difícil não perceber a diferença entre a raiz e a trança. Elas ficam frouxas. Fazer o *baby hair* é um dos artifícios recorridos. A aplicabilidade do penteado, nesse contexto, consiste em fixar os fios crescidos com auxílio de gel ou pomada nos arredores da testa, compondo um traço ou um desenho.

No geral, *baby hair* é o nome dado aos cabelos novos que continuam a nascer, que são delicados e pequenos. O tecido de cetim evita que a umidade (água/hidratação) dos fios seja perdida, dificultando o surgimento de *frizz*. Pelo seu potencial de manter os fios alinhados torna-se um forte alinhado para os penteados trançados, orgânicos, pois os outros materiais que compõem as franhas como algodão, por exemplo, causam atritos que desalinham a aparência dos mesmos.

Em suma, as clientes associam cores escuras do jumbo como tons considerados neutros. Para Consolação Lucinda (2004), quando há um interesse em modificar a cor do cabelo, o que está em jogo são as questões culturais (estéticas), não as questões genéticas. Além de atentar para as concepções de como cada indivíduo compreende e vive as relações raciais. Dessa forma, há uma relação entre

o tom do cabelo e a cor do material sintético. Para a autora, quando uma pessoa decide modificar a cor do cabelo, o que está em jogo são as questões culturais (estéticas), não as questões genéticas (Lucinda, 2004)

Figura 15 — Os pacotes de jumbos expostos no Salão Afro Tranças



Fonte: O autor (2024).

O *Salão Afro Tranças* também oferece a opção de retirada dos penteados. A funcionalidade dessa prática depende exclusivamente do tipo de penteado e cabelo, devido à duração de cada uma dessas funções. Existe uma relação das tranças com o crescimento do cabelo. Joelma gosta de averiguar os cabelos ao soltá-los, para perceber o crescimento. A ligação entre penteados trançados e o estímulo ao crescimento representa uma narrativa contrária ao uso excessivo de alisamentos químicos, que podem causar queda.

Além de atentar para as concepções de como cada indivíduo compreende e vive as relações raciais durante o trabalho de campo notei diferenças nas estilizações dos penteados trançados, que acompanham de certa forma as transformações culturais e mercadológicas, adotando outras nomenclaturas e finalizações. Atualmente, conseguimos avistar com mais facilidade, o que Joelma denomina de “pontas soltas”.

A técnica de confeccionar cachos nas pontas do jumbo, ou acrescentar cachos nas tranças, foi bastante utilizada de 2022 em diante no salão. É preciso deixar o tamanho do trançado com as “pontas soltas” com uma distância maior para gerar os cachos. Eles são feitos no final das tranças com auxílio de água quente. A temperatura da água consegue enrolar o fio sintético e formar ondulações.

As tranças soltas (*box braids*) podem ser amarradas com o *lastex* e arrematadas com o auxílio do isqueiro — o *lastex* pode ser definido como um elástico preto fino, que serve para amarrar os cabelos, bastante utilizado nas colocações de mega hair. Ele é vendido, num rolo pequeno, parecido com as embalagens de linha de costura — técnica que necessita de habilidade, porque é preciso queimar um pedaço mínimo do cabelo sintético para que a trança não se solte no decorrer dos meses. Notei um desuso desta técnica, mediante a finalização, com “pontas soltas”. As pontas das tranças ficam livres, não são finalizadas com *lastex*, ou seja, ficam soltas. É importante salientar que, quando as tranças eram conhecidas com rasta ou soltas, a finalização com *lastex* era predominante. Atualmente, conseguimos avistar com mais facilidade, o que Joelma denomina de “pontas soltas”.

A técnica de confeccionar cachos nas pontas do Jumbo, ou acrescentar cachos nas tranças, foi bastante utilizada no salão de 2022 no salão. É preciso deixar o tamanho do trançado com as “pontas soltas” com uma distância maior para gerar os cachos. Eles são feitos no final das tranças com auxílio de modeladores ou água quente. A temperatura da água consegue enrolar o fio sintético e formar ondulações.

As *knoletss braids* são confeccionadas sem o nó ao iniciar cada trança. Joelma chama de “raiz soltinha” ou “raiz levinha”, devido à maior distância entre o cabelo e o início da trança.

A *gypsy braids* é um trançado que une o jumbo, cachos orgânicos ou bio fibras (orgânico ou biofibra são categorias que envolvem a qualidade do cabelo sintético, que nesse caso são cacheados, mas podem ser lisos). Sobre as observações das mudanças e diversidades de penteados trançados, cito Raul Lody (2008) que afirmou que em termos de salões de beleza, as tendências do mundo *fashion* se refletem nos penteados que expõem um amplo conceito sobre o que é afro. Para o autor, esses penteados são tranças, nagôs e rastafari, que podem ser desenhos e possibilidades. Sendo assim, a estética afro continua a criar cabelos de axé. O conceito apresentado pelo autor considera a ligação dos penteados com a ancestralidade do povo africano.

Para Raul Lody (2008) a estética dos penteados para os povos africanos tem um significado especial, pois resgata a memória, revela a personalidade, a sua condição social e cultura. Eufrásia Songa (2018) afirmou que existe uma diferença entre os estilos modernos de penteados, em contraponto com os que são considerados antigos. Para ela, existe uma evolução das técnicas do corpo, que surgem modalidades de trançados, não podendo desconsiderar, também, os efeitos da globalização (Songa, 2018).

Figura 16 — Carolaine usando o penteado trançado gipsy braids



Fonte: Instagram.

Observei como é comum as pessoas não terem conhecimento sobre os penteados trançados. Até mesmo aquelas que desejam fazê-los. Existe uma curiosidade em compreender “como que trança”? “Como que faz”? As expressões foram ouvidas diversas vezes no salão. Luane Santos (2022) analisou que as trancistas sofrem com o desconhecimento das suas técnicas de atuação na sociedade. O universo dos penteados trançados requer uma compreensão dos

materiais empregados e uma familiaridade com as diversas opções de penteados disponíveis, que variam com o tempo, a influência do mercado ou até mesmo das mídias sociais. Notei como as redes sociais inspiram as mulheres no desejo de penteados que estão sendo mais utilizados naquele determinado momento.

Foi assim que conheci as tranças com cachos, que tomaram conta da cabeça das mulheres no salão, mas também nas páginas dedicadas ao assunto. Como comprometo penteados trançados, tenho acesso a conteúdo sobre o tema, o que ajudou a perceber como os próprios chegam no salão que investigo. Percebi que os penteados trançados ao serem escolhidos dependem exclusivamente do tipo de penteado e ocasião, devido à duração de cada um desses e suas funções. Existe uma relação das tranças com o crescimento do cabelo. Há uma forte ligação entre os alisamentos químicos e a queda. Sendo assim, as tranças são mecanismos de recuperação dessa estrutura capilar. A presença constante no salão, trouxe-me observações importantes sobre um ponto inicial: não é indicado utilizar tranças nos fios quebrados advindos de quebras bruscas de cabelo. Os alisamentos químicos, acabam por ser uma pauta relevante no salão, pois as mulheres que frequentam o local, já tiveram ou têm um processo de contato com o mesmo.

2.3 AS PERCEPÇÕES SOBRE OS TIPOS DE CABELO E SUAS MANIPULAÇÕES: NO COTIDIANO DO SALÃO:

Davi integra a Iniciação Científica da sua escola que tem como objetivo estudar a trajetória e a literatura de mulheres negras. Ao desenhar uma mulher com tranças nagôs, apertadas na cabeça pela metade, o desenho expressa as emoções que senti no dia a dia com as interlocutoras. O rosto é representado por expressões de tristeza, já que cabelos crespos ainda estão volumosos do outro lado. Dessa maneira, a ansiedade pelo trançado, é também a busca por um mecanismo de renovação. Dessa forma, "não deixar de trançar nunca mais" representa um viés mercadológico de venda da proprietária e trancista, mas também representa o acesso às novas formas de ser vista como mulheres negras na sociedade brasileira, em que o cabelo é uma marca de procedência étnica (Gomes, 2019).

Davi, portanto, produziu um desenho, reflexivo, congruente sobre os entendimentos das trancistas e das mulheres, sobre a necessidade de manter os cabelos trançados, pois há questões emocionais envolvidas, ou até mesmo práticos,

porque os penteados trançados são compreensíveis como facilitam os cuidados capilares no dia a dia. O segundo desenho é possível visualizar que a mulher com penteado afro (box braids). ----- em que, é possível notar as divisões (box) para cada (*braids*) ---- com o olhar imponente, com os olhos ressaltados, através de um olhar para cima. Diferente do primeiro desenho. É possível observar seu sorriso e a sobrancelha arqueada.

Figura 17 — O trançado da trança nagô



Fonte: Davi (2024).

Figura 18 — As tranças soltas



Fonte: Davi (2024).

As tranças soltas trazem feminilidade através das extensões, representam fios longos. Denise Cruz (2018) afirma que o "grande corte", que significa a passagem da condição de alisada para crespa ou cacheada, é uma espera marcada com muita ansiedade. O corte é radical e retira toda a parte alisada do cabelo (Cruz, 2018 p.140 grifo do autor). Uma passagem profunda e marcante. Ao cortar o cabelo, é comum experimentar sentimentos ambíguos, como a felicidade, o medo e a transformação. A escritora observa que é comum sentir ansiedade ao fazer um grande corte, uma vez que é difícil aceitar que mulheres tenham cabelos curtos. Esses cabelos são frequentemente associados a estereótipos, como os de homossexuais, que também

sofrem por terem seus cabelos curtos. Isso ocorre porque o cabelo crespo tem outro tempo de crescimento e encolhe quando lavado. Levam as mulheres a temer esse momento. Sendo assim, ter cabelos longos na nossa sociedade é marca de feminilidade.

Para Denise Cruz (2018) os fios mais crespos são alocados numa escala inferior em relação aos cabelos cacheados e subsequentemente. A autora aponta que há um medo de tocar no cabelo crespo que é compartilhado por todos. Ao citar Andreia, uma interlocutora que ao deixar de usar tranças para usar o seu cabelo crespo encontra uma nova realidade, pois fios crespos necessitam de cuidados especiais e requerem "coragem" para serem tocados. Denise Cruz (2018) demonstrou em sua pesquisa, que a descoberta de novas texturas capilares pode resultar numa experiência marcada pela hierarquização das texturas. (Cruz, 2018 p. grifo nosso).

Para compreender essa dinâmica analisei o que Nilma Lino (2018) não é viável desconsiderar que o cabelo na nossa sociedade é um símbolo de ascendência étnica. Sendo assim, as escolhas capilares dessas mulheres têm influência dessas construções do corpo na estrutura das relações étnico-raciais.

No *Salão Afro Tranças* os penteados trançados são compreendidos como mecanismos de suporte para cabelos mais crespos, quando não querem ser avistados ou mostrados. Esse entendimento é construído, numa perspectiva da hierarquia dos fios. Nilma Gomes (2019) ao pesquisar sobre o cotidiano dos salões de beleza afro dispõem de informações que demonstram que nesses espaços os conflitos raciais são vividos por pessoas negras devido aos fundamentos racistas da sociedade brasileira. Isso acontece porque, o momento em que foi destituído o lugar de beleza da população negra no país, os negros não foram reconhecidos como tais (Gomes, 2019).

Através dos discursos que circulam no salão, refletidos, até mesmo na decoração do espaço, que incluem quadros com elementos que representam elementos da cultura afro-brasileira, contribui para uma construção identitária, na tentativa de proporcionar um ambiente que valorize a cultura negra e sua estética.

Primeiramente, observei que as trançistas enfatizam uma suposta "liberdade capilar" na escolha das manipulações capilares, todavia, é importante compreender que Nilma Gomes (2019) observa que esse discurso de uma suposta liberdade se aproveita da complexidade que permeia a identidade negra e das brechas deixadas

pelo discurso racial produzido de forma muito radical por algumas tendências do movimento negro.

No primeiro ano que estive em campo notei que utilizavam a categoria “cabelo natural”. Uma categoria utilizada para definir os cabelos sem químicas (alisadoras ou não). Percebi uma certa necessidade de rompimento com os padrões de beleza eurocêntricos. Os alisamentos químicos, por exemplo, são compreendidos como técnicas que neutralizam as características do cabelo crespo. Já os penteados trançados como mecanismos de valorização de uma estética negra. Observei que as expressões “cabelos ruins” ou “duros” eram utilizados para descrever os cabelos mais crespos, que não formavam cachos. Cabelos crespos com cachos, às vezes eram desviados dessa classificação.

Os penteados trançados são utilizados por diversos motivos, encontrei mulheres que os usavam para passar pelo processo de “transição capilar”, ou seja, espaço de tempo destinado para o crescimento do cabelo até atingir um determinado tamanho sem química, que podem ser alisamentos ou não. Nesse caso, as tranças proporcionam um mecanismo de proteção para aquele cabelo que está crescendo, atuando também no fortalecimento da autoestima da mulher, caso haja dificuldades em cuidar de duas texturas, uma lisa e uma crespa, na medida que o crescimento do cabelo se estabeleça.

É comum dúvidas sobre o tamanho dos cabelos das mulheres que estão de tranças. Os penteados trançados, portanto, além de enaltecer a estética negra, podem também ser um artifício para os cabelos mais crespos, trazendo a sensação de que as mulheres que os utilizam não possuem cabelos. O crescimento é um fator relevante, pois a forma que o cabelo cresce, ou seja, para cima, é um dos motivos pelos quais as mulheres ao não se perceberem com cabelos longos preferem o uso de extensões.

É comum dizer que as tranças estimulam o crescimento, comparado às quedas provenientes das químicas. Numa quinta do mês de julho de 2021, avistei uma moça, uma criança e uma adolescente se aproximando do salão. Eram as próximas clientes. Joelma e Hevelinny, terminaram de almoçar rapidamente e começaram a trançar. A filha adolescente da moça sentou na cadeira. A irmã mais nova ficou ao redor para observar todos os passos. A mãe, começou a detalhar todos os tipos de manipulações que a filha já tinha feito no cabelo: “Ela já pintou o cabelo de rosa, já raspou o cabelo, já pintou o cabelo de azul [...], mas trança ela nunca colocou. Achávamos que doía,

que acabava com o cabelo”. Joelma disse: “Não estrague não, tranças ajudam o cabelo a crescer”.

Nesse sentido, os penteados trançados são facilitadores do dia-dia das mulheres em relação aos cuidados capilares. Três clientes conversavam sobre o tempo perdido com secadores e pranchas. Sendo reduzido após o uso dos penteados trançados: “de tranças eu já acordo pronta”.

Tatiana chegou no salão se escondendo. Seu cabelo crespo estava sem creme e seco, requisitos básicos para realizar os penteados trançados. Joelma disse que ela veio de carro, para não ser vista ao passar pelo centro da cidade. O cabelo que

“precisa” ou “deve” receber penteados trançados é identificado nos discursos do salão. Uma cliente afirmou: “Se eu tivesse esse cabelo, eu não usaria tranças”. Ela afirma à sentença, ao olhar para um cabelo crespo que possui cachos abertos.

Para a autora Luane Santos (2018) trançar os cabelos é uma forma de ligação com a ancestralidade africana. Contudo, diante da técnica de as tranças alimentarem os cabelos, através da inserção gradativa de cabelos sintéticos lisos, há uma finalidade de esconder os cabelos crespos. Nesse sentido, essa prática funciona para negras e negras, como um mecanismo de humanização diante dos reflexos do processo de colonização.

Assim, elas classificaram o meu cabelo como crespo com cachos. Nessa lógica, é um fio “mais bonito”, que não precisa ser “escondido”, que é mais parecido com cabelos cacheados. É compartilhado no salão a perspectiva que o tempo gasto com cuidados dos cabelos crespos é um dos grandes motivos para utilizar os penteados “trançados”. Denise Cruz (2018) ao analisar os entendimentos do cabelo crespo no Brasil, percebemos que ele está associado à identificação étnica racial hierarquizada. Posto isto, as manipulações capilares e os alisamentos químicos, por exemplo, podem ser compreendidos como disfarces do traço racial.

Depois que as mulheres já estão utilizando as tranças, por um tempo Joelma começa a sugerir outras cores. Ela sempre compara a sua trajetória de cabelos e fica empolgada, enumerando os diversos cabelos que já colocou. A regra é não repetir. Sendo assim, as mulheres que passam pelo salão precisam investir tempo e dinheiro nas suas transformações capilares. Compreendo o trabalho de Joelma como condutor de escolhas. Dessa maneira, o *Salão Afro Tranças* estimula constantemente as mudanças de visual por meio da troca de penteados afros. Seja para garantir a clientela regularmente, ou resgatar autoestima, desde que liberte as mulheres negras

dos padrões estéticos vigentes. Por meio dessas questões, "fazer o cabelo" é uma expressão que possibilita a troca constante dos penteados afros dentro do universo das cores e tipos de cabelos orgânicos. Desestruturando o estável, o "cabelo" traduz momentos, emoções, fases de vida, superação, términos etc.

De acordo com Consolação Lucinda (2004) a mudança no cabelo, proporciona a sensação de bem-estar, uma passagem para uma nova fase. Observei também uma renovação de autoestima. Tanto que, quando se faz um "cabelo" é comum pensar no próximo que será feito, ou em sentimento de tristeza caso não haja condições financeiras para arcar com os próximos penteados. Estava no salão, escutando uma conversa sobre um possível término de casamento. O celular de Joelma recebeu uma mensagem da esposa que estávamos comentando, ela estava agendando o cabelo sem o conhecimento do esposo. Naquele momento, houve uma preocupação, já que ela estava trocando de cabelo, ou seja, era um alerta de transformação.

Sendo assim, a transformação não é apenas estética. As clientes ressaltaram os efeitos da utilização das tranças nas relações amorosas. Ouvei um relato que afirmava que, após o uso das tranças, os homens começaram a "paquerar" mais:

"Pediram o seu telefone e começaram a ligar de madrugada". Outra moça que estava trançando o cabelo, uma mulher negra de aproximadamente trinta anos, afirmou que houve muitas mudanças na sociedade para a população negra, pois anteriormente

"as pessoas só elogiavam o nosso corpo e atualmente eles estão elogiando a nossa beleza".

Joelma recebeu uma mensagem de uma moça que estava se separando do marido. As trançistas comentaram que ela estava agendando o cabelo sem o conhecimento do ex-marido: "ela está passando por uma fase de transformação, vai mudar o cabelo" (Joelma, 2022, diário de campo). No mais, às tranças não possuem apenas um valor estético. Os penteados afros dão continuidade aos elementos da cultura africana no Brasil, logo, a manipulação do cabelo é um depósito de memória (Gomes, 2019).

Consolação Lucinda (2004), na sua dissertação de mestrado, afirmou que as tranças são formas de manipulação de aparência, que podem construir diversas imagens por meio dos penteados. As análises da autora mostraram que ao utilizar as tranças existe uma relação com a praticidade que a mesma proporciona no dia a dia pela facilidade dos cuidados.

Nesse sentido, receber mais ligações dos homens, ou ser “mais paquerada”, possui relação com a construção de um corpo, com penteados trançados até a cintura que ressaltam a feminilidade e ajuda a construir outros mecanismos para vivenciar os conflitos das nossas relações afetivas. No trabalho de Nilma Lino (2019) é possível perceber que o *megahair*, extensões de cabelo humano, possuía um papel relevante sobre essas questões, diferentemente dos penteados trançados. Na sua pesquisa, as mulheres que atuam em cargos de gerência, por exemplo, alisavam os cabelos, ou usavam extensões capilares.

Patrícia Collins (2019) pontuou que a maioria das mulheres negras possuem o desejo de ter relacionamentos afetivo-sexuais com homens negros, mas acabam sozinhas. Os homens negros, por mais próximos que estejam das mulheres negras, acabam sendo responsáveis pelos seus sentimentos de inferioridade. Permanecer na última escala de desejo deles acarreta diversas reações para as mulheres negras, como, por exemplo, dedicar mais tempo para a carreira. Para a autora, as mulheres negras heterossexuais são adversárias na busca pelo homem negro, e geralmente elas se sentem ressentidas pelas mulheres brancas que se relacionam com eles. Assim, ela conclui que mulheres negras, ao se relacionarem com os homens brancos, ficam atreladas a históricos das relações afetivas marcadas pelo abuso sexual, por isso que muitas delas são acusadas de perderem a sua identidade.

De acordo com Grada Kilomba (2020) o racismo transformou o sujeito negro na personificação do sexualizado, da prostituta, do cafetão, do estuprador, da erótica, do exótico. Assim, a autora pontuou que nas variadas culturas existentes, a mulher possui a responsabilidade de educar e transmitir conhecimentos para os filhos. Sendo assim, as discussões trazidas na sua pesquisa atestam para o entendimento que o conhecimento e aprendizagem sobre as formas de trançar, através da criança via o papel de transmissão da mãe, assegurem os padrões de estética angolanos

(africanos). Denise Cruz (2018) afirma que na sua pesquisa, ao falar sobre “lida” do cabelo crespo, tanto em Brasília (Brasil) ou Maputo (Moçambique), locais onde realizou o trabalho de campo, obteve mais interações com as mulheres. Sendo assim, ela compreende que o fato de muitas mulheres estarem presentes nos mostra que o preconceito capilar com o cabelo crespo é uma experiência difícil e que as mulheres o vivenciam de maneira diferentes, indicam a distinção de gênero.

A vista disso, compreendi que dinheiro, durabilidade e aparência caminham juntos ao refletir sobre a troca constante de penteados trançados, pois os usos dos

mesmos ocasiona diferentes vivências na vida das mulheres, ora na rotina, diminuindo o tempo com cuidados capilares e na forma como se enxergam e são enxergadas através da construção social do que é belo e feminino.

Mudar de cabelo é tudo, [...] mudar de cabelo pra mim... enquanto pessoas procuram e pensam a roupa que vão usar no final de semana eu fico pensando no cabelo que eu vou usar no final de semana, porque esse negócio de cabelo existia um padrão, um cabelo liso, comprido e liso e hoje em dia a gente quebrou esse padrão, não existe isso, mais o cabelo natural é lindo, o cabelo liso é lindo, o cabelo trançado é lindo e eu adquiro todos esses cabelos eu tenho lace de cabelo liso, eu já coloquei todas as cores de trança, porque eu adoro muito trança colorida eu já usei vários modelos de trança e isso é uma coisa muito gostosa. A gente se sente realizada a cada mudança de cabelo, a autoestima elevada e um sonho realizado, porque você pode ter o cabelo que você quiser (Joelma, 2020, relato coletado no diário de campo).

A fala da trancista relaciona a facilidade para mudanças capilares, acionando a autoestima. Como também, a facilidade de manutenção dos cabelos crespos, quando estão trançados. A mudança proporciona a sensação de bem-estar, uma passagem para uma nova fase. Uma força para enfrentar novos desafios através do novo “cabelo”. Uma renovação de autoestima. Denise Cruz (2018) dissertou sobre dois conceitos relevantes para o entendimento dessa discussão. “Marcar a diferença” é descrito pela autora como um tipo de transformação guiada por uma necessidade de inovações. “Criar complicações” é o que? (Cruz, 2018, p.151, grifo do autor). Nesta perspectiva, trocas de cabelos, são trocas para o surgimento de novas mulheres. Já, a mudança compulsória, para a autora, abarca as mudanças impositivas, sem prazer, evidenciando, portanto, um controle dos corpos.

Nos discursos que percorrem no salão é “pão duragem” continuar com o mesmo penteado trançado por mais de três meses. Além de não ser saudável para os cabelos, representa a falta de cuidado com a aparência, porque a “raiz fica gritando”. Não é estimulada atitudes que busquem poupar as finanças ao investir nos penteados, como, por exemplo, aproveitar o jumbo, ou comprar menos pacotes intencionalmente. Assim como, não é recomendado utilizar penteados trançados por mais de três meses. Os fios começam a sair das tranças, ocasionando o *frizz*. Dessa maneira, é difícil não perceber a diferença entre a raiz e a trança. Elas ficam frouxas.

Marília considera relevante apresentar um penteado com aspecto de novo na cabeça. "Eu não fico nem um mês. Cresceu um pouquinho, eu tiro! Sou vaidosa" (relato no diário de campo, 2022).

Em alguns momentos do campo, confesso que adiantava algumas leituras para as disciplinas do doutorado. Principalmente quando Joelma recebia as clientes mais tímidas, que não gostavam de conversar. Uma cliente tímida poderia passar mais de três horas no salão, devido ao tempo de execução de um penteado trançado. Sendo assim, as conversas ficavam entre Joelma e Hevelliny. Eu me sentava no sofá, passava os olhos em alguns trechos grifados de Memórias da Plantação: racismos do cotidiano de autoria de Grada Kilomba. Foi nesse momento que Joelma, observou a capa. Perguntou a sua biografia e observou o penteado trançado no cabelo da autora que estampava a capa: "Gente, mas esse pessoal famoso parece que não liga para o cabelo!" (Joelma, relato coletado no diário de campo, 2020).

Dessa maneira, as trancistas estimulam constantemente as mudanças de visual por meio da troca de penteados afros. Seja para garantir a clientela regularmente, ou resgatar autoestima, desde que liberte as mulheres negras dos padrões estéticos vigentes. Por meio dessas questões, "fazer o cabelo" é uma expressão que possibilita a troca constante dos penteados afros dentro do universo das cores e tipos de cabelos orgânicos. Desestruturando o estável, o "cabelo" traduz momentos, emoções, fases de vida, superação, términos etc.

Lívia, no salão, conversava com outras mulheres e relatava que era preciso acordar às cinco e meia da manhã para passar prancha no cabelo antes de ir para o trabalho. Posto isso, após o uso das tranças, afirmou: "posso acordar mais tarde, não preciso preocupar com o cabelo, ou ligar a chapinha". No trabalho de campo, percebi que ao usarem os penteados trançados, as mulheres afirmam que "já estão prontas", ou "já acordam prontas". Observei que atividades que compõem a rotina das mulheres não foram enfatizadas como tão "trabalhosas" antes de sair de casa para o trabalho, como, por exemplo, tomar banho, preparar o café da manhã ou escolher a roupa. Nesse sentido, o cuidado com o cabelo crespo envolve uma dedicação superior.

Nilma Gomes (2019) constatou que durante as entrevistas realizadas para a sua pesquisa foi utilizado a expressão "lidar com o cabelo". Na conjuntura das relações capitalistas, a "lida" é associada ao trabalho. O trabalho é entendido como um fardo e não com uma realização pessoal. Logo, para o negro, a ideia de labuta remete a escravidão, ao trabalho explorado, como também às agressões sofridas no corpo

negro. Portanto, a expressão “lida” traz a ideia de trabalho forçado, que coisifica o escravo(a).

Luane Santos (2010), ao analisar os discursos nas entrevistas realizadas para a sua pesquisa, percebeu a relação do cabelo crespo como um “peso” ou um “fardo”, evidenciando o fato que o cabelo fazia com que suas interlocutoras recordassem a ligação com o passado negro. Para Consolação Lucinda (2004) as tranças são formas de manipulação de aparência, que podem construir diversas imagens por meio dos penteados, quem as utilizam também estão preocupadas com a praticidade. Assim os cabelos crespos que não possuem balanço, podem ser trabalhosos, mas não precisam “usar tranças”.

Joelma e Hevellyni, de maneira jocosa, ao soltarem o meu cabelo, expressam “Meu Deus!” O volume e a quantidade de cabelo destacam-se, portanto, a dificuldade de trancá-lo é colocada em questão. “No seu dia, Dani, marcamos só você”. (Joelma, trecho do diário de campo). Em 2021, gravamos um vídeo para a rede social de compartilhamento de vídeos Tik Tok. A sinopse consistia em soltar o meu cabelo, seco, sem produtos, antes de iniciar os penteados trançados. Após, Joelma e Hevellyni dublaram a seguinte frase: “Oh! Minha gente vai ajudar todo mundo me ajudar”. Em 2021, assisti muitos vídeos nas redes sociais de trancistas com o mesmo áudio, repassando a mesma ideia.

Denise Cruz (2018), ao conversar com Vanda, uma interlocutora de Maputo, descreveu a categoria de cabelos pesados. Este cabelo possui características, como “não cresce”, “estica e encolhe”. Vanda, ao transmitir em palavras as suas experiências moçambicanas, expressou sentimentos de angústia das relações das mulheres com o “cabelo difícil”. (Cruz, 2018, p.348, grifo do autor). Denise Cruz (2018) indica, portanto, como os cabelos ‘pesados’ podem ser compreendidos como a “lida”, comparado ao contexto brasileiro (Cruz, 2018, p.350, grifo do autor).

Buscando nas referências bibliográficas vemos que o cabelo crespo no Brasil está associado à identificação étnica racial, que é hierarquizada. Sendo assim, as manipulações capilares, como os alisamentos químicos, podem ser compreendidas como disfarces do traço racial (Cruz, 2018). O cabelo é um signo na sociedade brasileira, como afirmou Nilma Gomes (2019). A apresentação do cabelo socialmente e o tipo de interpretação atribuída pelo sujeito podem ser utilizadas, portanto, para disfarçar o pertencimento étnico racial (Gomes [2006], 2019).

Denise Cruz (2018) descreveu a sua experiência que relaciona a dificuldade em trançar cabelos leves durante a sua estadia em Maputo. A descrição de “cabelos leves” no trabalho da autora pode ser acionada para compreender esse tipo de cabelo, apesar da categoria ser moçambicana. Notei, o desejo por esses cabelos, assim como situações que encontro ao trançar o meu cabelo. Um cabelo leve e volumoso.

A valorização da produção estética do corpo através dos cabelos também atravessa outro tema: a fidelidade aos trancistas. A cidade que dediquei à investigação, não dispõe de uma oferta exuberante de trancistas. Quando iniciei a pesquisa sobre o *Salão Afro Tranças* pensei na possibilidade de buscar informações sobre outras trancistas, mas percebi o quanto isso era desconfortável no decorrer do campo. Isso acontecia, porque naquele local, eu não era apenas uma pesquisadora, mas uma cliente. Aqui, uma “boa cliente” não fica andando por salões. Uma “boa cliente” precisa adaptar a sua agenda com a agenda da sua trancista. Aqui uma “boa trancista” tem uma agenda cheia, contudo quando você é uma “boa cliente”, gradualmente vai se tornando uma cliente antiga. Dessa maneira, há possibilidades maiores da trancista abrir exceções na sua agenda, com os horários. Além de outras possibilidades.

Escreverei, portanto, duas situações que demonstram quando a relação com a trancista extrapola os entraves do salão. Além disso, o seu empenho na construção dos penteados afros demonstra, de certa forma, uma lealdade com a pessoa que será trancada. Sendo assim, o seu trabalho na condução do mesmo ultrapassa os limites do salão. A trancista percorreu a cidade fornecendo seus entendimentos, na tentativa de construir penteados trançados eficazes na medida, tendo como termômetro o nível de intimidade nas relações com as clientes no decorrer do seu trabalho. Era dezembro de 2022, cheguei no salão de beleza pela manhã. Joelma olhou para as minhas mãos que carregava uma sacola. Rapidamente, ela disse: “você comprou só um pacote? Nunca fizemos o seu cabelo com um pacote”. Pronto! Fiquei ansiosa, comecei a andar de um lado para o outro.

Joelma e Hevelliny sugeriram que esperássemos até às nove horas da manhã para comprar jumbo na Loja Coisas de Preta, a única loja que comercializa artigos para cabelos crespos na cidade. Passamos pela padaria, cruzamos o Calçadão da Antônio Ladeira e seguimos na Rua Luiz Cunha. Assim que chegamos na esquina, avistamos Ângela, uma cliente e amiga de Joelma, nos avistou, saiu apressadamente de um comércio e veio até nós. Estava disposta para conseguir uma vaga para a filha

fazer o cabelo na segunda semana de dezembro. Período de grande movimentação no salão devido às numerosas comemorações e festas de fim de ano.

Nesse sentido, o mecanismo da fidelidade, atua como um artifício para manter uma possível clientela. Além disso, não é qualquer pessoa que sabe fazer um penteado afro “bem-feito”. A questão do tempo é um fator relevante, pois as trancistas que trancam mais tempo acabam sendo as trancistas que trancam com maestria por aqui. O capítulo quatro da tese de Luane Santos (2022) mostrou a importância do curso de trancistas na formação profissional das mesmas, pois é uma oportunidade para aproximá-las de uma categoria profissional reconhecida legalmente. Contudo, ao ler a sua tese, percebi que não ressaltamos os cursos por aqui.

Nessa pesquisa, percebi como as mulheres demonstram uma necessidade extrema por uma trancista. Na festa de inauguração do *Salão Afro Tranças* observei narrativas que destacavam o evento devido a localização do espaço na região central da cidade. Percebi que havia uma afirmação constante por parte da proprietária do Salão Afro Tranças foi o primeiro salão afro localizado no centro da cidade de Santos. Procurei a ajuda de uma prima, estudante de estética, para contextualizar os salões na cidade, mas a catalogação quantitativa não foi satisfatória.

Constatei que há poucas cabeleireiras que Consolação Lucinda (2004) descreve como “cabeleireiras étnicas”. A pesquisa revelou que essas categorias não são tão influentes. Em Santos Dumont, há trancistas que atendem em domicílio ou possuem salões nos bairros. Em 2018, fiz um penteado trançado com uma trancista em sua casa. Também conheci outra trancista formada em licenciatura em matemática, que palestrou sobre a etnomatemática das tranças, explicando a relação entre matemática e cultura na produção de penteados trançados. Assim, conclui que não há uma quantidade expressiva de salões que oferecem serviços para penteados afros em Santos Dumont. O único salão situado na região central da cidade é o Salão Afro Tranças. Ao analisar outras opções no mercado estético do município, não encontrei um salão exclusivo para maquiagem da pele negra, nem maquiadoras negras com um espaço próprio.

Através de uma publicação no *Instagram* descobri que uma trancista da cidade estava encerrando os serviços, devido ao desrespeito de alguns clientes com seu trabalho. Posteriormente, conversamos pelo Instagram. Ela, muito tímida, estava preocupada com nossa conversa, temendo que fosse publicada em algum jornal. Escolheu uma marca para ser referenciada no texto e se autodenominou trancista,

embora se considere uma "profissional em construção", pois procura atender seus clientes da melhor forma possível.

Sendo assim, em muitos casos, não se trata apenas do uso das tranças de forma contínua, mas também da necessidade de continuidade, uma relação de vínculo com a trancista. É importante salientar que a cidade que dediquei à pesquisa não tem uma grande oferta de trancistas. Dessa forma, o mecanismo da fidelidade atua como um meio para adquirir um penteado trançado bonito na data desejada coerente com a agenda da trancista, que pode ou não, conceder brechas, ou horários disponíveis de acordo com a relação entre a mesma e as clientes.

Há sete anos atrás comecei a trançar o meu cabelo com a Joelma. Eu gosto de seguir a minha agenda e a dela, porque eu não frequento outras trancistas, já acostumei com o jeito dela de trançar e fazer o meu cabelo. Eu também gosto de fazer o cabelo com Joelma e Hevelliny, porque elas são divertidas. Contamos várias histórias e rimos. Eu também acho que tranças tem que ser bem-feitas, já vi muita trança feia na rua. Tem que ter uma trancista boa, porque eu só saio se o meu cabelo estiver arrumado. (Relato coletado no diário de campo, abril de 2021).

Consolação Lucinda (2004) afirmou que a fidelidade dos clientes está diretamente relacionada à questão entre clientes e as trançadeiras. Nela existem considerações a serem pontuadas, Através de sua pesquisa, compreendemos que o atendimento e a técnica da trançadeira, que resultam na qualidade do penteado. Outras questões como, o valor da mão de obra e, por fim, as questões religiosas, podem determinar a escolha das trançadeiras.

A pesquisa de Eufrásia Songa (2018) é importante para compreender os mecanismos simbólicos que envolvem essas relações. Para a autora, o ato de trançar o cabelo no sul de Angola possui diversos significados, porque quem trança e é trançado submetem-se à força da tradição sociocultural. Para Eufrásia Songa (2018), a cabeleireira (*onuwindi*) depois de adquirir a prática das tranças começa a trabalhar com a ajuda do "espírito". Nesse sentido, a autora ressalta que as técnicas do corpo exprimem a diversidade cultural e afirmação da identidade. Por meio de sua dissertação compreendemos que trançar é uma maneira de comunicar simbolicamente, uma linguagem e a materialização de um pensamento estético expressado pelos dedos. Além disso, na dissertação de mestrado referida

compreendemos com diferentes variações de penteados possuem significados a cada ciclo de vida, ou status social da mulher.

Em suma, por meio de Simmel (2004) compreendemos que o sentimento da fidelidade possui uma característica afetiva, pois caso a relação perdesse um sentimento particular é devolvido nessa interação. De fato, há uma busca por fidelidade na medida que, espera-se que a relação extrapole, ou seja, relações de amizade e gratidão sejam geradas, ao conviver no salão para trançar os cabelos, mas também que retribua voltando para trançar.

Prevejo o quanto esse “ofício”, parafraseando Luane Santos (2018), exige tanto das mulheres negras quanto das trancistas, pois elas trabalham por horas, devido ao tempo médio para finalizar os penteados trançados, que duram de quatro a oito horas. Assim como é necessário produzir no mínimo dois ou três penteados por dia. Já as mulheres, em sua maioria mulheres negras, acabam “viciadas” por penteados trançados e justificam o seu uso constante no dia a dia, o que vai além da questão utilitária de um penteado bonito confeccionado pela trancista num determinado período, mas também existe a relação simbólica entre aqueles que fazem e recebem os penteados trançados.

Em síntese, compreendemos que os cabelos possuem um valor estimável para a apresentação corporal. Pintar as unhas, por exemplo, são alocadas em segundo plano. Apesar de também possuir notabilidade na composição desse corpo. Quando iniciei o trabalho de campo em 2021, Joelma já havia convidado duas manicures para trabalhar no salão, contudo, a procura foi baixa. Ambas deixaram o posto. As pessoas que passam pelo espaço, buscam especificamente por penteados trançados.

2.4 “PESSOAS BRANCAS DEVEM FAZER O CABELO DE PESSOAS BRANCAS E PESSOAS NEGRAS DEVEM FAZER O CABELO DE PESSOAS NEGRAS”

Percebi situações que envolviam as mulheres não negras ao passarem pelo salão. Como acompanhantes de futuras clientes, elas controlam as conversas e sentem a necessidade de agradar acentuadamente. Alocando, portanto, o salão “afro” como um espaço fora da sociedade, um lugar encantado que precisa ser validado por um “olhar dos de fora”. Para que assim, as trancistas e clientes sintam-se seguras para prosseguir. Com artifício de tecer opiniões sobre estética afro-americana que

raramente possuem algum tipo de domínio, como os penteados trançados, mas que, em contrapartida, detêm segurança pessoal de sobra para validar.

Por volta do meio-dia, o salão geralmente ficava rodeado pelas amigas de trabalho da irmã e prima de Joelma, que aproveitavam o horário de almoço ali, pois o supermercado onde trabalham é próximo. Certo dia, saí com Hevellinny e encontramos uma amiga da irmã de Joelma, a quem chamarei de Ângela. Ângela, uma mulher negra de aproximadamente quarenta anos, mantém uma relação de amizade com a família de Joelma e é presença constante no salão, apesar de não ser cliente. Com seu comportamento alegre e brincalhão, Ângela cria um senso de pertencimento para as pessoas negras que frequentam o local. Em uma ocasião, ao notar a presença de uma pessoa não negra, Ângela brincou: "Melhor se comportar, tem gente branca aqui", demonstrando de forma jocosa que certos comportamentos são vistos como quase exclusivos de um grupo étnico-racial específico.

Uma mulher de pele clara e cabelos cacheados grisalhos entrou no salão de beleza para trançar os cabelos. Enquanto as trancistas começavam a trabalhar, ela contou uma experiência pessoal: muitas pessoas questionavam por que ela optava por trançar os cabelos, com comentários como "por que você faz isso na cabeça?". Ela respondeu às perguntas: "Esta ação tem como objetivo resgatar minha negritude, uma vez que sou uma mulher negra". Ela também expressou sua frustração ao perceber a rejeição das pessoas em relação à sua identidade negra. A maioria das pessoas, no entanto, não se envolveu na discussão sobre o tema.

Por fim, muitos discursos no salão trouxeram o debate para compreensão de questões identitárias. Como o uso de penteados trançados como uma forma de usurpação da cultura negra, questões como apropriação cultural, um conceito que atravessa o senso comum com facilidade. "Na branca é estilo, para nós é feio" (relato coletado no diário de campo, agosto de 2024). Sendo assim, cito Stuart Hall (2020) que afirmou que elementos da cultura negra são um campo de batalha, onde significados e identidades são constantemente negociados e contestados. Para o autor, a cultura negra não é estática, mas dinâmica, ou seja, está constantemente em processo devido às influências e pressões externas e internas. Além disso, posturas de resgate à "negritude" como o caso descrito acima de uma mulher de pele clara trazem controvérsias sobre as formas de identificação étnico raciais no Brasil.

Dessa forma, cito Kabengele Munanga (2020) em "Rediscutindo a mestiçagem

no Brasil: identidade nacional versus identidade negra”. Ele contribuiu para os estudos sobre as relações raciais e da identidade negra no Brasil. Para ele, o processo de miscigenação no país é historicamente controverso e complexo. Ele argumentou que, apesar de a miscigenação ser frequentemente celebrada como uma característica benéfica e única da identidade nacional brasileira, ela também tem sido usada como uma ferramenta para esconder e perpetuar desigualdades raciais. De acordo com o autor, a ideologia da miscigenação promoveu a ideia de uma "democracia racial", na qual as diferenças raciais seriam supostamente inofensivas. Para ele, essa narrativa esconde o racismo estrutural e as hierarquias raciais no país.

Dessa forma, Kabele Munanga (2020) argumentou que o reconhecimento crítico da dinâmica da miscigenação é crucial para enfrentar e combater o racismo de forma eficaz. Seriam supostamente diluídas e inofensivas. Contudo, essa narrativa obscurece o racismo estrutural e as hierarquias raciais no país. Kabele Munanga (2020) pontuou que a miscigenação, ao invés de acabar com o racismo, contribui para sua manutenção, pois cria uma falsa sensação de harmonia racial.

Rodney William (2019) apresenta uma análise crítica e aprofundada das dinâmicas de poder e desigualdade que envolvem a apropriação cultural. Para ele a apropriação cultural é a utilização de elementos de uma cultura por membros de outra, geralmente dominante, sem o devido reconhecimento, respeito e compreensão do contexto histórico e social desses elementos.

Assim, Luane Santos (2013) apontou que no contexto gerado pela problemática do racismo, as trançistas criam formas e meios de aceitação. As tranças são uma maneira de alcançar essa autoaceitação diante dos conflitos étnico-raciais. Ela ressaltou que o Brasil é definido por práticas e discursos racistas, logo o ato de fazer tranças é uma forma de sobrevivência laboral, identitária e contestatória. Em vista disso, oferecer penteados percebidos como inferiores em relação aos cabelos lisos é ir contra a ordem mercadológica. As trançadeiras exercem uma vocação política.

Para Joelma, “pessoas negras devem fazer o cabelo de pessoas negras e pessoas brancas devem fazer o cabelo de pessoas brancas”. Essa declaração reflete a especificidade racial na construção do seu ofício de trançista ao produzir penteados afros. O salão afro, portanto, torna-se um local onde as pessoas podem tirar dúvidas sobre penteados afros, muitas vezes gerando estranhamento para aqueles que estão habituados a salões “convencionais” (Santos, 2013). Para a referida autora, a aceitação dos penteados afros nos salões “convencionais” é baixa. Todas essas

questões revelam a propensão da existência de alguns conflitos raciais. Sendo assim, ela afirmou que os entrevistados(as) que exercem a profissão de trancista ou trançador não conseguem se imaginar trabalhando nos bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro, situações que expõem os obstáculos enfrentados pelos negros para alcançar a ascensão no mercado de trabalho

A trança nagô é a trança que tem sido usada por mulheres não negras. A influenciadora Virginia postou durante a pesquisa de campo uma fotografia nas redes sociais com penteado após a gravação de um clipe musical. Houve discussões sobre apropriação cultural, devido à cor da sua pele. Joelma comentou sobre o assunto, porém trouxe outro viés: “está malfeita, Deus me livre! As tranças desses famosos são todas feias”. Ela valoriza o seu trabalho, pois tem domínio das práticas necessárias para apresentar um penteado “bem-feito”. Como trancista, Joelma me perguntou se deveria trançar ou não cabelos de pessoas brancas. Ela disse: “Eu preciso de dinheiro, mas isso não significa que os penteados ficarão iguais aos nossos.” Os tranças foram desenvolvidos para os cabelos crespos. O capítulo quatro da tese de Luane Santos (2022) descreveu como as tranças são desenvolvidas para os cabelos crespos. Assim, como Joelma afirmou. Além disso, considero que há uma ligação ao trançar os cabelos.

Observei que, embora não houvesse hostilidade em relação a mulheres não negras no salão, esperava-se delas um comportamento assertivo que evitasse desconfortos, como elogiar constantemente os cabelos crespos e a pele negra. Joelma e Hevellinny esforçam-se para explicar sobre os penteados e os cuidados necessários. Espera-se dessas mulheres uma compreensão prévia dos estilos que pretendem adotar. O nível de paciência para dúvidas e solicitações também é permeado por questões raciais. Assim, em alguns casos, as tensões são disfarçadas. Na colocação dos penteados trançados é comum escutar reclamações sobre a dor. Atentei-me para um tipo de conhecimento que a interpreta pelo viés do costume: na medida que a cabeça começa a receber mais penteados trançados, o desconforto sucessivamente torna-se habitual. Demonstrações de sofrimento não são estimadas, notei uma experiência maçante ao narrar sobre o trançar de cabelos de mulheres não negras.

Além disso, pressupõem que mulheres negras são habituadas a sentirem dor no processo de manipulação dos seus cabelos. São construídas expectativas de uma postura “forte” defronte à dor correlacionadas à cor da pele. Denise Cruz (2018), ao

tratar sobre as centralidades das cabeças como adornos pessoais entre as moçambicanas, constatou que a resistência corporal é um atributo essencial. Possuir resistência à dor, é deter um valor. Sendo assim, a autora destacou que em muitas culturas, inclusive a brasileira, a execução dos penteados trançados pode ser analisada através da dimensão do sacrifício: gastar grande parte do tempo e dinheiro. Além disso, sentir dores, com o intuito de um investimento estético. Contudo, ela ressaltou que o ritual de preparação das tranças é extremamente lúdico, não há tampouco uma jornada extensa só de sacrifício, pois existem conversas descontraídas sobre variados assuntos ao som de músicas etc.

Isto posto, mulheres “brancas” são interpretadas como aquelas que “dão trabalho”. Em fevereiro de 2023, a Anvisa proibiu a comercialização de pomadas modeladoras. Elas são consumidas por possuírem alto poder de fixação dos fios. No *Salão Afro Tranças*, as pomadas modeladoras são consumidas pelas trancistas para facilitar o manuseio ao trançar. Ela é aplicada com o auxílio de um pente fino nas áreas atribuídas para cada trança. Após dividir os espaços corretamente é possível unir com praticidade o cabelo ao jumbo ao trançar.

Após a divulgação de ocorrências na mídia constatando que o produto pode ocasionar irritação nos olhos e até mesmo cegueira, Joelma afirmou que nunca encontrou problemas do tipo, visto que isto é causado devido ao mau uso. No decorrer do assunto, ela pontuou que a maioria desses casos acontece com “mulheres brancas”, que começaram a ter acesso aos penteados trançados atualmente. Nessa perspectiva, a trancista reconheceu que as mesmas não dispõem de entendimento suficientes sobre os cuidados indispensáveis. Relacionando, portanto, que a facilidade ao cuidar dos penteados trançados é uma aptidão para mulheres negras.

Joelma assegurou a responsabilidade em instruir sobre a lavagem correta dos penteados. É essencial retirar o excesso do produto, ou seja, fazer uma lavagem com xampu antes do contato, com a água da piscina ou do mar. Até o exato momento, a trancista também associa os problemas de saúde à mistura de composições químicas da pomada com o cloro e o sal.

Observei que no *Salão Afro Tranças* era comum observar através da porta de vidros a execução dos penteados afros. Por ser um local de circulação. Em muitos momentos, eram recorrentes abordagens para compreender o tipo de trabalho oferecido, ou até mesmo para tecer elogios.

Joelma, ao avistá-las, sinalizou com a cabeça, indicando que podiam entrar. Observei que muitos perguntavam sobre penteados trançados, *megahair*, entre outros. Aqueles acostumados com outros tipos de salões, que não eram "étnicos", frequentemente se surpreendiam com a falta de disponibilidade imediata, já que não era possível agendar um penteado trançado para o mesmo dia. Além disso, esses clientes não procuravam outros serviços como unhas ou sobrancelhas. Há uma procura expressiva por penteados afros que demoraram em média de três a oito horas para ficarem prontos, reforçando, portanto, a relevância da produção da cabeça na representação corporal, tanto de pessoas que frequentam o espaço, quanto de pessoas que apenas passaram para buscar informações. Notei, que é isso que se espera desse salão "étnico". Sendo assim, era comum passar no *Salão Afro Tranças* para tirar dúvidas sobre penteados trançados e fazer penteados trançados.

Luane Santos (2013) constatou que as trançadeiras no ambiente dos salões de beleza existe um fascínio do público após a compreensão dos métodos utilizados para fazer as tranças. Em contraponto, a autora destacou que as trançadeiras não são inseridas em outros locais, ou seja, ficam concentradas nos locais direcionados para a população negra (os salões "étnicos").

2.5 "O DESEJO POR MUDANÇAS CAPILARES

Observei que muitas mulheres ao soltarem os cabelos para trancarem escutavam das outras: "esse cabelo é seu mesmo?". "Quem trança uma vez, não deixa de trançar mais". Arelada a ela, termos como "tranças viciam". A partir daí, busquei compreender os motivos dos "vícios". Em primeiro lugar notei a relevância do cabelo na produção estética do corpo daquelas mulheres. Percebi também que o número de penteados trançados que eu tinha consumido desde que comecei o trabalho de campo aumentaram. Foi assim, que notei a necessidade de compreender as dinâmicas dos usos. Escutei uma frase que explicou uma parte desse tópico: "Quem trança uma vez, não deixa de trançar mais". Além disso, questões como: "agora que estou de tranças, vou tirar novas fotos" (maio de 2022, relato coletado no trabalho de campo).

Na bibliografia sobre o tema, temos questões importantes sobre o lugar que o cabelo ocupa na vivência da população negra. Para Luane Santos (2019), as inquietações da população negra em torno do cabelo crespo são mais antigas que a

escravidão moderna sofridas por africanos. A preocupação com o cabelo das pessoas negras é resultado do racismo sobre os sujeitos. Constatando que os processos racistas que formam as mulheres negras no decorrer de suas vivências acarretam traumas que muitas das vezes são naturalizados, ela afirmou que numa sociedade racista como a brasileira, o grupo dominante é o branco, logo a branca possui um grande valor nas relações sociais.

Eu comecei a alisar o cabelo, porque todos falam que cabelo liso é bonito... primeiro foi com o pente quente. Com o passar do tempo foram aparecendo outros produtos... no meio dos brancos a gente se sentia inferior, além da cor ainda tinha o cabelo, pelo menos na minha época. (Camila, 59 anos - cliente do salão)

Quando deixei de usar químicas, comecei a usar tranças e foi o que aumentou minha autoestima enquanto mulher preta. Eu amo as tranças! Me sinto muito bem com a possibilidade de mudar de cabelos sem prejudicar o meu cabelo (Caroline, 26 anos). O bom das tranças é que eu já acordo pronta". (Relato do diário de campo, 07 de julho de 2021).

Foi na infância que comecei os cuidados capilares. Percebi que precisava de produtos químicos para conseguir usar o meu cabelo solto. Eu adorava brincar com uma toalha de banho na cabeça para simbolizar o cabelo grande e solto que eu não tinha. Recordo que aos dez anos de idade comecei a frequentar um salão de cabeleireiro com a minha prima. Foi ali que senti o cheiro da química pela primeira vez. Eu sabia que sairia dali transformada para me apresentar socialmente. Da adolescência até a metade da vida adulta utilizei técnicas de alisamento capilar. Eu não frequentava piscinas para evitar molhar o cabelo. "Escovar" e "pranchar" era um processo cansativo. Eu tinha um ato repetitivo de olhar o cabelo colocando um espelho na nuca de frente para outro espelho. Se o meu cabelo fosse junto com a nuca estava perfeito, mas se ele ficasse parado não. Sempre me disseram que "cabelo de preto vivia armado" e eu precisava descobrir. Em 2014, com vinte e dois anos, resolvi entrar na "transição capilar". Foi um momento muito difícil, porque eu precisei lidar com as duas texturas capilares: a que estava crescendo e a que estava alisado. Recebi muitas críticas e foi necessário aprofundar no assunto para entender sobre os cuidados necessários com o cabelo crespo. Encontrei no Youtube e Facebook informações de mulheres negras que também passavam pelo processo e compartilhavam sobre o assunto. Um ano depois realizei o *big shop*. O *big shop* é uma palavra do vocabulário inglês que indica grande corte. O corte é feito para retirar as partes que ainda restam resquícios de produtos químicos. Depois do *big shop* comecei a cuidar do meu cabelo o que revigorou a minha autoestima. Em 2019, o meu cabelo já havia crescido. Mas senti um desespero novamente e questões como fator encolhimento e frizz estavam me incomodando. Eu estava me tornando uma referência de empoderamento feminino negro através do meu cabelo. Conversando com meninas negras. Por que eu não poderia me alisar novamente? O que estava me impedindo? Foram por causa dessas dúvidas

inconstantes que eu conheci a Joelma (relato coletado do diário de campo, abril de 2022)

Desde a infância comecei a alisar meu cabelo aos 14 anos, pois minha autoestima estava baixa devido ao meu cabelo. Meu cabelo nunca crescia e foi aí que comecei a usar alongamento. As pessoas achavam que eu não me aceitava, mas eu tinha um problema: se não usasse o alongamento, não me sentia bem o suficiente para sair de casa ou receber visitas. Sofri bastante com essa situação, acreditando que sem o cabelo liso eu era horrível e que não conseguiria arranjar um namorado. Cheguei a fazer alisamentos em casa que queimavam muito o couro cabeludo. Certo dia, decidi parar de alisar e encontrar a beleza no meu cabelo natural. Foram três anos de transição. Minha mãe tinha medo de tranças e chegou a dizer que com elas eu não conseguiria um emprego. Mesmo assim, decidi mudar e fui com minha prima até a padaria usando as tranças, ainda relutante em abandonar o alongamento. Com o tempo, me acostumei com as tranças. Durante a época do meu TCC, precisei fazer testes na cozinha da faculdade, pois cursava gastronomia. Cheguei lá decidida, mas fui barrada por não conseguir colocar uma touca no meu cabelo. Fui até o banheiro chorar, pois a coordenadora do curso disse que não poderia entrar na cozinha daquele jeito. Minha mãe se prontificou a fazer uma touca para mim. Durante a “transição capilar”, descobri não só meu cabelo, mas também a liberdade de o usar como ele é. Sempre busco manter as tranças, pois me sinto bem com elas (Danúbia, relato coletado no diário de campo, junho de 2021).

Os relatos das mulheres que frequentam o salão trouxeram duas pontuações importantes: os alisamentos químicos e o desuso deles, processo conhecido como “transição capilar”. Pois bem, primeiramente de acordo com Ângela Figueiredo (2018), na sociedade brasileira alisar os cabelos não é visto apenas como um exercício de beleza, mas também como uma forma de aumentar a classificação da cor, tornando-se menos preto. Dada a importância do cabelo na determinação do lugar na escala de classificação de cores, o movimento negro brasileiro utilizou o cabelo natural como símbolo de identidade. O modelo dominante do movimento jovem feminista negro no Brasil hoje é assumir uma identidade negra baseada na ‘autoaceitação’. Desde a infância, os penteados alterados quimicamente são um momento consciente de reconhecimento para as mulheres negras. Dessa maneira, é preciso compreender que alisar o cabelo não é embranquecer, mas é uma forma de minimizar as agressões verbais sofridas nos ambientes sociais.

As falas que situam Danúbia, como bolsista na faculdade de Gastronomia. Entendimento sobre estética e relações de poder, Sueli Carneiro (2003) apontou que a “boa aparência” é uma exigência que as mulheres negras acusam com uma forma de barrar as ambições das populações negras, principalmente das mulheres no

mercado de trabalho. É conhecido pelo movimento das mulheres negras a distância que divide negro e brancos na esfera ocupacional, logo, é o seu intuito colocar fim nessa distância que assume proporções maiores quando gênero e raça são considerados. Grada Kilomba (2020) aponta que o racismo cotidiano é caracterizado por um conjunto de discursos, imagens, gestos, ações e olhares que apresentam o negro e as pessoas de cor negra como sendo a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca. Ela afirma que, ao ser o "outro", estamos vivenciando o racismo, não somos "outros", somos nós mesmos. O "Cotidiano" significa que essas vivências não são pontuais. Sendo assim, o racismo cotidiano afeta significativamente toda a experiência de vida.

Bell Hooks (2005) também afirmou que algumas mulheres lhe disseram que usar o cabelo alisado é uma estratégia de sobrevivência na sociedade. A autora acredita que mesmo quando optamos pela forma de usar o cabelo, fica óbvio que sofremos agressões racistas e sexistas e que isso abala a intensidade como nos sentimos capazes de cultivar o autoamor e de reiterar a nossa presença. Nesse sentido, ela certificou que o racismo e o sexismo juntamente com os meios de comunicação e a publicidade exibem que nós — as mulheres negras — não ficamos bonitas e atraentes se não modificarmos o nosso cabelo, logo, é imprescindível que não concordemos com essas questões quando descobrimos que a supremacia branca atrapalha nossos empenhos para construir nossa identidade e nossa individualidade. Grada Kilomba (2020) preciso atentar na maneira pela qual o racismo está interligado às questões de gênero.

Para o melhor entendimento sobre o debate devemos compreender que ao discutir sobre esse tema, cito Luane Santos (2021). A autora afirmou que foi propagado no imaginário social o mito do louro. Esse mito introduziu a compressão no pensamento social brasileiro, em que possuir algum aspecto de louridade é confortável, ela cita que ele foi constituído no século XIX pela elite brasileira, apoiado por teses racistas, visando o embranquecimento da população, cabelos lisos e pele clara são constituídos de poder. Já o cabelo crespo é considerado inferior socialmente (Santos, 2022). Sobre o abandono das químicas, processo conhecido como "transição capilar" que consiste em várias etapas que visam a mudança de penteados, mas cada etapa acaba sendo capaz de invadir e afetar suas vidas a nível pessoal e pessoal. O cabelo cacheado aparece como símbolo e possibilidade no processo de transição capilar. (Camargo, 2018).

Para Larissa Gomes (2017), a mudança altera não apenas o que está acima de nossas cabeças, mas também nossas relações, percepções e emoções, e desvenda o racismo comum a todas as trajetórias de corpos negros e portadores de cabelos crespos. Nesse sentido, os cabelos cacheados no processo de transição capilar constituem um sistema simbólico junto com dispositivos e tecnologias compartilhados entre os cessionários (Gomes, 2017).

A categoria "cabelo natural" também foi discutida por Jocélio Santos (2000) que afirmou que além de ser um sinal diacrítico, o cabelo "natural" é importante para a linguagem simbólica de diferença em relação ao cabelo liso. Nesse sentido, cabelo "natural" significa reconhecer a origem africana e o tratamento que o separa dos outros (Santos, 2000).

Jocélio Santos (2000) mostrou que o aumento da conscientização das pessoas negras sobre as questões raciais, o uso do "cabelo natural" serve como instrumento político, porque ele implica reconhecer a origem africana. Além de ser um sinal diacrítico. O cabelo "natural" é importante para a linguagem simbólica de diferença relativamente ao cabelo liso. Denise Cruz (2018) afirmou que os movimentos de "retorno aos cachos" liderados por mulheres são fenômenos pertinentes para pensar nos padrões normativos de beleza feminina centrados na Europa. Inicialmente, pontuo o que Nilma Gomes (2002) descreve, sobre as práticas do negro com o cabelo. Inicialmente, não acontecem com a experiência dos alisamentos químicos. As tranças são os primeiros penteados usados pelas meninas negras durante a infância. Segundo a autora, a manipulação das tranças conduz a história do negro desde a África, em que os métodos vão modificando no decorrer dos anos. Compreende-se após citar Nilma Lino, um novo tipo de relacionamento que as mulheres adquirem com as tranças na vida adulta, assim como foi mostrado nos relatos.

Enfim, para Nilma Gomes (2002) a identidade negra é formulada por uma complexidade. Na vida adulta, é necessário que as mulheres negras se reconciliem com as tranças, devido ao estereótipo atrelado à infância. Nesse sentido, elas passam a apresentar de outra forma. Estilizadas e com desenhos habilidosos, contudo o processo não acontece sem conflito, pois gera outro significado ao pertencimento étnico racial. Sendo assim, nesta pesquisa, percebi como as mulheres demonstram uma necessidade extrema por uma trançista. Prevejo o quanto esse "ofício", parafraseando Luane Santos (2018), exige tanto das mulheres negras quanto das trançistas, pois elas trabalham por horas, devido ao tempo médio para finalizar os

penteados trançados, que duram de quatro a oito horas. Assim como, é necessário produzir no mínimo dois ou três penteados por dia. Já as mulheres, em sua maioria negras, acabam “viciadas” por penteados afros, atribuindo pontos satisfatórios que justificam o seu uso constante no dia- dia. Para Luane Santos (2010) é considerado inferior socialmente. Dessa maneira, a autora acredita que alisar os cabelos não é uma forma de embranquecer, mas de minimizar as agressões verbais sofridas nos ambientes sociais.

Segundo Nilma Gomes (2019), devido a importância do cabelo como mecanismo de procedência étnica, o movimento negro brasileiro utilizou o cabelo natural como símbolo de identidade. O modelo dominante do movimento jovem feminista negro no Brasil hoje é assumir uma identidade negra baseada na

‘autoaceitação’. Ao ler essa frase no diário de campo: “Quem trança uma vez não deixa de trançar nunca mais” (relato coletado do diário de campo, maio de 2021) e associá-lo com as narrativas das interlocutoras, percebi que essa frase pode expressar diversas perspectivas em torno dos penteados trançados: com a facilidade de cuidado no cotidiano, a possibilidade de mudanças recorrentes, seja nas cores, tamanhos etc. Assim como a realidade de experiências que passam a ser vividas pela mulher negra ao usar penteados trançados. Assim como o uso das tranças é uma forma de resgate das emoções e potencialidade da negritude: “Nós sentimos realizadas a cada mudança de cabelo, a autoestima elevada e um sonho realizado, porque você pode ter o cabelo que você quiser” (relato coletado no diário de campo, junho de 2022).

Através dos estudos de Luane Santos (2017) podemos entender que o corpo que utiliza tranças e turbantes, é um corpo que questiona, que resistiu aos fundamentos eurocêntricos colonizadores, pois usar o cabelo sem química, com volume ou com adornos de matriz africana, expressa resistência e propõe uma nova estética para as mulheres negras. Segundo Consolação Lucinda (2004), o cabelo é uma parte do corpo humano, que abriga intervenções e mudanças. Para a autora, essas transformações são menos ideológicas do que as que ocorreram nesta época, pois há uma busca pelo aspecto do belo, passível de manutenção no dia-dia, com preços acessíveis, ou seja, uma questão mais prática do que ideológica.

Nesse sentido, ao compreender os penteados trançados nas narrativas citadas pelas interlocutoras, percebemos o que Nilma Gomes (2002) afirmou sobre práticas do negro com os cabelos. Para a autora, as tranças são os primeiros penteados

usados pelas meninas negras durante a infância. Segundo a autora, a manipulação das tranças conduz a história do negro desde a África, em que os métodos vão modificando no decorrer dos anos.

Afirmo que esses penteados trançados que as interlocutoras começam, ou retornam o uso, como mostra Luane Santos (2013), indicam que fazer tranças não é nada novo nos espaços de sociabilidade para pessoas negras, pois o penteado é um recurso estético com diversos significados. Para a autora, o seu uso é histórico. Mesmo vivenciando inúmeras opressões, as pessoas negras nunca deixaram de usar tranças. Nesse sentido, a autora enfatiza que a técnica foi socializada nos ambientes domésticos, nos salões de beleza e na construção da autoestima.

Em suma, percebi que os cabelos possuem um valor estimável para a apresentação corporal. Há uma procura expressiva por penteados afros, que demoram em média de três a oito horas para ficarem prontos, reforçando, portanto, a relevância da produção da cabeça na representação corporal, tanto de pessoas que frequentam o espaço, quanto de pessoas que apenas passaram para buscar informações. Sendo assim, como mostrou Denise Cruz (2015), a produção dos cabelos possui uma relevância na produção estética corporal em Maputo, Moçambique. Nesse sentido, essa pesquisa demonstrou que para as mulheres que frequentam o salão, os cabelos são estritamente relevantes na produção da estética corporal. Entendo que o conceito “fazer o cabelo” transmite a ação de produzir uma cabeça. Compreendo que escovar o cabelo com o secador, usar a prancha para alisar os fios ou passar creme de pentear não correspondem à concepção de “fazer o cabelo”. Existe uma dimensão mágica que comunica um ritual no “fazer o cabelo”: retirar os “cabelos” anteriores, deixar o cabelo sem nenhum produto e desembaraçado, e, por fim, escolher o “novo cabelo”.

Para Denise Cruz (2021) através do cabelo imprimimos o modo de estar no mundo, os cabelos falam, se estamos numa festa, se amamos, se temos liberdade etc. Nesse sentido, a autora escreve corporeidades no plural, devido às múltiplas formas de conceber o corpo. Dando continuidade sobre o que foi discutido no tópico anterior, as mudanças são feitas através do “fazer o cabelo”. Sendo assim, escolher o “novo cabelo” traz uma euforia, uma sensação de transição do velho para o novo “cabelo”. Assim, o “cabelo” entre aspas refere-se ao cabelo que colocamos, enquanto o cabelo sem aspas refere-se ao cabelo que naturalmente temos. O “cabelo” é aquele que fazemos ou pagamos para fazer, englobando a surpresa e a possibilidade de

escolhas. "Já escolheram o cabelo que vão fazer?" Não é qualquer pessoa que "faz os cabelos". Para obter bons resultados, o "fazer o cabelo" está estritamente ligado aos penteados afros e às trancistas, que dominam as regras estabelecidas. As trancistas "fazem cabelos". Esses "cabelos" são feitos manualmente e expressam a profundidade do artesanal e da ancestralidade. Compreendo o trabalho de Joelma como um condutor para apresentar a possibilidade de escolhas. Por meio dessas questões, "fazer o cabelo" é uma expressão que possibilita a troca constante dos penteados afros dentro do universo das cores e tipos de cabelos orgânicos. Desestruturando o estável, o "cabelo" traduz momentos, emoções, fases de vida, superação, términos etc.

A mudança proporciona a sensação de bem-estar, uma passagem para uma nova fase. Uma força para enfrentar novos desafios através do novo "cabelo". Uma renovação de autoestima. Tanto que, quando se faz um "cabelo" é comum pensar no próximo que será feito, ou em um sentimento de tristeza caso não haja condições financeiras para arcar com os próximos penteados. Ressalto novamente que a transformação não é apenas estética, pois os clientes ressaltaram os efeitos da utilização das tranças nas relações amorosas, questões que envolvem questões afetivas que perpassam o gênero e a raça. Enfim, concluo com Denise Cruz (2018) que afirmou que, trocas de cabelos, são trocas para o surgimento de novas mulheres. Sobre as extensões capilares que acontecem através do uso do jumbo, por exemplo, ao construir um novo penteado.

Luane Santos (2022) na sua tese de doutorado destaca que ao unir os cabelos sintéticos com os cabelos crespos é possível aumentar o comprimento das tranças. Sendo assim, o cabelo sintético, uma estética utilizada pelas mulheres negras na diáspora onde é possível observar cabelos sintéticos trançados até a cintura. Para a autora, as tranças longas podem manifestar a construção de identidade apoiada na estética corporal africana. Nesse sentido, usar extensões capilares podem modificar a forma como as mulheres se enxergam e são enxergadas socialmente, vide os relatos que mostram uma relação entre o uso dos penteados trançados aumentam ou ajudam nas investidas amorosas.

Para Luane Santos (2013), as tranças podem ser entendidas como recurso estético que possui múltiplos significados, mas é importante ressaltar que o seu uso é histórico. Socializado pela passada de geração em geração nos ambientes

domésticos, encontrada nos salões de beleza e transformada em produto de trabalho e união com a prática de construção da autoestima das pessoas negras.

Nesse sentido, “fazer o cabelo” torna-se uma necessidade dentro do entendimento sobre a estética corporal dessas próprias mulheres, interpretadas através das construções sociais sobre as relações étnico-raciais e representação do cabelo crespo no Brasil. A funcionalidade deles no cotidiano das mulheres depende exclusivamente do tipo de penteado e ocasião, devido à duração de cada um desses e suas funções.

3 O SALÃO: “UM ESPAÇO “ACONCHEGANTE”

Esse capítulo tem como objetivo descrever as relações sociais vividas no espaço do salão e os laços que são construídos por meio da atuação das trançistas. Assim, através de um trabalho etnográfico, apresento o cotidiano do *Salão Afro Tranças*. Destaquei, portanto, as interações sociais e os seus diversos usos. O salão de beleza afro investigado é um espaço de sociabilidade. Assim como foi mostrado nos diversos trabalhos sobre o tema, como o de Patrícia Bouzón (2010).

Nilma Gomes (2019) mostrou que os salões afro ou étnicos tratam de questões étnico-raciais, políticas e sociais para a população negra. Sendo assim, trataremos de perspectivas que proporcionam a compreensão de um espaço como lugar de associações e pertencimentos. Sendo assim, o objetivo do capítulo é proporcionar um locus de pesquisa que demonstre que o *Salão Afro Tranças* é crucial para a resistência através das convivências comunitárias.

3.1 O COTIDIANO DO SALÃO AFRO TRANÇAS

Ao me sentar no sofá, percebi que Joelma estava trançando o cabelo de sua irmã. Acompanhavam, através do celular, filmes sobre as histórias bíblicas. A nossa conversa se concentrou na religião, ou, mais especificamente, nas explicações religiosas sobre a criação do mundo. A conversa informal iniciou-se enquanto Joelma exibia um filme sobre a vida de Jesus em seu celular, levantando a hipótese de cobrança por serviços de carpintaria prestados por ele. Hevelliny concluiu que era possível, tendo em vista as suas necessidades básicas. Um tempo depois a interação ficou concentrada num tema centralizado: "a maçã de Eva representava o pecado?" Notei, naquele momento, que o filho mais velho de Joelma também estava presente. Para ele, a maçã representava o pecado, mas, para as trançistas, seria uma forma de expiação pelos humanos que não resistiram à tentação da serpente. Posteriormente, houve conclusões que levaram à compreensão de que estamos numa sociedade conflituosa devido à Eva ter comido o fruto proibido, o que, de fato, gerou o pecado: "então, tudo é culpa da Eva". Joelma entregou-me a Bíblia e começou a interpretar o Livro de Apocalipse. Em seu *WhatsApp*, era possível ouvir áudios de um grupo de oração. Mais tarde, ela assistiu a uma novela pelo aplicativo do celular, enquanto segurava o aparelho para que pudesse escovar os cabelos.

Discutimos sobre o tio adoentado que foi levado pela sobrinha para fazer um empréstimo. Assunto que estava recorrente nas mídias brasileiras naquele momento. A irmã de Joelma aproveitou para lembrar a reportagem que passou no Fantástico, apresentando novas informações sobre o tema. Dessa forma, Joelma deixou de assistir ao filme sobre a vida de Jesus e foi buscar vídeos sobre o tema. Decidiu assistir à edição inteira do Fantástico. Sabia que a melhor reportagem seria deixada para o final, para manter a audiência. A conversa, posteriormente, tomou um rumo diverso ao tratarmos de um empréstimo concedido por um parente, trazendo à tona memórias de uma reportagem exibida no programa Fantástico da Rede Globo.

Enquanto Joelma procurava vídeos sobre o tema, decidi assistir à edição completa do programa, convencida de que a melhor reportagem seria reservada para o final, para manter a audiência. Entre uma trança e outra, percebi que Hevelliny costumava comer pipocas. Salgadinhos artificiais amarelos, encontrados em supermercados e padarias, têm diversos sabores. Adicione cebola ao alho, queijo ou presunto. Elas abriram os saquinhos com a língua, pois estavam manipulando a pomada. Não podiam manipular com as mãos ou sujá-las. Havia uma garrafa de guaraná, copos e uma mesa. Elas ingeriam com rapidez.

O filho Joelma, de sete anos, perguntou: "mãe, posso ir à casa da vovó?". "Você pode, mas deve, primeiramente, fazer o seu dever e vir aqui para me mostrar". Escutei um barulho de carro, era o primo de Joelma chegando. Ele subia as escadas. Ele apareceu e disse: "Olá, meninas. Como estão vocês?" Ele conversou sobre o trabalho e saiu novamente. Ele solicitou autorização para visitar a avó, sob a condição de finalizar as suas tarefas escolares e apresentar o seu trabalho à mãe. O primo de Joelma chegou de carro, cumprimentando-os antes de partir novamente após uma breve conversa sobre o trabalho. Após finalizar as tranças da irmã, Joelma demonstrou a sua exaustão, brincando que até dormiria na cadeira. Naquele dia, Joelma dava conselhos amorosos a um jovem. Um vendedor itinerante chegou em um carro para entregar mercadorias à trancista. Ela solicitou-me que aguardasse. Após meia hora, ela retornou acompanhada do filho e Hevelliny, trazendo produtos para revenda, tais como cobertas, jogos de panelas, escova secadora, fones de ouvido etc. Também comprei alguns pares de meias. Joelma revelou recentemente que se converteu à igreja evangélica. Dessa forma, chegamos a um debate sobre os finais dos tempos e o Apocalipse.

Joelma também estava ocupada. O namorado trouxe um prato de comida e ela se alimentava rapidamente. Uma cadela se movimentava pelo local. Joelma chamou o filho mais velho que estava em casa e solicitou que o ajudasse a preparar o irmão para a escola. Em seguida, o filho do meio ligou para a avó por vídeo chamada. Enquanto isso, um jovem de personalidade bastante reservada aguardava para trançar os cabelos. Um susto interrompeu a tranquilidade quando o outro cão de Joelma conseguiu se soltar da corrente. O filho do meio conseguiu manter a situação sob controle. Às vezes, o local é ocupado pelas amigas de trabalho da irmã e prima de Joelma. Elas ficam ali durante o horário de almoço. O supermercado em que trabalham está situado ali perto, o que significa que o salão é utilizado para atividades de lazer e preparo das refeições.

3.2 AS SOCIABILIDADES NO SALÃO AFRO TRANÇAS

“Em Alisando os nossos Cabelos” (2005) Bell Hooks (2005) afirmou que o salão de beleza é um espaço onde as mulheres negras podem expressar suas frustrações, atribulações e fofocas. Além disso, é um local de repouso e descanso. As mulheres costumam levar os filhos para brincar no chão do salão. Em relação ao salão investigado não há um investimento significativo em entretenimento para as clientes, como aparelhos de televisão ou conexões à internet. A conversação é o fio condutor da sociabilidade para uma interação lúdica (Simmel, 1985). Joelma afirmou o quanto é desconfortável quando as clientes são caladas, pois o tempo não passa. Como foi ressaltado, o objetivo do salão para Joelma é “dividir experiências” e “ficar à vontade”.

Diferentemente do que ela vivenciou no salão de “mulheres brancas”.

Sendo assim, se não é possível conversar, o objetivo não é concluído. As frequentadoras levam acompanhantes, familiares e conhecidos para o salão. Mesmo que os penteados trançados demorem para serem feitos, as pessoas permanecem ali. É possível interagir grande parte do tempo com as trancistas, pois elas prezam por esse tipo interação no espaço do salão. Os penteados trançados demoraram em média de duas a oito horas para ser feitos, por isso aqueles que acompanham os clientes realizam atividades diárias, como ir ao centro da cidade, pagar contas ou comprar lanches, e, depois, retornar ao salão. É notório que as mulheres trazem suas crianças para brincar no chão do salão, enquanto as mães trançam os cabelos. As

crianças acompanham as mães e, sem muito tempo disponível, preferem brincar com objetos disponíveis ou usar celulares.

Luane Santos (2022) aponta que trançar cabelos é uma prática social comunitária. Sendo assim, o *Salão Afro Tranças* é um espaço de convivência social voltado para pessoas negras, sendo relevante para o lazer através da conversação e do encontro em um ambiente acolhedor. Isso fica evidente quando uma cliente, após finalizar o penteado, retorna ao salão para socializar, evidenciando o ambiente tranquilo encontrado nas conversas. Para Patrícia Bouzón (2010), nos salões de beleza, as mulheres se encontram para conversar, compartilhar histórias e transformações subjetivas. Para a autora, o salão de beleza é importante para a sociedade pública e privada, pois a sociabilidade nesses espaços é um processo de manutenção de um vínculo de pertencimento e identificação. As mulheres, portanto, o utilizam para manter e estabelecer relações (Bouzón, 2010).

Num certo dia, fui à "rua" com Hevelinny. Encontramos uma amiga da irmã da Joelma no caminho. Nomearei de Ângela. Uma mulher de aproximadamente quarenta anos, que tem relações de amizade com a família de Joelma. Ela não é uma cliente, mas está sempre por perto. É extremamente alegre, divertida e promove uma grande quantidade de risos no salão. As brincadeiras realizadas por Ângela demonstram um tipo de pertencimento por parte das pessoas frequentam o local. Quando retornamos ao salão, Ângela já estava lá. Ela falava alto e contava as histórias que ocorriam no seu trabalho. As risadas aumentaram quando a irmã Joelma chegou. Ângela levantou a voz enquanto percorria o salão. Ao fazer esse movimento, ela trincou uma parte do espelho que estava fixado na parede. O alvoroço estava formado. Joelma queria um novo espelho e solicitou que ela ligasse para a vidraçaria. Após a quebra do espelho, a irmã de Ângela entrou no salão e disse que ela não havia deixado comida para os filhos. Ela ouviu: "Estou muito nervosa? Quebrei o espelho do salão, mas havia uma dívida". Ela se sentou no sofá, pegou o telefone celular e ligou para a vidraçaria. Ângela disse repetidas vezes que solicitaria à amiga que imprimisse um espelho no cartão de crédito dela, uma vez que a amiga era rica. Ela gravou um vídeo no *Whatsapp* para os filhos informando que teria que permanecer no salão, uma vez que havia quebrado um espelho. As crianças estavam irritadas com o atraso da mãe. A irmã da Joelma também esteve presente e teve conhecimento do episódio. Em pouco tempo, o funcionário da vidraçaria chegou para medir o espelho novo e, dessa forma,

foi elaborado um orçamento. Ângela ficou no salão por horas, contando as histórias do supermercado que envolvem a prima e a irmã da Joelma.

A sociabilidade no *Salão Afro Tranças* também é vivida através do convívio do comer conjunto. As refeições podem ser adquiridas no salão, como pipocas, doces e chocolates. O espaço pode ser utilizado por pessoas próximas para a realização de suas refeições, como por exemplo, o "coleguinha" — interlocutor que apresentarei posteriormente. Em seus escritos e memórias Bell Hooks (2005) descreveu a intimidade que existia na cozinha ao se alisar o cabelo, o cheiro do peixe frito e o refrigerante sendo servido. A sonoridade do soul estava presente na conversa também. Joelma e Hevelliny adquirem alimentos de comerciantes que comercializam de porta em porta. Além disso, auxiliam no comércio alimentício das áreas próximas, consumindo lanches rápidos entre um "cabelo" e outro. Os vendedores de roupas e sapatos aparecem para deixar os produtos. Normalmente, retornam em datas específicas do mês para receber o pagamento e apresentar novas mercadorias.

Normalmente, os homens trancam os cabelos acompanhados das esposas e dos filhos. Embora não seja uma regra, tenho observado com frequência. Gostam de conversar sobre a possibilidade de as tranças terem um "estilo" estético na produção do corpo negro masculino. Os usos sociais do salão "afro" para homens também podem se estender à estética. Está alinhada ao diálogo e à criação de uma rede de relações. Cabe destacar dois interlocutores que convivem de forma habitual no espaço, mas que, em geral, não utilizam os serviços oferecidos, como o "coleguinha". Nunca tive a oportunidade de conhecer o seu verdadeiro nome. Ele mantém laços de amizade com a trancista e sua família. Dessa forma, a alcunha transmite uma proximidade.

Saliento, portanto, um outro interlocutor que frequenta o salão, mas não é cliente, o "coleguinha". "Coleguinha" é um apelido dado a um homem negro de aproximadamente trinta e poucos anos. Ele é amigo da Joelma e tem laços de amizade com a sua família, motivo pelo qual recebeu o apelido. Ele é natural da cidade de Belo Horizonte, mas reside em Santos Dumont. Passava boa parte do tempo no salão contando curiosidades sobre a sua "terra natal" ou vendendo alguns produtos para os clientes. Após algum tempo, ele decidiu se mudar para a Galeria Geovanes e começou a frequentar regularmente o espaço. Quando coincidem os horários de almoço de Joelma, do "coleguinha", da prima de Joelma e da irmã, todos solicitam marmitex e comem no salão. Às vezes, eles vão ao restaurante do Tia Lê,

também no Centro. Quando a refeição é feita no salão, eles escolhem o cardápio pelo Whatsapp. Nos horários mais próximos da comida ocorre uma circulação de pessoas que passam vendendo produtos alimentícios.

Além do “coleguinha”, temos outro rapaz que nomeei Ricardo. Um rapaz de vinte e poucos anos, que possui laços de parentesco com Joelma e frequenta o salão para conversar. Ele debate sobre a política local e consegue articular sobre todos os assuntos possíveis. Tive a oportunidade de participar de um bate-papo sobre religiões de matriz africana com ele. Nesse dia, Ricardo relatou sobre a importância da umbanda na formação espiritual dos seus avós. Ele relatou que após o falecimento deles, ele sentiu na obrigação de cuidar das imagens dos santos mesmo sendo evangélico. Além de perceber um enfraquecimento da família depois que os rituais da umbanda pararam de acontecer. A cliente que estava fazendo o “cabelo” nesse dia, mais Joelma e Hevelliny, explicaram que de alguma forma ele sente falta da energia que os rituais feitos com os santos emanava, significa que há uma ligação com aquela religião. Ricardo ficou desconcertado, pelo fato de ser evangélico. Ele saiu para comprar pipoca e trouxe a sua bicicleta para colocar dentro do salão, porque ele tinha acabado de sair do trabalho. Ao retornar, ele queria entender sobre a criação dos orixás. Todos nós utilizamos nossos conhecimentos e conversamos sobre essas questões.

Certa vez, entramos no debate sobre a gestão da pandemia do covid-19 e do auxílio emergencial. O “coleguinha” não gostou do posicionamento político, colocado por mim, por Joelma e Hevelliny. Mas essas conversas geram conflito, relatou Joelma. Ela me disse uma vez que uma cliente deixou de seguir um rapaz que estava no salão quando descobriu o candidato que ele votava. O “Coleguinha” ficou alguns dias sem conversar comigo e com a Hevelliny pelo nosso posicionamento político. A polêmica foi tensionada pelo papel que Joelma exerce dentro do espaço do salão, como mediadora que visa construir um espaço propício para debater e conversar sobre assuntos considerados relevantes para a transformação da sociedade. Assim como a minha presença no espaço, pois sou conhecida por todos como professora de sociologia. Essa denominação foi atribuída a mim. Colocaram-me no lugar de “politizada” que interfere nas discussões. Vale ressaltar que a conjuntura política do país também despertou o interesse.

O salão é um "ponto de encontro" devido à sua localização central e fácil acesso, onde se constroem e fortalecem relações de familiaridade. A conversa é

essencial para promover a sociabilidade, e a ausência dela torna o tempo no salão desconfortável, conforme afirmado por Joelma. O objetivo do salão, segundo Joelma, é "dividir experiências" e criar um "ambiente confortável", contrastando com o ambiente impessoal dos salões "de mulheres brancas". Já para as clientes remonta um espaço de "aconchego".

A venda de produtos, como DVDs pelo "coleguinha", e discussões sobre temas variados, como política e religião por Ricardo, exemplificam a dinâmica social do salão. A interação lúdica e a troca de histórias pessoais destacam a importância do salão como um espaço de resistência cultural e construção de identidade, refletindo sobre questões estéticas e sociais que afetam a comunidade negra.

O *Salão Afro Tranças*, na perspectiva de Joelma, difere-se dos salões das "mulheres brancas":

Eu sempre me senti desconfortável dentro de um salão. Eu ia, porque tinha que arrumar cabelo. Se eu pudesse ir eu não ia... Eu não me sentia confortável, porque nos salões daqui de Santos Dumont é raro... Então, eu sempre pensei em abrir um salão "afro" onde as mulheres vão se sentir à vontade que foi sempre o meu forte. Que a mulher chegasse, sentasse e se sentisse à vontade. De estar sendo tratada por uma mulher negra que vive o que ela vive, que entende o que vive, que sente o que ela sente. Então, toda a cliente minha que chega aqui vai ser tratada com carinho, vai trocar experiências do que a gente já viveu com aquele cabelo, do que a gente vive com aquele cabelo. Todas as minhas clientes ficam bem à vontade, porque é um salão "negro" é um salão "afro" onde elas podem dividir experiências, sentir aquilo que eu sinto, me contar e ficar à vontade. O porquê de abrir um salão "afro" é devido ao constrangimento que eu passava quando eu ia em salões de mulheres brancas (Joelma, julho de 2022).

Cintia Cruz (2013), através dos dados coletados na sua dissertação de mestrado: "Cabelos Mágicos: Identidade e Consumo entre as mulheres Afrodescendentes no Instituto Beleza Natural", se viu na tentativa de compreender se a interlocutora havia frequentado um salão de classe média. A resposta obtida, ressaltou que a insatisfação, ao frequentar esse tipo de salão, variava conforme o cabelo e o procedimento, pois os alisamentos químicos eram considerados procedimentos menores quando comparados à tintura e ao corte. Sendo assim, através da interlocutora, o trabalho da autora mostrou que o cabelo crespo não é a primeira opção quando há outros cabelos que possibilitam outras demandas para os

cabeleireiros. Exatamente pelo fato que o alisamento químico é ofertado para esse tipo de cabelo.

No intuito de compreender a importância da vivência no espaço do salão, tive o privilégio de conversar com Renata, uma cliente de 59 anos. Ela começou a frequentar o *Salão Afro Trancas*, por meio de uma sobrinha, que também a apresentou aos penteados trançados. Trouxe a sua trajetória, pois fui surpreendida ao perceber que outros espaços ocuparam e marcaram a sua memória ao falar sobre cabelos e socialidade. As primeiras relações de Renata com o seu cabelo misturam-se com a nostalgia de um cômodo específico de sua casa: a varanda. Era na varanda, que Dona Josefina, a sua mãe, colocava uma cadeira todas as manhãs para fazer trancinhas no seu cabelo.

A lembrança entre o pentear de cabelos e a relação calorosa entre mãe e filha era carregada de afeto, observada entre os vizinhos que caminhavam por ali. Ela destacou o racismo sofrido durante a trajetória escolar. Naquele ambiente, suas tranças eram alvo de comentários racistas que as condenavam rotineiramente, como "tranças de Bombril". Na adolescência, no final da década de 1970, o cuidado com o cabelo passou para outro cômodo da casa. O pente quente precisava ser esquentado no fogão. Conseqüentemente, a cozinha passou a ser utilizada para esticar os cabelos. Modificando também a rotina, pois as "trancinhas" eram todos os dias e o pente quente era utilizado apenas aos sábados. Bell Hooks em "Alisando os nossos cabelos" demonstrou como a cozinha era ocupada por mulheres negras, produzindo significados através do contato umas com as outras ao esticarem seus cabelos.

Era uma casa que não era salão. Elas tinham o pente quente em casa e aprenderam a usar em casa melhor que as outras senhoras e arrumavam o cabelo. Era um preço simbólico. Cobrava mesmo, porque estava usando gás. A gente nem via pagando muito. Tinha uma cadeira de madeira mais simples, um espelhinho, uma mesinha, na mesinha ficava no canto, o pente quente e o Marcel. Ela usava o fogareiro para aquecê-los. Ocasionalmente, Edna arrumava as unhas das freguesas que arrumavam o cabelo, os esmaltes ficavam na mesma mesa numa casa à parte. Não era um salão, porque não tinha uma placa de identificação, eu só lembro de eu indo com a minha mãe, não tinha nome, não tinha nada não. Nem telefone naquela época. Eu lembro da minha mãe chamando lá. A única coisa que eu recordo era da minha mãe falando vamos mais cedo que lá fica muito cheio, eu não lembro das pessoas marcando horário. Eu só lembro das pessoas chamando lá (Renata, marco de 2023).

A casa era aconchegante, mas precisava separar-se um quarto para executar os serviços. Nesse cômodo as mulheres se ajeitavam para

Edna passar o pente quente, mas utilizado para esticar cabelos crespos longos e o Marcel para cabelos mais curtos. Edna era uma senhora muito alegre, elegante e fumava bastante (Renata, relato coletado na entrevista realizada julho de 2022).

Dona Edna dizia ser importante para mulheres arrumarem os cabelos e pintarem as unhas. Evidenciando a vaidade como um elemento importante para senhoras casadas em seus casamentos e moças solteiras na vida amorosa. As crianças podiam esperar as mulheres brincando no exterior da casa, mais precisamente na varanda, juntamente com os filhos de Edna. Renata ressaltou haver boatos sobre a moralidade do local, porque Edna adorava piadas com duplo sentido. Além disso, não morava nenhum homem na casa, deixando, portanto, a sua vida amorosa suspeita das indagações. Além disso, ela afirmou que naquela época um espaço frequentado por pessoas negras era considerado imoral.

Sobre as potencialidades que os cuidados com os cabelos proporcionam nos espaços sociais, Denise Cruz (2018) afirmou que o quintal é um espaço importante para a sociabilidade, um espaço comum. Na sua pesquisa foi observado como as mulheres circulavam por esse espaço com os cabelos aos ventos, escutavam música e dançavam ao trançarem os cabelos. Além disso, a autora afirmou que na investigação, a aparência não deve ser confiada a qualquer pessoa, devido as extensas horas de cuidado, além dos tipos de conversa que são compartilhados. Bell Hooks (2005) proporciona um entendimento das práticas culturais que envolvem os espaços onde as mulheres cuidavam dos cabelos através de uma vivência comum. A cozinha, nos escritos da autora, remonta as memórias ao alisar os cabelos atravessado por músicas e o cheiro de peixe frito. Eufrásia Songa (2017) mostrou que a categoria “praça” abarca um conceito que as mulheres angolanas definem os espaços de circulação de serviços, salões de beleza, comércio de roupas etc. Nesse local, as “moças das tranças”, ou seja, mulheres que realizam tranças na praça, podem receber seus familiares, realizam as suas principais refeições, pois a maior parte do tempo é vivido no local.

No mais, o espaço construído por Edna em sua casa para cuidar da estética das mulheres sobre a perspectiva de Renata, que atualmente frequenta o *Salão Afro Tranças* proporciona um entendimento sobre a importância desses espaços para o protagonismo feminino. Sendo assim, os diálogos trazidos nesse tópico foram estruturados para compreensão que tanto o salão de Edna, quanto o *Salão Afro*

Tranças, são locais que podem ser compreendidos com que Patrícia Collins (2019) denominou de espaço seguro. Para autora, o espaço seguro são locais onde são questionadas as imagens de controle, a dialética de opressões e mecanismos de resistência às mesmas.

É importante, portanto, compreender o conceito de imagens de controle para a autora. Nesse sentido, Winnie Bueno (2019) afirmou que as imagens de controle estão relacionadas à forma como as opressões se desenvolvem e como se articulam a partir da organização social. As instituições são fundamentais na regulação das opressões.

Sendo assim, para a autora, elas são instrumentos ideológicos usados pelas elites dominantes para impedir que as mulheres negras exerçam suas capacidades de cidadania, pois são baseadas em estereótipos articulados pela categoria de raça e sexualidade, retomando sobre o conceito de espaços seguros de Patricia Collins.

Winnie Bueno (2019), uma grande estudiosa da autora, explica que os espaços seguros são locais de rearticulação das mudanças para as mulheres negras, uma vez que elas podem criar subjetividades. A permanência das mulheres negras, que definem as suas próprias narrativas e validam o empoderamento feminino (Bueno, 2019).

Para Patricia Collins (2019) a mídia e ações governamentais difundem imagens de controle das mulheres negras, que são negativas, visando o quão importante é uma busca coletiva por voz própria. Nesse sentido, ela reforça como as afro-americanas buscam as redes familiares ou as comunidades negras para combatê-las. As discussões de Patrícia Collins (2019) são fundamentais para o entendimento da relação de construção do "outro" no mecanismo operante do racismo. À vista disso, Patrícia Collins (2019) atentou que sem os padrões de beleza, através dos padrões binários, as loiras magras não poderiam ser consideradas bonitas, pois é necessário o Outro: mulheres negras com características africanas, pele escura, nariz largo e cabelo crespo. Nesse sentido, as mulheres negras e brancas no pensamento binário são opostas. Sendo assim, o pensamento binário é uma ferramenta das imagens de controle.

Joelma demonstrou, através de sua narrativa de Joelma, como o mecanismo do "outro" funciona, ou seja, ao que frequenta o "salão de mulheres brancas" não ocupou o lugar de sujeito devido as condições que sucederam no atendimento recebido. As imagens de controle, bem como as maneiras como são percebidas na sociedade para que a dominação seja efetivada, permitem compreender o motivo pelo

qual o salão de Edna, em sua residência, ao buscar a ressignificação delas, era percebido socialmente como inadequado.

Em suma, Patricia Hill Collins (2019) descreveu que o conceito de imagens de controle, dentro desse arquétipo do "outro", são imagens negativas formuladas por grupos de elite no poder, que manipulam ideias sobre a condição das mulheres negras e coloca nelas uma condição de inferiorização. Para a autora, estabelecer padrões dominantes de beleza, encaixa perfeitamente num exemplo de como as imagens de controle desvalorizam as mulheres negras, pois permitem que as opressões interseccionais funcionem. A interseccionalidade é um conceito que abrange o entendimento das opressões numa sociedade. Partindo da compreensão de que elas não atuam sozinhas, mas em conjunto. No caso das mulheres negras, a raça, classe e gênero, pode ser entendido como uns dos mecanismos operantes.

3.3 O SALÃO E O QUILOMBISMO

Ao investigar sobre essas vivências no salão, fiz uma reflexão sobre Abdias do Nascimento em "Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africana" a partir da noção do mesmo sobre o conceito de quilombismo. Primeiramente, para o autor, os quilombos são o resultado da necessidade vital dos africanos escravizados de resgatar sua liberdade e dignidade. O quilombismo é composto por formas associativas que preencheram uma função relevante para a comunidade negra (Nascimento, 1980).

De acordo com Abdias do Nascimento (1980), as redes de associação, irmandades, escolas de samba, dentre outras, foram os únicos focos de resistência física e cultural permitidos pela sociedade dominante. Preciso citar a importância do Teatro Experimental do Negro (TEN) que serviu como veículo de aprendizagem e saber cultural na sociedade brasileira e que demonstra o papel histórico, político, cultural e social de atuação no país e principalmente de Abdias do Nascimento. Diferentemente dos quilombos que conhecemos, que não foram, portanto, considerados legais pela sociedade dominante. No entanto, ambos são uma unidade de afirmação humana étnica e cultural, interferindo numa prática de libertação.

Para Abdias do Nascimento (1980) é preciso que codifiquemos a nossa existência, os nossos conceitos e práticas para expressar a realidade da coletividade negra. Dessa forma, a população negra atual tem como objetivo construir o que foi

descrito por ele como histórico-humanista do quilombismo. Sendo assim, o conceito constitui uma base para assegurar a dignidade humana da população negra brasileira, que sofre pelas péssimas condições de trabalho no capitalismo e gerações de desigualdades (Nascimento, 1980).

O quilombismo em espaços urbanos é o título do artigo de Paula Batista (2020), que realiza uma revisão teórica sobre autores que dedicaram a escrita sobre o conceito de quilombos, assim como Abdias do Nascimento. Propus nesse tópico citar o seu trabalho, pois ele proporciona uma discussão sobre quilombos em espaços urbanos, categoria que busco dialogar com o Salão Afro Tranças, que dediquei a investigação nessa tese. Ao utilizar o conceito de quilombos na perspectiva de Abdias do Nascimento, para se referir aos espaços urbanos onde as comunidades negras se organizavam em resistência e solidariedade, semelhantes aos quilombos históricos. Espaços de refúgios de identidade e cultura afro-brasileira, além de lutarem por direitos e igualdade.

Para Paula Batista (2020), o Aparelha Luzia, como quilombo no espaço urbano localizado na cidade de São Paulo, onde mulheres negras fazem atividades para valorizar a cultura afro-brasileira, luta contra o racismo e promove a igualdade racial. Faço um adendo para relatar a minha experiência, pois visitei o Aparelha Luzia, em 2023 com uma amiga. A sensação de pertencimento que senti começou na entrada para evento, em que os organizadores não cobram ingressos, mas perguntam para o público se eles podem fazer uma doação singela para contribuir no funcionamento do Aparelha. Vale mencionar, que não é obrigatório. Ao entrar no espaço fui contagiada com o público cantando *Cuff it*, uma música do penúltimo álbum da cantora norte-americana Beyoncé.

As pessoas se abraçavam, faziam passos de dança, se recolhiam no lado externo do espaço. Foi assim, que percebi a necessidade de mencionar essas associações políticas e culturais de resistência no trabalho. Para refletir sobre o *Salão Afro Tranças* na perspectiva na cidade de Santos Dumont preciso acrescentar que Nilma Gomes, em "Corpo e cabelo: símbolos da identidade negra", reiterou que o surgimento dos salões afros está relacionado a um contexto histórico e político dos movimentos sociais do final da década de setenta. Eles se consolidaram e começaram a ser divulgados nas décadas de oitenta e noventa nas grandes cidades. Os grupos se estabeleceram de forma gradual nas cidades do interior, mas, até o presente momento, não são significativos. Segundo a autora, existem razões regionais, sociais

e econômicas que explicam essas questões. A localização em centros urbanos permite o contato com o cosmopolitismo, a movimentação de ideias, a possibilidade de exposição do seu trabalho, além de enfrentar conflitos políticos.

Dessa forma, para a autora, apesar de existirem mais salões afros nos centros urbanos, eles não estão distantes das camadas populares, pois estão próximos às galerias, mercados e lojas populares. A lógica para essa localização parte do pressuposto de que são nesses espaços que a comunidade negra reproduz a sua existência, logo, não é adequado se afastar deles.

Desse modo, o Salão *Afro Tranças* é um espaço de sociabilidade para pessoas negras. Possuindo uma grande relevância para o lazer através da conversa e do encontro, por ser um "ambiente aconchegante". Uma cliente que já tinha "feito o cabelo" retornou ao salão para conversar. Nesse dia estavam presentes uma senhora de oitenta anos e mais uma cliente. Eles conversaram sobre as percepções que as pessoas tinham sobre os seus cabelos. Ela disse: "não dá vontade de ir embora daqui, porque aqui é aconchegante". O aconchego é encontrado através da conversa.

Sendo assim, ele é um "ponto de encontro" por ser um salão "afro" situado no centro, de fácil localização, onde as relações de familiaridade são construídas e acentuadas.

Ao estabelecer no centro da cidade de Santos Dumont, O *Salão Afro Tranças* pode ser visto como um quilombo em espaço urbano para resistência cultural, política e social pela população na cidade. Sendo assim, em sequência, citarei as redes que o salão de beleza afro construiu durante a pesquisa.

3.4 A CONSTRUÇÃO DE REDES E O MOVIMENTO DANDARA

Joelma convidou-me para participar de um coletivo: o Movimento Dandara, fundado por ela no espaço do salão no mês de julho de 2022. Além disso, fiz um pedido para que eu pudesse dar aulas sobre questões étnico-raciais. Contudo, esse projeto não foi efetivado. Expliquei a proximidade, na época do meu exame de qualificação. Além disso, ainda não tinha voltado para Santos Dumont. Criaram um grupo no *WhatsApp* pela sobrinha de Joelma. A primeira reunião aconteceu no salão. O objetivo desse encontro foi debater uma estrutura de organização. A estrutura do movimento era composta por presidente, vice-presidente e direção. Como presidente, a trancista concedeu um cargo na direção juntamente com Sthefany. Em vista disso,

Hevelinny ficou com o cargo de vice-presidente. O intuito da direção era escrever os documentos necessários para os possíveis parceiros que pudessem agregar com o coletivo. Já a presidência, coordenava. No aplicativo de mensagens, apresentaram a formação da estrutura do coletivo, para outros membros dele.

Segundo Joelma:

O objetivo do Movimento Dandara é dar voz ao povo negro, povo da periferia, povo de classe baixa. Queremos ter a nossa vez de mostrar para a sociedade, nosso conteúdo, nossa vida, nossa luta, nossa história e através do movimento, quero abrir portas, para criarmos eventos, ações, estudos, oportunidades, tudo relacionado a nossa cultura! (Joelma, julho de 2022).

O primeiro evento do coletivo foi uma ação social que aconteceu no dia 23 de julho de 2022. Seu objetivo foi debater sobre o Dia da Mulher Negra Latina Caribenha, assim como o dia de Teresa de Benguela. O evento reuniu algumas trançistas, manicures e design de sobrancelhas — todas negras — para oferecer os serviços gratuitos para as mulheres negras da cidade: e demonstrou que a estética no corpo preto também é política.

Joelma também foi convidada pela Faculdade Educacional São José, para proporcionar às mulheres da Comunidade Quilombola de São Sebastião da Boa Vista, em Corujas, Santos Dumont- MG, por meio de uma ação social o acesso à valorização da estética negra. Organizou-se para oferecer a confecção das tranças nagôs — a escolha foi baseada no tempo gasto para a execução, que é menor comparado aos outros penteados trançados, ou seja, no máximo 20 minutos — *design* de sobrancelhas e manicure. Procurando profissionais do campo da estética que pudessem oferecer os seus serviços no dia da ação social. Nesse dia, órgãos públicos de Santos Dumont, distribuíram absorventes e roupas usadas para a doação. Nesse dia em específico, o evento foi avariar fundos para a instalação de redes de internet na comunidade.

Muitos moradores são estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora e não conseguem realizar os seus trabalhos devido a falta de conexão. Nesse dia, conversei com uma moradora. Ela me levou na casa que foi dos seus avós. Ela me disse: "é extremamente importante construir políticas públicas para os nossos". Além disso, pontuou " a forma como as pessoas não negras chegavam na comunidade para fazer eventos, muitas das vezes tinha um viés assistencialista".

A comunidade Quilombola de São Sebastião da Boa Vista têm lutado pelo reconhecimento dos seus direitos perante a Prefeitura Municipal de Santos Dumont. O apagamento da história da localidade é atravessada pelo mecanismo de perpetuação do racismo e o entendimento de que os mesmos não são cidadãos daquele município. Não há um debate acerca da Comunidade não é mencionado a sua história e nem a sua pertença a Santos Dumont

Ao conversar com uma moradora da comunidade Quilombola de São Sebastião de Boa Vista, tive conhecimento sobre a sua posição perante a ação:” essas pessoas trazem absorvente aqui, como se não tivéssemos dinheiro para comprar”. Foi assim que comecei a perceber a importância de mencionar o quanto os povos tradicionais são excluídos da realidade da cidade. Santos Dumont, num ônibus ofertado pela instituição no período da manhã.

Recebi o convite de Joelma para participar da solenidade. A festa em Homenagem a São Sebastião. Nesse dia, fui a uma Kombi com as trancistas para a Comunidade. O sol estava muito quente. Tivemos um trajeto de chão de terra, o automóvel precisou fechar as janelas. Passamos por "Velha Dores", um distrito da cidade de Santos Dumont. Os alunos da faculdade fizeram uma pausa para apreciar a igreja de Nossa Senhora das Dores, que afundou no início da década de noventa devido à formação da bacia de Chapéu D'Uvas. Contudo, os escombros da igreja ressurgiram ao longo dos anos; por isso, é considerado um templo de fé.

Ao chegarmos à Comunidade Quilombola de São Sebastião da Boa Vista, nos instalamos na sala da Associação dos Moradores. Logo, após, fomos conhecer a Biblioteca Comunitária. Tivemos a oportunidade de escutar uma fala sobre a importância daquele espaço que recebe os livros doados, em homenagem a uma pedagoga da comunidade que teve uma trajetória de luta e inspiração educacional com os trabalhos realizados nesse área.

Larissa Dias (2018), no artigo “Comunidade Quilombola São Sebastião da Boa Vista: cotidiano, resistência e políticas públicas”, apontou que a Comunidade Quilombola de São Sebastião da Boa Vista, anteriormente conhecida como povoado de Corujas, está situado na área rural do distrito de Dores do Paraibuna, a 23 km do município de Santos Dumont (MG) na Zona da Mata Mineira, com a população aproximada da comunidade de 125 habitantes, com cerca de 35 moradias. Os pontos principais do trabalho de Larissa (2018) retrataram que com a falta de trabalho no campo, a construção civil na cidade de Juiz de Fora, tem sido o maior meio de

sobrevivência. Ela também pontuou sobre a importância da religiosidade que tem grande impacto nas atividades locais, que se organizam e interagem não somente nas manifestações religiosas, todavia também na integração com a comunidade no âmbito privado e coletivo.

A partir de julho de 2022, eventos como o mencionado acima tornaram-se parte do dia a dia das trancistas, uma vez que Joelma me informou ter criado “O Movimento Dandara” e me convidado a participar. Ela enfatizou que o nome do grupo era uma referência a Dandara, mulher de Zumbi dos Palmares, destacando “a importância da mulher se movimentar na sociedade”. Solicitaram que eu revisasse alguns escritos sobre os objetivos do grupo. Um texto breve ressaltava a importância da união de pessoas negras para ocupar espaços na cidade com lazer e cultura. Inicialmente, o

Movimento Dandara seria o título do terceiro capítulo da minha tese. Contudo, devido à falta de recursos e ao entendimento limitado do movimento, decidi descrevê-lo apenas em um tópico, reconhecendo que não poderia deixar de mencioná-lo.

Dessa forma, ao conduzir o trabalho de campo, tive dificuldades significativas para compreender o objetivo real de uma reunião de mulheres e homens pertencentes à família de Joelma, denominada Movimento Dandara. Os eventos promovidos por este grupo foram dois: a Feijoada Dandara e o Desfile da Beleza Negra.

Joelma era uma figura central na organização e coordenava as atividades. Como membro do grupo, fui solicitada para auxiliar na distribuição das mesas durante a Feijoada. Contudo, não cheguei com antecedência em relação aos outros membros, uma vez que estava revisando o texto final da minha qualificação. Este atraso foi criticado pela presidente, uma vez que não cumpri com o combinado. As tarefas foram divididas em três grupos: a cozinha, onde Joelma e suas irmãs preparam e servem a feijoada; o bar, sob a responsabilidade das irmãs e sobrinhas de Joelma; e a caixa, sob a responsabilidade de uma irmã de Joelma. Minha função, junto com duas sobrinhas de Joelma, era servir as mesas e verificar se os clientes precisavam de algo. Em uma reunião subsequente, realizada presencialmente todas as sextas-feiras, percebi que minhas opiniões foram interpretadas como desinteresse, especialmente devido ao atraso e à falta de vontade de assumir outras responsabilidades. Comecei a questionar os limites entre a pesquisa e o envolvimento pessoal.

Fui questionada sobre minha posição como mulher de ensino superior, o que, em determinados momentos, era percebido como uma superioridade pelas trancistas do grupo. Resolvi parar a pesquisa para refletir sobre a minha atuação e as limitações

do campo. Não tive a oportunidade de conversar com as mulheres da família de Joelma sobre o Movimento após o segundo evento, devido à minha saída abrupta dos grupos de comunicação.

Inicialmente, considerei não incluir esses acontecimentos na tese, mas percebi que seria uma perda significativa para as discussões propostas. Solicitei que uma amiga lesse alguns parágrafos sobre o Movimento Dandara e ela perguntou como eu poderia escrever sobre algo que não tinha compreensão total. Compreendi a sua crítica e decidi discutir minhas limitações, reconhecendo as expectativas dos interlocutores e as limitações que nós (pesquisadores) temos ao interpretar os dados coletados. A experiência etnográfica de Nilma Gomes (2019), ao pesquisar salões de beleza na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Mostraram que às vezes, os cabelereiros exigem que os funcionários e outros participantes frequentem eventos e trabalhos sociais, mas nem sempre eles respondem. Nos salões, as pessoas compartilham seus projetos e conversam sobre suas possibilidades e negociações.

A segunda edição do Desfile da Beleza Negra contou com a ajuda das irmãs da Loja De Pretas, mas a baixa adesão impediu o término do grupo, com membros deixando o grupo por motivos de trabalho e outros compromissos. Recebi a solicitação de minha demissão devido a divergências no modo de conduzir as atividades. As minhas opiniões divergem das da maioria, especialmente em relação ao tempo dedicado ao Movimento. Ao iniciar minha pesquisa percebi a relevância da Loja da Preta, situada estrategicamente na região central da cidade. Esta loja se destaca como a principal fornecedora de cabelos sintéticos na área, sendo, de fato, a única fonte disponível. Fundada em 2020 por duas irmãs, a Loja de Pretas é uma referência exclusiva para produtos destinados aos cuidados e estilização de cabelos crespos e cacheados na Galeria Paulo Couri, no Centro da cidade.

Meu contato frequente com as proprietárias surgiu da necessidade recorrente de adquirir suas mercadorias para meus penteados, ou até mesmo para o salão, a pedidos de Joelma. O que ajudou a consolidar laços durante a pesquisa. Em diversas ocasiões, acompanhava Hevelliny em suas visitas à loja para reabastecer os materiais do salão. Assim, familiarizei com a dinâmica do estabelecimento e adquiri conhecimento sobre a variedade de produtos disponíveis, como as cores de Jumbo, biofibras, entre outros.

Entre os anos de 2020 e 2021, uma colaboração entre Joelma, Hevelliny e as irmãs proprietárias resultou na realização de eventos voltados para a promoção da

comunidade negra em Santos Dumont. Destaca-se a Primeira Feira Afro Empreendedora, uma iniciativa destinada a fomentar o empreendedorismo negro na região. Além disso, o evento incluiu um emocionante Desfile da Beleza Negra, organizado exclusivamente por Joelma, em associação com o Salão Afro Tranças.

A Primeira Feira Afro aconteceu na quadra do Colégio Municipal São José, no dia 20 de novembro de 2021. Houve vários expositores negros (as) com produtos para venda, com o intuito de estimular a circulação de dinheiro entre eles. Além disso, aconteceu o Desfile da Beleza Negra, dividido nas categorias: adultos e infantil. As inscrições foram anunciadas nas redes sociais do salão, os interessados deveriam preencher uma ficha com informações pessoais presencialmente. O desfile aconteceu com trajes de banho e formal. Buscaram por personalidades negras da cidade para compor a bancada. “Pessoas que eu acho que aceitariam estar ali” (Joelma, relato coletado no diário de campo junho de 2022).

Nesse dia, estive na contagem dos votos. Aconteceu manualmente. Estava com as organizadoras. Acompanhei a palestra ministrada por uma professora da educação básica, bastante conhecida na cidade. Dedicou dez minutos do evento para explicar a relevância do dia vinte de novembro para a comunidade negra. Nilma Gomes (2019) apontou que a estética negra não é separada do plano político, econômico e social nas cidades urbanizadas. A pesquisa de Nilma Gomes (2019) foi realizada em diferentes salões em Belo Horizonte, Minas Gerais. A autora percebeu que, apesar de desenvolverem práticas semelhantes, cada salão tem projetos distintos em relação à estética negra. Dessa forma, a proposta de intervenção estética tem como objetivo o direito à beleza para o povo negro, o desenvolvimento de ações comunitárias etc. Além disso, o discurso de valorização de padrões estéticos negros tem intensidades diferentes nos espaços que foram investigados (Gomes,2019)

De acordo com Nilma Gomes (2019), esses projetos podem ser considerados projetos sociais, uma vez que seu alcance extrapola a prestação de serviços e o trabalho cotidiano de um salão de beleza. Esses projetos sociais estão ligados à história de vida, à construção da identidade negra e à inserção de cabelereiras na questão social, ações que, muitas vezes, representam o interesse pessoal do cabelereiro em relação à questão racial.

Figura 19 — Joelma e Hevelliny no Desfile da Beleza Negra de 2021



Fonte: O autor (2024).

Figura 20 — Evento Ela é Preta Ela é linda na Praça Cesário Alvim



Fonte: O autor (2024).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese analisou o impacto do *Salão Afro Tranças*, localizado no centro da cidade de Santos, Minas Gerais, como um espaço de valorização e sociabilidade para a estética negra, com especial ênfase em penteados trançados. Este salão não se limita à prestação de serviços estéticos, mas também é um espaço de troca de informações e fortalecimento da cultura negra, contribuindo para a elevação da autoestima das mulheres negras. A proprietária concebeu o salão com o objetivo de criar um ambiente que valorizasse a estética negra e a cultura afro-brasileira.

As trancistas, profissionais especializado em penteados afros, desempenham um papel fundamental na criação de projetos sociais e eventos com o objetivo de promover e valorizar a estética negra. Além disso, o espaço se destaca pelo resgate da autoestima das clientes através dos penteados trançados, reconhecendo a relevância cultural e de identidade. A pesquisa revelou que há uma compreensão entre as clientes de que os cabelos mais crespos e volumosos são frequentemente associados à necessidade de penteados trançados. Existe também uma fidelidade notável entre as clientes e as trancistas, evidenciando a relevância da produção corporal dos penteados trançados e a importância desse vínculo na construção da identidade e autoestima das mulheres negras. O estudo conclui que o *Salão Afro Tranças* não apenas oferece serviços estéticos, mas também contribui significativamente para a valorização da cultura negra na região.

No capítulo um, explorou-se o contexto do *Salão Afro Tranças*, situado na cidade de Santos Dumont, em Minas Gerais, uma localidade que Joelma, a proprietária, define como "cidade embranquecida". Este termo pode ser compreendido à luz dos estudos sobre branquitude e poder, que ajudam a explicar as dinâmicas raciais e sociais presentes no local. O salão, ao longo do tempo, precisou passar por diversas mudanças geográficas dentro da cidade para se manter no comércio. Joelma, uma mulher negra e trancista, enfrenta desafios significativos para sustentar seu negócio, recorrendo a outras fontes de renda, como a venda de bijuterias e lingerie no próprio salão. Ao final da pesquisa de campo, o salão passa a funcionar na casa de Joelma, evidenciando as dificuldades de manter um comércio no centro da cidade e as complexidades de conciliar sua rotina como mãe e trancista.

Como mostrado pela pesquisadora Luane Bento dos Santos, as trancistas desempenham uma "vocação política". Nesse sentido, o estudo conclui que, no salão

pesquisado, "a revolução não será alisada, mas sim crespa ou trançada". Como mostrado pela pesquisadora Luane Bento dos Santos, as trancistas desempenham uma função política importante. Nesta pesquisa, Joelma e Hevelliny contribuem para a construção de percepções identitárias entre as mulheres que frequentam o Salão Afro Tranças, dialogando diariamente sobre questões étnico-raciais e de identidade. No segundo capítulo da tese, foram exploradas as perspectivas sobre os penteados trançados entre os interlocutores. As tranças são frequentemente usadas durante o processo de transição capilar, auxiliando na recuperação da autoestima e na gestão das subjetividades. O estilo mais popular, conhecido como tranças soltas utiliza extensões sintéticas de jumbo, proporcionando um alongamento capilar que está associado à feminilidade e a um aumento na autoestima, refletido nas experiências pessoais das mulheres.

Além dos aspectos estéticos, as tranças oferecem praticidade no cotidiano, permitindo que as mulheres se sintam arrumadas sem a necessidade de cuidados diários, como pentear, secar ou alisar os cabelos. Apesar do custo financeiro e da dor envolvida no processo de trançar, o uso contínuo dessas tranças é reforçado pelos benefícios percebidos, como a renovação da autoestima. As trancistas, por sua vez, valorizam e incentivam o uso das tranças, criando uma relação simbiótica com suas clientes, que se veem transformadas pelo novo visual. No capítulo três da tese, foi demonstrado como Joelma, trancista e proprietária de um salão afro, expandiu a atuação do seu negócio para além de suas portas, criando e respondendo a demandas sociais que ela defende. Através dessa mobilização, Joelma conseguiu engajar pessoas ao seu redor em torno dessas causas, como o Movimento Dandara. O salão afro, além de ser um espaço de beleza, foi apresentado como um ponto de sociabilidade para a população negra, inserindo-se no conceito de "quilombo urbano" de Abdias Nascimento (1980). O presente trabalho demonstrou como Joelma transformou a sua realidade como mulher negra e periférica ao inaugurar o *Salão Afro Tranças* na cidade de Santos Dumont, Minas Gerais. De acordo com Jurema Werneck (2010), a herança do processo de dominação colonial levou ao aumento da desvalorização das mulheres negras e afetou os lugares onde elas circulam.

Em suma, o presente trabalho demonstrou a importância dos salões "afros" na construção das emoções e subjetividade das mulheres negras. É nesse local que acontece a valorização da identidade étnico/racial, funcionando como um espaço de sociabilidade para pessoas negras. Assim como as afirmações de Bell Hooks (2005)

em “Alisando o nosso cabelo”: mostrou como o salão de beleza é um espaço de consciência que as mulheres negras compartilham contos, lamúrias, atribuições, fofocas.

Acredito que, Joelma e Hevellinny exercem papéis inspiradores na localidade, pois suas ações extrapolam a porta do salão. Assim, esse trabalho demonstrou o que foi dito por Consolação Lucinda (2004). Para a autora, os salões de beleza “afro” funcionam direta ou indiretamente como “guarda-chuvas” de projetos sociais, cuja finalidade é favorecer os grupos mais marginalizados, de preferência as mulheres negras que estão no mapa econômico e cultural que os salões pretendem ou fazem parte (Lucinda, 2004, p.51 grifo do autor).

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís Wendel et al. **Trabajo decente y equidad de género en América Latina**. Santiago de Chile: Oficina Internacional del Trabajo, 2006.

BAIRROS, Luiza. **Nossos feminismos revisitados**. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 458-458, 1995.

BATISTA, Paula Carolina. **O quilombismo em espaços urbanos: 130 após a abolição**. Revista Extraprensa, v. 12, p. 377-396, 2019.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Edição organizada por Marcos Chor Maio. São Paulo: Sociologia e Política, 2010.192p.

BOUZÓN, Patrícia. **Construindo identidades: um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro**. UFRJ. Museu Nacional. PPGAS, 2010.

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle**. 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos avançados, v. 17, p. 117-133, 2003.

CARVALHO, Eliane Paula de. **A identidade da mulher negra através do cabelo**. Monografia de Especialização). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso**. Cadernos pagu, p. e175118, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo editorial, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista estudos feministas, v. 10, p. 171-188, 2002.

CRUZ, Cíntia Tamara Pinto da. **Os cabelos mágicos: identidade e consumo de mulheres afrodescendentes no instituo Beleza Natural**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2013.

DA COSTA CRUZ, Denise Ferreira; GOMES, Larisse Louise Pontes; DOS SANTOS, Luane Bento. **“Não é só pelo cabelo”: Cabelo crespo e mulheres negras em busca do amor interior**. Novos Debates, v. 7, n. 2, 2021.

DA COSTA CRUZ, Denise Ferreira. **O sacrifício do corpo: Categorias de conhecimento sobre o cabelo crespo que transitam entre o Brasil e Moçambique**. ODEERE, v. 3, n. 6, p. 340-365, 2018.

DA COSTA CRUZ, Denise Ferreira. **O sacrifício do corpo: Categorias de conhecimento sobre o cabelo crespo que transitam entre o Brasil e Moçambique**. ODEERE, v. 3, n. 6, p. 340-365, 2018.

DA COSTA CRUZ, Denise Ferreira. **Seguindo as tramas da beleza: cabelos na centralidade estético-corporal de Maputo**. Cadernos pagu, n. 45, 2015.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Larissa Silveira. **Comunidade quilombola São Sebastião da boa vista: cotidiano, resistência e políticas públicas**. CSONline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, n. 28, 2018.

DINIZ, Gregório Zambon. **Cidade dos homens: etnografia de um salão masculino na periferia de São Paulo**. 2016.

DO ESPÍRITO SANTO, Elisa Hipólito. **É só sobre cabelo? Manipulações capilares e relações de sociabilidade entre mulheres negras imigrantes em um salão de beleza em Lisboa**, 2018.

DOS SANTOS, Luane Bento. **Identidade de trabalho e pertença étnico-racial entre trançistas afro**. Diretor-Geral, v. 20271, p. 74-82, 2021.

etnomatemática para a cultura de trançar cabelos nos grupos afro-brasileiros. Dissertação de Mestrado em Relações Étnico-raciais. Centro Federal de Educação e Tecnologia Celso Suckson da Fonseca, Rio de Janeiro, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

FERREIRA, Daniela Alexandre. **Estética e sociabilidade: o salão de beleza como ponto de encontro**. CSONline-Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 24, 2017.

FIGUEIREDO, Angela. **Fios que tecem a história: o cabelo crespo entre antigas e novas formas de ativismo**. Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, v. 6, n. 8, 2018.

FIGUEIREDO, Angela. **Novas elites de cor: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador**. Annablume, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação densa das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

GOMES, Larisse Louise Pontes. **Posso tocar no seu cabelo? Entre o liso e o crespo. Transição capilar, uma (re) construção identitária?** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. 2012. BRASIL. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal, n. 10.639/03, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e identidade negra. Aletria: revista de estudos de literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** Revista brasileira de Educação, p. 40-51, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Democracia racial? Nada disso. Por um feminismo afro latinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora SchwarczCompanhia das Letras, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por un feminismo afrolatinoamericano**. Revista Isis

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. São Paulo, ANPOCS, Ciências Sociais Hoje, 2. ANPOCS, 1983, p. 223-244. vi

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na sociedade brasileira**. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 31, 1980.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 12º ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015

HIRATA, Helena Sumiko. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Revista Tecnologia e Sociedade, v. 6, n. 11, p. 1-7, 2010.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de pesquisa, v. 37, p. 595-609, 2007.

HOOKS, Bell. **Alisando nossos cabelos**, Revista Gazeta de Cuba, 2005. Disponível em <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: 18 dez. 2022.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019b.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todos: Políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, p. 18-23, 2018.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. S.l: Editora Elefante,

HOOKS, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. de Patriota, Rainer. São Paulo: Perspectiva, 2019.

International. Santiago, Vol. IX, junio, 1988a, p. 133-141; Gonzalez, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

KERGOAT, Danièle. **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as Políticas Públicas**, p. 55-63, 2003.

KERGOAT, Danièle. **O trabalho, um conceito central para os estudos do gênero**. Maruani M, organizadora. Trabalho, logo existo, p. 287-294, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

LEACH, Edmund. **Cabelo mágico**, in R. Da Matta (org.), Leach, São Paulo, Ática, pp. 139-169, 1983.

LODY, Raul Giovanni da Mota. **Cabelos de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2004.

LUCINDA, Maria da Consolação. **Subjetividades e fronteiras: uma perspectiva etnográfica da manipulação da aparência**. Dissertação Mestrado em Antropologia Social. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

MARTINS, Humberto. **Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia: notas críticas em tempos de audiovisualização do mundo**. Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 17, n. 2), p. 395-419, 2013.

MATOS, Édila Maria S. **Cachear e Encrespar: Moda ou Residência? Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em blogs**. Monografia, Curso de Comunicação Organizacional, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. 2015

MATOS, Lidía de Oliveira. **Transição capilar: cabelos, consumo e interseccionalidade no ciberespaço**. Dissertação (Mestre em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe. Sergipe, p. 99. 2017.

MIZRAHI, Mylene. **As políticas dos cabelos negros, entre mulheres: estética, relacionalidade e dissidência no Rio de Janeiro**. *Mana*, v. 25, p. 457-488, 2019.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 5.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

narrativas de crianças. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, v. 18, p. 153-170, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **A mulher negra no mercado de trabalho. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 259-263, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. In: RATTTS, Alex. *Eu sou Atlântica*. São Paulo: Imprensa Oficial; Kuanza, 2006

PAIXÃO, Marli Madalena Estrela. **Uma rosa para meus cabelos crespos: experiências estéticas e políticas da imagem**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Maranhão, 2008.

PUPA, Iorrana Fioreti de Menezes. **Os usos do salão de beleza: para além do consumo de estética ou sobre possibilidades de invenção de si**. 160f. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Administração do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas), Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

QUINTÃO, Adrianna M. P. **O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como performance identitária.** Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos.** Estudos afro-asiáticos, p. 49-65, 2000.

SANTOS, Luane Bento dos. **“Para ficar bonita tem que sofrer!”: a construção de identidade capilar para mulheres negras no nível superior.** Monografia de Graduação em Ciências Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, Luane Bento dos. **Conhecimentos etnomatemáticos produzidos por mulheres negras trançadeiras.** Revista da ABPN• v, v. 9, n. 22, p. 123-148, 2017.

SANTOS, Luane Bento dos. **Entre tramas e adornos: o legado africano de trançar cabelos por uma perspectiva do patrimônio CULTURAL.** REPECULT-Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura, v. 4, n. 6, p. 63–75-63–75, 2019.

SANTOS, Luane Bento dos. **Identidade de trabalho e pertença étnico-racial entre trancistas afro.** Diretor-Geral, v. 20271, p. 74-82, 2021.

SANTOS, Luane Bento dos. **Para além da estética: uma abordagem**

SANTOS, Luane Bento dos. **Trancista não é cabeleireira!”: identidade de trabalho, raça e gênero em salões de beleza afro no Rio de Janeiro.** 339 f. Tese (doutorado)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2022.

SIMMEL, Georg; KNOCH, Michael; DA COSTA PEREIRA, Maria João. **Fidelidade e gratidão e outros textos.** 2004.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal.** São Paulo: Ática, p. 165-181, 1983.

SONGA, Eufrásia Nahako et al. **(Re) significações das tranças e outros penteados em Angola: as moças das tranças na “Praça Nova” da cidade do Lubango.**, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

VAINER, Lia. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo.** Veneta, 2016.

WERNECK, Jurema. **Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo.** Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux, p. 151-163, 2009.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural.** Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.